

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Maurício Machado Sena

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DO RECONHECIMENTO NA
TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA**

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Maurício Machado Sena

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DO RECONHECIMENTO NA TRANSIÇÃO
AGROECOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Extensão Rural.

Orientador: Prof. Dr. Clayton Hillig

Santa Maria, RS

2018

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo autor.

Sena, Maurício Machado
A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DO RECONHECIMENTO NA
TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA / Maurício Machado Sena.- 2018.
126 p.; 30 cm

Orientador: Clayton Hillig
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós
Graduação em Extensão Rural, RS, 2018

1. Agroecologia 2. Ação Comunicativa 3. Reconhecimento
I. Hillig, Clayton II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

@2018

Todos os direitos autorais reservados a Maurício Machado Sena. A reprodução ou partes do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

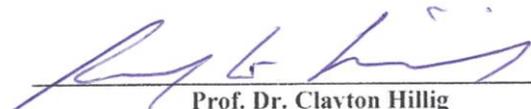
Endereço eletrônico: jornal.sena@gmail.com

Maurício Machado Sena

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DO RECONHECIMENTO NA
TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Extensão Rural,
da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em Extensão Rural.

Aprovado em 01 de março de 2018:



Prof. Dr. Clayton Hillig
(Presidente/Orientador)



Prof. Dr. Gisele Martins Guimarães (UFSM)



Prof. Dr. Décio Souza Cotrim (UFPEL)
(por videoconferência)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

À minha esposa.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço aos meus pais, Mauro e Marinara, meus irmãos Maira, Marlon e Vitória; e à minha esposa, Jéssica que são meus melhores amigos e minha maior inspiração.
- Agradeço aos meus filhotes caninos, Branquela e Pata.
- Agradeço aos meus amigos, em especial ao pessoal da Pós-Graduação em Extensão Rural, do NTE e do Kendo Santa Maria. Ffeito!
- Agradeço aos meus colegas e amigos do NEA-UFSM que estiveram ao meu lado durante os momentos da pesquisa em especial a Nayara, Marielen e Bernardo.
- Agradeço aos professores coordenadores do NEA-UFSM, Prof. Dr. José GeraldoWizniewsky, Prof^a. Dr^a. Lia Reiniger e Prof^a. Dr^a. Marlove Muniz.
- Agradeço ao NTE pela oportunidade de tentar coisas novas.
- Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Clayton Hillig por suas contribuições.
- Agradeço à banca por participar da minha capacitação como pesquisador.
- Agradeço à Prof^a. Dr^a Gisele Guimarães.
- Agradeço à Prof^a. Dr^a. Liziani Muller por me apoiar e ao LABMesc.
- Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, por me acolher e ser literalmente, minha casa.

Yo tengo tantos hermanos

Que no los puedo contar

En el valle, la montaña

En la pampa y en el mar

Cada cual con sus trabajos

Con sus sueños, cada cual

Con la esperanza adelante

Con los recuerdos detrás

Yo tengo tantos hermanos

Que no los puedo contar

(Atahualpa Yupanqui – Los Hermanos)

RESUMO

A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DO RECONHECIMENTO NA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

AUTOR: Maurício Machado Sena

ORIENTADOR: Prof. Dr. Clayton Hillig

O presente trabalho investiga a construção da autonomia e do reconhecimento junto a quatro famílias agricultoras em transição Agroecológica. Revelando a importância das experiências dos agricultores e sua relação com os agroecossistemas, na construção do conhecimento, intercâmbio de saberes e nas relações de ensino/aprendizagem da Agroecologia. Nessa perspectiva abordamos a Sustentabilidade a partir da dimensão Ética, a comunicação baseada no Diálogo, a Ação Comunicativa e a Agroecologia como campo do conhecimento. A pesquisa se utiliza de documentos, entrevistas, fotografias e material audiovisual recolhidos entre agosto de 2017 e janeiro de 2018. Fazem parte dessa experiência famílias agricultoras que participaram das ações do NEA-UFSM no período e compartilham algumas semelhanças. Pensamos as Metodologias Participativas como possibilidade de investigação e o audiovisual como potencializador da experiência de vivência frente à necessidade de transformação social. Assim, investigamos primeiramente as motivações e expectativas dos agricultores, revelando o papel da Agroecologia e do Agir Comunicativo nas relações familiares. Questionamos as relações sociais estabelecidas nos agroecossistemas a partir dos temas geradores, tensionando questões a respeito das práticas agroecológicas como fomento para uma “vida boa”. Investigamos também a dimensão ética, as relações interpessoais e a busca por autonomia e reconhecimento relacionando-as à qualidade de vida. E desenvolvemos a ideia do audiovisual como elemento de construção de conhecimento e retorno para os agricultores. Como considerações finais revelamos a necessidade de construirmos os questionamentos pertinentes à Agroecologia a partir da visão de mundo dos agricultores e presenciemos na comunicação um caminho adequado para esse intento identificando-a como elemento fundamental nesse processo. Também apontamos a necessidade de construção de uma nova racionalidade a partir das Metodologias Participativas. Através dos Temas Geradores percebemos a relação dialética entre a Vida e o Sistema, ao tratarmos a afetividade, os sentimentos e as relações pessoais como elementos balizadores das ações dos agricultores. A partir da comunicação esses temas, inerentes ao Mundo da Vida, podem ser ressignificados objetivando a colonização do mundo do sistema. Assim apontamos o Audiovisual como forma de revelar essas vivências, utilizando-o como ferramenta participativa e instrumento de retorno e reconhecimento para essas famílias. Este movimento de pesquisa participativa e retorno revelou que a comunicação contribui para a construção de autonomia e reconhecimento desses agricultores, promovendo meios para a transformação social.

Palavras-Chave: Agroecologia, Ação Comunicativa, Reconhecimento.

ABSTRACT

THE CONSTRUCTION OF AUTONOMY AND RECOGNITION IN THE AGROECOLOGICAL TRANSITION

AUTHOR: Maurício Machado Sena

ADVISOR: Prof. Dr. Clayton Hillig

The present work investigates the construction of autonomy and recognition among four agricultural families in Agroecological transition. Revealing the importance of farmers' experiences and their relationship with agroecosystems, in the construction of knowledge, exchange of wisdom and in teaching/learning relationships. From this perspective we approach Sustainability from the Ethics dimension, communication based on Dialogue and Communicative Action and Agroecology as a field of knowledge. The research uses documents, interviews, photographs and audiovisual material collected between August 2017 and January 2018. They are part of this experience farming families who participated in the NEA-UFSM shares in the period and share some similarities. We think of Participatory Methodologies as a possibility of investigation and the audiovisual as a potentiator of the experience of encounter the need for social transformation. Thus, we first investigate the motivations and expectations of farmers, revealing the role of Agroecology and Communicative Action in family relationships. We question the social relations established in the agroecosystems from the generative themes, stressing questions about the agroecological practices as foment to a "good life". We also investigate the ethical dimension, interpersonal relations and the search for autonomy and recognition relating them to the quality of life. And we developed the idea of audiovisual as an element of knowledge construction and return to farmers. As final considerations we revealed the need to construct the pertinent questions to Agroecology from the farmers world view and we witnessed, in the communication, an adequate path for this attempt, identifying it as a fundamental element in this process. We also point out the need to construct a new rationality based on Participatory Methodologies. Through the Generating Themes we perceive affectivity and personal relationships as guiding elements of farmers' actions. From the communication these themes, inherent to the World of Life, can be constructed and re-signified aiming at the colonization of the System World. Thus, we point out that Audiovisual is an important contribution in the exercise of revealing these experiences, being used as a participatory tool and instrument of return and recognition for these families. This movement of participatory research and feedback has revealed that communication contributes to the construction of autonomy and recognition of these farmers, providing means for social transformation.

Keywords: Agroecology, Communicative Action, Recognition.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	21
1.1 O CAMINHO DA PESQUISA.....	24
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	29
1.3 OBJETIVO GERAL.....	29
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	30
2. AGROECOLOGIA: UMA CIÊNCIA MULTIDIMENSIONAL.....	31
2.1 A RELAÇÃO DA AGROECOLOGIA COM A SUSTENTABILIDADE.....	31
2.1.1 Sustentabilidade e Desenvolvimento no Rural.....	32
2.1.2 Agroecologia: Uma Ciência Viva.....	35
2.1.3 A Epopeia do Consumo as Redes de Comunicação e a nova Epistemologia.....	40
2.2 DIÁLOGO, AÇÃO COMUNICATIVA, RECONHECIMENTO E DEMOCRATIZAÇÃO.....	43
3. A VIVÊNCIA E A EXPERIÊNCIA COMO PESQUISA, EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	51
3.1 O AUDIOVISUAL COMO CAMINHO METODOLÓGICO.....	52
3.2 APARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIO METODOLÓGICO DA CIÊNCIA AGROECOLÓGICA.....	56
4. MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS DOS AGRICULTORES FAMILIARES.....	60
4.1 AS RELAÇÕES FAMILIARES NA TRAJETÓRIA DOS AGRICULTORES.....	61
4.1.1 Família Streck.....	62
4.1.2 Família Da Silva.....	64
4.1.3 Família Vielmo.....	65
4.1.4 Família Silva-Garcia.....	68
5. TEMAS GERADORES UM DIÁLOGO ENTRE A VIDA E O SISTEMA.....	71
5.1 SENTIMENTOS E SABERES: OS PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS E O MUNDO DA VIDA.....	73
5.2 TRABALHO, CERTIFICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO: POSSIBILIDADES ÉTICAS E CRIATIVAS JUNTO AO MUNDO DO SISTEMA.....	76
6. AUTONOMIA E RECONHECIMENTO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA QUALIDADE DE VIDA.....	82
7. O AUDIOVISUAL.....	90

7.1 O AUDIOVISUAL: POSSIBILIDADE CRIATIVA/COMUNICACIONAL DE RETORNO	90
7.2 A EXPERIÊNCIA DE RETORNO	101
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
APÊNDICE 1	111
APÊNDICE 2	131

1. INTRODUÇÃO

A Agroecologia (CAPORAL; COSTABEBER, 2004) é uma ciência, ou campo do conhecimento, que tem entre suas principais preocupações o tema do desenvolvimento sustentável¹, as transformações sociais no meio rural, a valorização do conhecimento dos agricultores, o bem-estar, a qualidade de vida e o reconhecimento do papel fundamental das famílias agricultoras nessa construção coletiva do conhecimento. Essa ciência, que é viva, emerge de um novo paradigma científico através de experiências locais, desenvolvidas junto aos Agroecossistemas² (GLIESSMAN, 2007) e fundamenta sua atuação através Metodologias Participativas (GUZMAN, 2001).

A partir dessa afirmação, admitimos que a Agroecologia contribui de maneira significativa para o debate a respeito das relações e transformações junto às sociedades rurais. Principalmente, ao constataremos a crescente inserção da perspectiva Dialógica (FREIRE, 1977) e Comunicativa (HABERMAS, 2012; HONNET, 2005), como respostas alternativas (SANTOS, 2007) para os problemas modernos no meio rural.

Ao referirmos a Transição Agroecológica³ (CAPORAL; COSTABEBER, 2004), para além da substituição/adaptação/resgate da matriz produtiva nos agroecossistemas, aponta-se para a constante, emergente e fundamental transformação nas relações sociais, inseridas por essa nova racionalidade, na economia, no consumo, e nas estratégias de produção e reprodução desse meio e dos indivíduos que o compõe.

Admitimos também, que os agroecossistemas familiares em transição agroecológica tendem a ser mais críticos às ações difusionistas, pois desenvolvem uma agricultura sustentável com base em experimentações próprias (ALTIERI, 2012), formando uma importante rede autônoma de conhecimento e trocas, manifestada através de uma série de

¹ Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991: “Na sua essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual a exploração dos recursos, o direcionamento dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão em harmonia e reforçam o atual e futuro potencial para satisfazer as aspirações e necessidades humanas” (p. 30).

² Segundo Gliessmann, 2000: “...é um local de produção agrícola – uma propriedade agrícola, por exemplo – compreendido como um sistema. O conceito de agroecossistema proporciona uma estrutura com a qual podemos analisar os sistemas de produção de alimentos como um todo, incluindo seus conjuntos complexos de insumos e produções e as interconexões entre as partes que os compõem” (p. 10).

³ Que de acordo com Caporal e Costabeber, 2004 “...entendida como um processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção que pode ser mais ou menos intensivo no uso de inputs industriais) a estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica” (p. 5).

relações e conexões (CASTELLS, 1999) que, por sua vez, tensionam as aparentes dicotomias das situações estabelecidas entre os indivíduos.

Incorporando, dessa forma, temas e debates no meio rural, que transcendem a produção agrícola, evidenciando o papel multifuncional do campo, as relações interpessoais e as interações subjetivas presentes na agricultura familiar⁴. Assim como afirma Miguel Altieri, em seu livro *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*:

A Agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimentos e técnicas que se desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação. Por essa razão, enfatiza a capacidade das comunidades locais para experimentar, avaliar e expandir seu poder de inovação por meio da pesquisa de agricultor a agricultor utilizando ferramentas de extensão baseadas em relações mais horizontais entre os atores. (2012, p. 16).

Assim, é necessário que essa perspectiva, mais horizontal, deve ser fundamentada na Ética, bem como no diálogo manifestado de forma intersubjetiva, entre os indivíduos e seus grupos. Infelizmente ao tratarmos dos processos de ensino, pesquisa e extensão no meio rural, como um todo, nem sempre nos deparamos com ações, projetos e relacionamentos construídos com inspiração dialógica.

Essas interações reduzem e transformam o agricultor como parte da engrenagem da produção de bens primários, desumanizando o meio rural, provocando uma extrema dependência do agricultor aos pacotes tecnológicos, e às instituições, bem como a grupos e indivíduos que se autodenominam “detentores do conhecimento”. Essas ações verticalizadas e difusionistas além de não fomentarem a autonomia e o empoderamento dos indivíduos, fragilizam os grupos e os processos democráticos e éticos no rural.

Dessa forma, propomos a possibilidade de pensarmos essas relações, a partir da teoria do Agir Comunicativo⁵ (HABERMAS, 2009).

⁴ LEI Nº 11.326, de 24 de Julho de 2006:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

⁵ Em diferentes traduções e edições encontramos tanto o termo Agir Comunicativo, quanto Ação Comunicativa, que nesse caso se apresentam e são referenciados como sinônimos. Para tanto, utilizaremos a versão mais recente

(...) entendo por ação comunicativa uma interação simbolicamente mediada. Ela orienta-se segundo normas de vigência obrigatórias que definem as expectativas recíprocas de comportamento e que tem de ser entendidas e reconhecidas, pelo menos, por dois sujeitos agentes (HABERMAS, 2009, p.57).

Ademais se faz necessário notar que, entre esses indivíduos, existe um profundo exercício de luta por Reconhecimento (HONNETH, 2003), sendo que a autonomia desses se manifesta, não apenas através da recompensa financeira direta das atividades produtivas, mas também, através das relações intersubjetivas. Esses conceitos estão diretamente ligados às questões de recompensa, reputação, reciprocidade, além de outras ações de ordem ética, sendo evidenciadas através das relações sociais que os agricultores estabelecem, com seus pares e com os demais membros da sociedade.

O lugar que o conceito de honra havia ocupado antes no espaço público da sociedade passa a ser preenchido pouco a pouco pelas categorias de “reputação” ou de “prestígio”, com as quais se deve apreender a medida de estima que o indivíduo goza socialmente quanto a suas realizações e a suas capacidades individuais (HONNETH, 2003, p. 206).

Essas relações se destacam ao afirmarmos a emergência da valorização dos conhecimentos dos agricultores. Potencializando, dessa forma, a emancipação social (SANTOS, 2007) do sujeito frente ao mundo, possibilitando uma democratização da sociedade onde seus saberes, valores e visões são admitidos junto à construção do conhecimento.

O problema é que a emancipação social é um conceito absolutamente central na modernidade ocidental, sobretudo porque esta tem sido organizada por meio de uma tensão entre regulação e emancipação social, entre ordem e progresso, entre uma sociedade com muitos problemas e a possibilidade de resolvê-los em outra melhor, que são as expectativas. Então, é uma sociedade que pela primeira vez cria essa tensão entre experiências correntes do povo, que às vezes são ruins, infelizes, desiguais, opressoras, e a expectativa de uma vida melhor, de uma sociedade melhor (SANTOS, 2007, p.17).

Dessa forma, investiga-se a partir da perspectiva Comunicativa (HABERMAS, 2009) a construção da autonomia e do reconhecimento (HONNETH, 2010) dos agricultores familiares através da Agroecologia (ALTIERI, 2012), investigando, para tanto, as relações

estabelecidas em seu contexto social, as histórias de vida, os anseios, as decisões, os conflitos, as tensões e as expectativas desses agricultores familiares em transição Agroecológica.

1.1 O CAMINHO DA PESQUISA

O presente trabalho consiste em um estudo de caso, realizado junto a quatro (04) famílias agricultoras, da Região do Território Central do Rio Grande do Sul, sendo três (03) famílias do município de Santa Maria e uma (01) família do município de Santiago. Essa análise se baseia na investigação através do material, entrevistas, vídeos e fotos que foram documentados e organizados durante as saídas a campo, que aconteceram entre setembro de 2017 e janeiro de 2018.

A respeito das quatro famílias selecionadas, apontamos que em Santa Maria, no distrito de Pains, temos a família Silva-Garcia na qual foram entrevistados Carmen, Tais e Maurício; no mesmo distrito temos a família Da Silva, na qual entrevistamos João Antônio; no mesmo município, no distrito de Palma, a família Streck, com Oldemar e Dora; e em Santiago a família Vielmo, com Núbia, Roberto e Júlia.

A fim de organizarmos as informações, na pesquisa, utilizamos como nomenclatura o sobrenome das famílias, portanto, no decorrer desse trabalho pontuamos nosso posicionamento em revelar essas histórias e pretendemos dar visibilidade a todos que fizeram parte dessa construção. Nesse contexto apresentamos no Apêndice 2 localizado ao final desse trabalho um Termo de Autorização do Uso de Imagem, uma vez que foi realizado e publicizado um vídeo com os depoimentos dessas famílias.

Assim, destacamos que o primeiro contato com os agricultores se deu em 2015, durante minha atuação junto ao Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber, da Universidade Federal de Santa Maria (NEA-UFSM)⁶. Esse histórico de participações possibilitou ao pesquisador dar continuidade ao contato com os agricultores, bem como avaliar o andamento das ações do Núcleo, além de

⁶ O Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber, da Universidade Federal de Santa Maria (NEA-UFSM), é formado por acadêmicos, professores e profissionais que se reúnem com o intuito de difundir a Agroecologia, como campo de conhecimento, consolidando parcerias com grupos que realizam ações de Desenvolvimento Rural Sustentável. Sendo coordenado pelos professores Prof. Dr. José Geraldo Wizniewsky, Prof^ª. Dr^ª. Lia Rejane Reiniger e Prof^ª. Dr^ª. Marlove Muniz. Registrado no MPA sob o nº 487692/2013-6, denominado Programa de Manutenção do Núcleo em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade: Construção e Socialização de Conhecimentos e Práticas no Território de Cidadania Central – RS. Fonte: do autor, 2017.

explorar novas possibilidades, questões e histórias que não foram estudados e abordados em minha monografia de Especialização em Educação Ambiental.

Esse contato inspirou questões que apresento nesse material através de uma série de metodologias como a observação, entrevista temática e elaboração de um produto audiovisual. Também propomos um debate a respeito das Metodologias utilizadas junto a essas famílias bem como uma análise multidimensional da Agroecologia.

Nesse ponto podemos afirmar que as famílias possuem uma série de semelhanças que as colocam em evidência dentro de suas comunidades e áreas de atuação. Entre elas, a intensa participação junto aos grupos em feiras e associações, as “porteiras abertas” para a realização de pesquisas e atividades, bem como um profundo senso ético e crítico a respeito das relações que estabelecem em seu dia-a-dia. Além do fato de que todas tiveram um contato com a vida “urbana” e, em algum momento, resolveram investir na mudança para o meio rural, aliando esse retorno à produção orgânica⁷ fundamentada nos princípios, práticas, técnicas e valores da Agroecologia, buscando uma melhor qualidade de vida, autonomia e liberdade.

Essa busca se mostra como um terreno fértil para a construção coletiva do conhecimento ao levarmos em consideração as características dos agroecossistemas familiares em transição agroecológica que são geridos, cultivados e cuidados por famílias que desenvolvem uma agricultura sustentável a partir de experimentações próprias (ALTIERI, 2012) e investindo em estratégias de produção e reprodução que valorizam as multidimensões da sustentabilidade (CAPORAL, COSTABEBER, 2004), a saber: Ecológica, Econômica, Social, Política, Cultural e Ética.

Nesse sentido, ao pensarmos as possibilidades de resolução frente às crises da sociedade humana, que se estabelecem como um processo global (GEORGESCU, 1989), identificamos a necessidade de uma transformação das realidades, dos pensamentos e da epistemologia de nosso mundo (LEFF, 2012). Essa transformação necessita de uma nova abordagem, que seja menos hierarquizada, fundamentada nas conexões e redes (CASTELLS, 1999) e que busque respostas que contemplem a multidimensionalidade das relações e experiências humanas.

⁷ Entendida a partir da Lei Nº 10.831, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2003. Art. 1º - Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

Dessa forma, a incorporação de temas e debates no meio rural, como a alimentação saudável, os produtos regionais, a economia justa e solidária e a preservação ambiental são assuntos cada vez mais importantes no debate junto às sociedades. Esses questionamentos quando trazidos para dentro da academia, submetidos ao rigor científico, à pesquisa bibliográfica, à utilização de metodologias, à análise de dados e à avaliação, frente “aos pares”, por sua vez, também necessitam de uma interpretação e leitura que passe pelo olhar humano, ético e intersubjetivo.

Assim, ao longo de minha atuação junto ao Núcleo de Estudo em Agroecologia Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber (NEA-UFSM), bem como, em meu caminho trilhado junto à Especialização em Educação Ambiental (PPGEA-UFSM) e no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR-UFSM), percebi a necessidade da elaboração de uma pesquisa que atendesse esses questionamentos.

Esse trabalho se apresenta a partir de uma série de questionamentos surgidos no contexto de atuação do NEA-UFSM, que entre as várias atividades realizadas destacamos a utilização da ferramenta metodológica de monitoramento participativo da sustentabilidade denominada: Marco para la Evaluación de Sistemas de Manejo de Recursos Naturales incorporando Indicadores de Sustentabilidade (MESMIS⁸).

Temos no MESMIS uma metodologia que se preocupa com a multiplicidade dos fatores que determinam a sustentabilidade de um agroecossistema, respeitando a interdisciplinaridade ao ser desenvolvido dentro de uma equipe multiprofissional⁹.

O MESMIS objetiva a avaliação da sustentabilidade dos agroecossistemas, levando em consideração os aspectos ecológicos, sociais e econômicos, valorizando, nesse processo, a atuação do camponês¹⁰. Nesse sentido, nos valem os indicadores de sustentabilidade desenvolvidos na metodologia como ponto de partida para a reflexão a cerca das características marcantes de cada agroecossistema.

Esse monitoramento se estrutura a partir de seis (06) fases: Definição do ambiente de estudo; Determinação dos pontos críticos; Seleção dos indicadores estratégicos;

⁸ O MESMIS foi desenvolvido pelo Grupo Interdisciplinario de Tecnología Rural Aplicada (GIRA), do México, surgindo de um esforço entre diversos grupos acadêmicos da América Central e a FAO. Entre seus idealizadores citamos a contribuição de, Omar Masera, Marta Astier e Santiago López-Ridaura, coordenadores do livro *Sustentabilidad y manejo de recursos naturales: el marco de evaluación MESMIS* (1999).

⁹ Fizeram parte da atuação do NEA-UFSM, durante a aplicação do MESMIS: veterinário, jornalista, engenheira florestal, agrônoma tecnólogo em desenvolvimento, geógrafa, engenheira ambiental, além de um grande grupo de acadêmicos de diversos cursos da UFSM. (do autor, 2017)

¹⁰ O termo “camponês” em espanhol apresentado: MASERA, O.; ASTIER, M.; LOPEZ-RIDAURA, S. *Sustentabilidad y manejo de recursos naturales: el marco de evaluación MESMIS*. México: GIRA. 1999.

Monitoramento dos indicadores; Apresentação e integração dos resultados; e Conclusão e recomendações para os agroecossistemas.

Também assinalamos que o MESMIS é uma metodologia cíclica e se apoia na necessidade da execução de um Tempo 2, com a continuidade da ação. Nesse sentido, ao finalizarmos nossa atuação junto à Metodologia, como previsto pelo Programa, ainda restaram uma série de questionamentos a respeito do papel, da aplicabilidade e da dimensão das Metodologias Participativas e da Comunicação em relação à Agroecologia.

Essas dúvidas acentuaram-se, através da edição do vídeo relatório do projeto, que foi organizado a partir de vídeos, fotos e entrevistas com os Coordenadores do Projeto e com as famílias agricultoras em transição agroecológica, do Território Central, a partir das experiências e vivências adquiridas durante as reuniões, atividades e eventos realizados pelo NEA.

Também, esses questionamentos foram tomando forma durante a elaboração de minha monografia de Especialização em Educação Ambiental, intitulada: Sustentabilidade e Metodologias Participativas – A Experiência dos Agricultores Participantes da Metodologia MESMIS na Região Central do RS (2017), realizada sob Orientação do Prof. Dr. Clayton Hillig.

Outro ponto importante, de motivação para as questões a respeito das contribuições do audiovisual, foi a realização do 1º Seminário de Agroecologia de Santiago, em 07 de junho de 2016, quando percebi a necessidade e possibilidade de explorar alguns assuntos a respeito da sustentabilidade a partir da ótica do paradigma da Comunicação. Essa inquietação surgiu durante as atividades da disciplina de Comunicação e Mediações Sociais, quando, como turma, nós acadêmicos do PPGExR, realizamos um vídeo retratando a história de vida da família Viello, que teve divulgação durante o X Seminário de Formação em Agroecologia (X SEMFA).

Também considerei necessário valorizar os trabalhos realizados pelo Núcleo, para além da Metodologia MESMIS, uma vez que a atuação do grupo se deu em várias frentes e produziu uma série de elementos interessantes referentes às experiências em Agroecologia, na Região Central do Rio Grande do Sul, bem como a partir das discussões e debates junto ao Núcleo, agricultores, professores e ao programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM.

Destacamos a parceria com a Associação dos Guardiões e Guardiãs das Sementes Crioulas de Ibarama, na qual um vídeo foi feito durante o 4º Seminário Saberes, Sabores e Sementes Crioulas de Ibarama, em 14 de agosto de 2015, realizado a partir de entrevistas com

as jovens Guardiãs Mirins e com o Presidente da Associação dos Guardiões Jaci Prestes. Sendo que uma cópia do material foi disponibilizada aos agricultores.

Nesse sentido também podemos revelar a ação do Núcleo diante da Metodologia Campesino a Campesino, da realização dos Ciclos de Formação do NEA (CiFoNEA), que em ambas as situações visavam o estímulo do empoderamento dos agricultores, uma vez que esses eram os facilitadores das experiências. Também foram realizadas palestras, debates e aulas livres sobre diversos temas relacionados à Agroecologia.

Além disso, foi feito uma série de vídeos que buscavam dar voz a esses agricultores, por exemplo, com a agricultora Lizete Muller, que foi a facilitadora de uma palestra sobre o Uso das Plantas Medicinais, disponibilizado para divulgação na página do Facebook do Núcleo.

Também destacamos a atuação do grupo, junto aos debates, a respeito do estabelecimento de um espaço de comercialização para a agricultura familiar dentro da UFSM. Essa ação se deu em parceria com os agricultores do Assentamento 13 do Sobrado, da Associação dos Produtores Orgânicos de Santiago (APÓS), do Projeto Esperança/Cooesperança e da Associação dos Guardiões e Guardiãs das Sementes Crioulas de Ibarama entre outros órgãos, associações e instituições de ensino.

Sendo que essas reuniões culminaram com a articulação da Feira Ana Primavesi – A primeira feira Orgânica de Santa Maria, inaugurada em setembro de 2017, no espaço Multiuso, sob a tutela da Incubadora Social da Pró-Reitoria de Extensão da UFSM, que por sua vez fomentou o surgimento da Organização de Controle Social (OCS) Coração Agroecológico que, no momento, conta com 6 famílias agricultoras.

Por isso, proponho a realização dessa caminhada sob o enfoque da Agroecologia (CAPORAL; COSTABEBER, 2004), a partir da teoria do Agir Comunicativo (HABERMAS, 2012), fundamentada na perspectiva da Sociologia Crítica (HONNET, 1999), que se utiliza do audiovisual como possibilidade de vivência e enriquecimento da experiência.

Para isso se faz necessária uma análise, com o intuito, de investigar a influência da relação Ética, não apenas como uma das multidimensões da sustentabilidade, ou como campo filosófico, mas como ação que se exprime na relação dialética do agricultor com o mundo, da Vida e do Sistema.

Sabendo que essas ações revelam e permeiam as relações de ordem sociológicas, ambientais, econômicas, políticas, culturais e éticas, alocando a transição agroecológica como atividade contrária à atual racionalidade cartesiana, tecnicista e hegemônica.

Nesse sentido, devem ser admitidas, na pesquisa, as questões de ordem subjetivas ligadas à ação dos agricultores e suas relações interpessoais e sociais, pautando a contribuição da Comunicação, como forma de se construir a autonomia dos indivíduos, o fortalecimento dos grupos, a manutenção dos processos democráticos e um novo alcance a respeito do debate da sustentabilidade dentro da Agroecologia.

Por fim, apontamos que essa proposta se baseia na valorização do conhecimento dos agricultores, tanto no âmbito da práxis como no teórico, e partiu da necessidade de se construir uma pesquisa aprofundada a respeito da dimensão ética da Agroecologia como ciência, além da busca por autonomia e de luta por reconhecimento dos agricultores em transição agroecológica.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Através do Agir Comunicativo essa pesquisa se propõe, para além do objetivo formal, contribuir para a construção e fortalecimento, através do diálogo, da noção de reconhecimento e do fomento da autonomia dos indivíduos.

Nesse sentido, a meu ver, se faz importante notar que essa reflexão não pode ser alcançada através da velha fórmula de uma pesquisa em extensão rural com base difusionista e cartesiana, mas sim, através da manutenção das relações igualitárias fundamentadas com base no diálogo e na intersubjetividade dos indivíduos.

Assim, utilizando-se das perspectivas teóricas pertinentes, da Agroecologia, do Agir Comunicativo, da Teoria da Luta por Reconhecimento e da utilização do audiovisual, como proposta metodológica participativa, foi levantado o seguinte problema de pesquisa:

Como se revela a luta por reconhecimento e autonomia, desses agricultores familiares, a partir dos conflitos e das potencialidades da Agroecologia e da teoria do Agir Comunicativo?

1.3 OBJETIVO GERAL

Investigar as relações estabelecidas na construção da autonomia e do reconhecimento dos agricultores familiares, através da Agroecologia e do Agir Comunicativo, a partir da utilização do audiovisual como possibilidade metodológica participativa.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender as motivações e expectativas dos agricultores familiares ao desenvolverem suas relações dentro do paradigma agroecológico.

Avaliar a utilização dos temas geradores como pontos de fomento ao Mundo da Vida.

Evidenciar a busca pela autonomia e a luta por reconhecimento frente às potencialidades da qualidade de vida.

Analisar, através do audiovisual, as relações intersubjetivas estabelecidas nesse processo de emancipação.

2. AGROECOLOGIA: UMA CIÊNCIA MULTIDIMENSIONAL

No presente capítulo, trazemos uma série de reflexões a respeito da perspectiva da Agroecologia como alternativa diante do debate a respeito do desenvolvimento rural sustentável e como ciência pertencente a um paradigma científico emergente. Além disso, abordaremos os fatores constituintes dessa racionalidade baseada no consumo, abordando sua relação com a Dimensão Ética, sob o enfoque das teorias do Agir Comunicativo e da luta por Reconhecimento. No último item desse capítulo debateremos as Metodologias Participativas como possibilidade de atuação condizente, com a ciência da Agroecologia, diante dos desafios da pesquisa junto às famílias agricultoras.

2.1 A RELAÇÃO DA AGROECOLOGIA COM A SUSTENTABILIDADE

Ao abordarmos a Agroecologia, em suas diversas nuances significados e interpretações, sob a tutela e enfoque de suas teorias, é necessário discutirmos o Desenvolvimento Sustentável para além da aparente ecologização da produção, acumulação de capital e da tecnificação no meio-rural. Assim, nesse capítulo realizamos uma revisão bibliográfica, com o intuito de fortalecermos a discussão dos temas propostos e observados durante a realização da pesquisa, além de buscar uma ressignificação frente às teorias comuns à Agroecologia.

Dessa forma, considero que a inserção dessas questões, junto à academia, é de fundamental importância, sendo que, as análises dos textos e livros, assim como as contribuições dos autores, suas ideias e reflexões, contribuem para a ampliação das perspectivas da interdisciplinaridade e da complexidade, propostas para a Agroecologia. Apresentando ideias que dialoguem com a realidade observada, para que sejam expostas de forma ampla e adequada, contemplando os questionamentos e objetivos da pesquisa

Antes de darmos prosseguimento à nossa construção de conhecimento, destacamos que as técnicas, questões, experiências e discursos desenvolvidos através/pela Agroecologia não devem ser tomados como resultado último, frente aos problemas do meio rural, ou como solução mágica para as dificuldades de produção, preservação, comercialização e distribuição de alimentos. Antes disso, devem ser percebidos como ponto de partida para a criação de perguntas, metodologias, estudos e resultados que visem uma relação mais ética e salutar entre os sujeitos e os Agroecossistemas.

2.1.1 Sustentabilidade e Desenvolvimento no Rural

Ao pensarmos sob o ponto de vista histórico, identificamos uma série de trabalhos que iniciaram, influenciaram e inspiraram o debate global sobre a agroecologia, a sustentabilidade e nossa relação com o meio-ambiente. Assim, apontamos o denominado período do Pós-Guerra, como grande marco desse questionamento, quando, nesse momento as nações começaram a se questionar a respeito da melhor utilização desse “capital natural e humano” que, pela primeira vez, se mostrava perigosamente limitado.

Essa preocupação se intensificou na medida em que os países investiam grande parte de seus recursos na modernização da agricultura, na ampliação de sua matriz industrial e na busca por novos mercados diante do processo de descolonização. Essas ações foram tomadas em âmbito global, por ambos os lados desse mundo polarizado, na tentativa de restabelecer o dinamismo da economia intensificando a produção e visando um aumento no consumo de bens, por parte de uma nova classe média.

Nessa época, a denominada “Revolução Verde”, que nada mais foi do que a manifestação do paradigma tecnicista no meio rural iniciou sua caminhada em ampliar a produção de grãos e *comodities* agrícolas no intuito de abastecer a indústria e as grandes redes varejistas, promovendo a concentração fundiária, aumentando o controle externo sobre os agroecossistemas e por fim submetendo ou excluindo as diferentes formas de agriculturas. Essa luta de forças, extremamente desproporcional, resultou em uma série de conflitos no campo evidenciados principalmente pelo “Êxodo Rural”, pelo aumento dos problemas ambientais nos agroecossistemas e pela extinção de cultivos e de modos de vida.

No entanto, outros fatores contribuíram para esse debate, onde podemos citar o Movimento Ambientalista, a Contra-cultura, o associativismo rural, a influência de grupos religiosos e até mesmo a articulação de Instituições de Ensino e cientistas que questionaram as tomadas de decisão dos grupos hegemônicos. Assim, destacamos a ação do Clube de Roma que, em 1968, publicou o documento Os Limites do Crescimento (MEADOWS et al., 1972), realizando também outras atividades que inspiraram a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em 1972, na cidade de Estocolmo, Suécia.

Além dessas iniciativas globais, tivemos no Brasil, uma série de movimentos que também tensionaram o debate a respeito da questão ambiental da produção agrícola, da utilização dos agrotóxicos, entre outros assuntos. Sendo que localmente, destacamos a atuação da Prof. Ana Maria Primavesi, de naturalidade austríaca, que nos anos 60 veio ao Brasil,

lecionou junto à UFSM e iniciou os trabalhos a respeito da importância da fertilidade para a preservação do solo, uma das bases das técnicas para a pesquisa em Agroecologia.

Já ao final desse período histórico marcado por seus extremos, por suas guerras, revoluções, regimes ditatoriais e por uma profunda bipolarização do mundo, temos com a publicação de *Nosso Futuro em Comum*, da Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente, de 1987, ou simplesmente Comissão Brundtland, uma proposta para o desenvolvimento sustentável, que apregoava um “desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (ONU, 1987, p.5).

Essa perspectiva de sustentabilidade é abordada, por Gustavo Esteva, quando argumenta que o termo “desenvolvimento” muitas vezes diz exatamente o oposto de seu significado, sendo atrelado diretamente ao termo Subdesenvolvimento, baseado na visão hegemônica de um Norte Rico e de um Sul Pobre, ou de uma área mais tecnificada, para outra menos. Obviamente, essa concepção tem sido reformulada, onde o pensamento de um desenvolvimento sustentável, participativo, horizontal e baseado, por exemplo, no etnodesenvolvimento, no desenvolvimento regional ou no bem-viver, com as contribuições de Fals-Borda, Stavenhagen, Nishikawa, Acosta, entre outros, são amplamente discutidas.

Dessa forma de acordo com Esteva (in: SACHS et al., 2000, p. 66):

A palavra define uma percepção. Essa, por sua vez, torna-se um objeto, um fato. Ninguém parece suspeitar que o conceito não se refere a um fenômeno real. Ninguém parece compreender que “desenvolvimento” é um adjetivo comparativo cuja base de apoio é a premissa, muito ocidental, mas inaceitável e não demonstrável, da unidade, homogeneidade e linearidades da evolução do mundo.

Para o autor a palavra Desenvolvimento, com toda sua carga e pompa, não tem mais capacidade de confrontação frente aos problemas presentes na realidade. Tornando-se uma simples muleta, da qual não necessitamos, uma vez que, “é possível andar com nossos próprios pés, em nosso próprio caminho, para sonhar nossos próprios sonhos”. (p.81).

Sob essa mesma perspectiva temos a percepção crítica da racionalidade moderna convencional, que não se apoia mais na óptica mecanicista. Nessa nova ciência de mundo temos uma série de contribuições como, por exemplo, a abordagem termodinâmica de Herman Daly (1989), que baseia sua teoria e fundamenta sua premissa no fato de que o sistema econômico extrai do Meio Ambiente a matéria e a energia de baixa entropia, devolvendo, ao final do processo apenas lixo de alta entropia, acelerando o desgaste dos sistemas.

O autor apresenta a questão do crescimento sustentável como uma impossibilidade, tanto científica quanto semântica. Entre suas principais considerações, Daly, se interessa pelo teorema da impossibilidade, onde defende que “é impossível sair da pobreza e da degradação ambiental através do crescimento econômico mundial” (1989, p. 197).

Sendo que esse ecossistema se caracteriza por ser finito, não-crescente e materialmente fechado. Nesse caso o autor cunhou a expressão, “desenvolvimento sem crescimento”, que se baseia na melhoria qualitativa da economia enquanto a mesma se mantém em um estado estacionário, baseando suas estratégias dentro das capacidades regenerativas e assimilativas do ecossistema.

Desenvolvimento sustentável é uma adaptação cultural feita pela sociedade quando ela se torna consciente da necessidade emergente do crescimento nulo. Até mesmo “crescimento verde” não é sustentável. Há um limite para a população de árvores que a terra pode suportar, assim como há um limite para as populações humanas e de automóveis. Ao nos iludir na crença de que o crescimento é ainda possível e desejável se apenas o rotularmos “sustentável” ou o colorirmos de “verde” apenas retardaremos a transição inevitável e a tornaremos mais dolorosa (DALY, 1989, p. 198)

Ao aprofundarmos nossa análise temos na obra *Médio Ambiente y Desarrollo Sostenible 1: Más Allá del informe Brundtland*, (GOODLAND et al., 1997), uma série de contribuições e questionamentos a respeito da possibilidade do desenvolvimento sustentável. Assim, ao realocarmos o Sistema Econômico como apenas um subsistema do Ecossistema Global, percebemos que a economia não terá a capacidade de se manter sem o suporte do ecossistema, reconhecendo, assim, as limitações das metas presentes no Relatório Brundtland, para a manutenção da sustentabilidade.

Las funciones de fuente de recursos y de vertedero que desempeña el ecosistema global tienen una capacidad limitada para soportar el subsistema económico. El imperativo es, en consecuencia, mantener el tamaño de la economía global dentro de los límites de la capacidad que tiene el ecosistema para sostenerlo (GOODLAND, 1997, p.22)

Assim as pesquisas científicas nas quais se basearam esses documentos, além de considerarem os dados sobre os principais problemas ambientais como a mudança climática, o desmatamento e a poluição, apontam que devemos buscar métodos que promovam uma nova economia sustentável, baseada na redução das desigualdades sociais como principal meta para a economia global.

Ainda sobre o desenvolvimento, na obra, *Economía Ecología y Ética: Ensayos hasta una economía en estado estacionario*, encontramos a contribuição de Nicholas Georgescu-

Roegen (1989), na qual o autor explica que a ação humana deixa uma espécie de Pegada Ecológica, sendo que essa marca mostra o nível de exploração a que submetemos o planeta. Como uma proposta a esse desafio, Georgescu argumenta sobre a urgência de reestruturarmos as bases de nossa racionalidade através da Bioeconomia.

Da mesma forma Ulrich Beck (1996), propõe a Teoria da Sociedade de Risco, afirmando que a sociedade, em seu constante processo de desenvolvimento, não consegue controlar os riscos de sua própria ação. Nesse sentido se faz necessário questionar os fundamentos da sociedade industrial e buscarmos uma nova forma de pensar que seja contrária a essa racionalidade linear. Essa proposta é denominada Modernidade Reflexiva, ou uma Contra Modernidade.

La contramodernidad no es sombra de la modernidad, sino un proyecto, un hecho, una institución igualmente originaria como la modernidad industrial misma. Es producida con todos los medios y recursos de la modernidad: ciencia e investigación, técnica y desarrollo tecnológico, educación, organización, medios de masas, política, etc. (BECK, 1996, p.258)

Nesse sentido, a postura adotada pelos cientistas é de que o desenvolvimento sustentável, pretendido pela conjuntura global, manifestado no Relatório Brundtland (1991), não se manterá se não forem levadas em consideração as atividades de baixa entropia, presentes no mundo natural, a Pegada Ecológica dos países consumidores e as relações sociais das populações humanas. Para isso precisamos reestruturar, para além do modelo econômico, a nossa própria racionalidade.

2.1.2 Agroecologia: Uma Ciência Viva

Nesse sentido, ao pensarmos o novo paradigma da Agroecologia, como uma ciência viva, dinâmica e participativa, também pensamos o desenvolvimento sustentável dos agroecossistemas, a partir de uma progressão coevolutiva sustentada por um sistema social desenvolvido de forma autóctone. Essa perspectiva coevolucionista admite que os sistemas agrícolas são integrados e dinâmicos. Assim, como afirma Gliessman, em Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável (2000):

Um ecossistema pode ser definido como um sistema funcional de relações complementares entre organismos vivos e seu ambiente, delimitado por fronteiras escolhidas arbitrariamente, as quais, no espaço e no tempo, parecem manter um equilíbrio dinâmico, porém estável. Assim, um ecossistema tem partes físicas com suas relações particulares, a estrutura do sistema, que juntas participam de processos dinâmicos: a função do sistema. (GLIESSMAN, 2000, p. 61).

Nesse sentido, a Agroecologia investiga através de um enfoque holístico o manejo do agroecossistema, buscando uma coevolução ecológica, social e econômica com o intuito de promover o empoderamento dos entes sociais, para que, os mesmos, realizem escolhas conscientes a respeito do sentido de suas ações. Essa visão se apoia, também, na valorização dos elementos regionais e do fator endógeno, valorizando o conhecimento tradicional e as tecnologias sociais, na construção de um desenvolvimento sustentável, como afirma Gliessman:

(...) descrevemos um agroecossistema sustentável como sendo o que mantém a base de recursos da qual depende, conta com um uso mínimo de insumos artificiais vindos de fora do sistema de produção agrícola, maneja pragas e doenças através de mecanismos reguladores internos e é capaz de se recuperar de perturbações causadas pelo manejo e colheita. (GLIESSMAN, 2000, p. 78)

Assim, ao pensarmos a contribuição da Agroecologia para esse quadro, apresentamos o livro *Agroecología: Bases científicas para una agricultura sustentable*, de Miguel Altieri (1999), e em especial o capítulo I, escrito por Susanna B. Hecht, no qual, a autora aponta que o termo Agroecologia passou a ser utilizado a partir de 1970, no entanto, a ciência agroecológica e suas práticas são as formas mais antigas de se organizar a agricultura.

Nesse sentido, Hecht, identifica uma série de processos históricos que contribuíram para o esquecimento das práticas agrícolas sustentáveis. Esses processos tiveram seu início com o colonialismo, quando os sistemas de produção primário das colônias foram substituídos para atender às demandas das metrópoles. Apresentando seu ápice no surgimento da ciência positivista como paradigma predominante, que transformou a natureza de algo que era vivo, orgânico e sagrado para uma concepção linear e mecanicista.

Ainda sobre as visões predominantes na ciência, o mesmo livro traz um capítulo escrito por Richard Norgaard e Thomas Sikor (1999), no qual os autores criticam as visões limitantes da Ciência, apontando como reais inimigos do pensamento crítico: o atomismo que admite que as partes podem ser entendidas mesmo fora do sistema; o mecanismo que afirma que essas partes são fixas, possibilitando a previsão e o controle; o universalismo que pensa a explicação dos fenômenos a partir de um número pequeno de princípios universais; objetivismo que afirma que nossos valores podem ser facilmente separados de nosso objeto de estudo; e, por fim, o monismo que afirma que o conhecimento dividido em disciplinas se funde em um todo abrangente e coerente.

Assim, propõe-se o pluralismo epistemológico e metodológico como alternativa frente à crise do positivismo, que permanece baseado no reducionismo cartesiano. Pois, como enfrentamento a essa visão limitada da ciência, temos no (re) descobrimento da Agroecologia, como exposto por Thomas Kuhn, em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1998), a influência das tecnologias pré-existentes como ponto de partida para uma nova revolução, bem como a curiosidade dos cientistas no resgate dessas experiências, abordando um paradigma emergente, que desponta como uma nova forma de se fazer ciência.

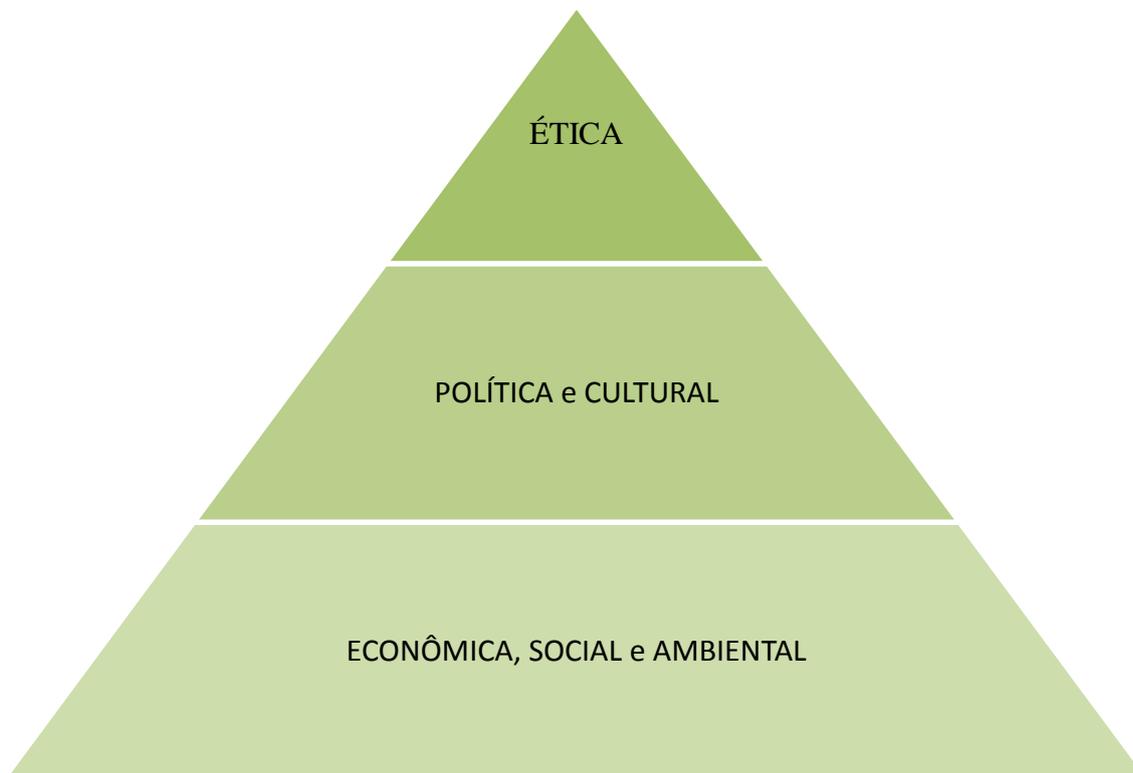
De forma muito semelhante (ao que ocorre nas revoluções políticas), as revoluções científicas iniciam-se com um sentimento crescente, também seguidamente restrito a uma pequena subdivisão da comunidade científica, de que o paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de um aspecto da natureza, cuja exploração fora anteriormente dirigida pelo paradigma. (KUHN, 1998, p. 126).

Esse dinamismo está retratado na inserção do fator humano, bem como em seus anseios e pensamentos, legitimando os conhecimentos, a diversidade cultural, a capacidade de experimentação e a criatividade dos agricultores. Dessa forma, para além da inserção de tecnologias verdes, da substituição de insumos, das técnicas de agricultura de baixo carbono e do “selo” que denota garantia de um produto orgânico, que apontam para a proposta comercialista das agriculturas sustentáveis necessitamos de uma nova racionalidade, como apontam Caporal e Costabeber (2004).

Por isto mesmo, quando se fala de Agroecologia, está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade (CAPORAL; COSTABEBER, p. 13).

Essa nova proposta científica também se baseia no respeito ao conhecimento do agricultor e busca uma maior participação, dos mesmos, nos processos de construção da pesquisa, valorizando suas significações, estratégias e tecnologias. Considerando dessa forma, que as estratégias de promoção da sustentabilidade devem ser baseadas nessas seis (06) dimensões, a saber: ecológica, econômica, social, cultural, política e ética. Essas multidimensões se organizam, de acordo com Caporal e Costabeber, de forma piramidal, na qual uma exerce influência sobre a outra. Como visto na Figura 1:

Imagem 1 - Multidimensões da Sustentabilidade



Fonte: Adaptado de Caporal e Costabeber, 2004

Como a dimensão ambiental é apenas uma das componentes, se faz necessária uma reflexão epistemológica, sobre a perspectiva sociológica da Agroecologia, que de acordo com Sevilla Guzman (2002), se manifesta tanto na tradição teórica do pensamento científico social, como na natureza social da Agroecologia, apoiada na ação coletiva de setores da sociedade. Assim temos na redescoberta da Agroecologia uma alternativa que se evidencia como um novo paradigma científico, como escreveram Caporal e Costabeber:

Neste ambiente de busca e construção de novos conhecimentos, nasceu a Agroecologia, como um novo enfoque científico, capaz de dar suporte a uma transição a estilos de agriculturas sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004 p.8)

A partir dessas considerações, podemos inferir que, a Agroecologia, pensada como uma área de conhecimento transdisciplinar, se apresenta como paradigma científico alternativo frente à necessidade de estabelecermos uma relação ecológica com o meio ambiente, que garanta retorno financeiro ao agricultor, que seja socialmente abrangente, politicamente democrática, empática com as diferentes culturas e que se fundamente em relações éticas. Ou seja, sustentável com os agroecossistemas e dialógica com as pessoas.

Nesse contexto temos distintos níveis de análise dentro da ciência agroecológica, passando desde a exploração do agroecossistema, pelo manejo dos recursos naturais até a investigação a cerca das relações da comunidade, que se referem às três perspectivas de pesquisa: Distributiva, Estrutural e Dialética. Por sua vez, esses modos de abordar as problemáticas referentes à Agroecologia são instrumentalizados a partir de três formas de investigação: ecológico-produtiva, socioeconômica e sócio-política.

A perspectiva dialética faz referência à relação que se estabelece em todo o processo de indagação entre o pesquisador e a parcela de realidade pesquisada. Não se trata somente de conhecer (como sucedia na perspectiva distributiva) e explicar (como sucedia na perspectiva estrutural), senão que se trata de intervir e articular-se com o objeto investigado, para incidir, de forma crítica, no curso de sua transformação (GUZMAN, 2002, p. 25)

Nessa área de conflito existem dois lados que, em uma primeira análise, se mostram como opostos. Onde um clama pela assertiva de uma ciência positivista desvinculada de observações de cunho político/ideológico, onde a ciência se manteria como um ente puro, a salvo das vontades, superstições e paixões humanas. E do outro um grupo que trabalha, dentro do método científico, sob a perspectiva da construção do conhecimento, como espaço de disputa de poder, submetido ao contexto no qual está inserido e com uma profunda preocupação a respeito das questões éticas.

Desse modo, com o avanço do desenvolvimento científico, várias questões que pensávamos que já estariam respondidas, de forma ampla, ainda permanecem um mistério, e contribuem em produzir um desenvolvimento que está diretamente ligado a uma série de mazelas e riscos, em todas as sociedades humanas. Toda essa contradição, entre o nosso atual momento como civilização e a nossa falta de capacidade em atenuar os problemas comuns à grande maioria das sociedades como a fome, a poluição e a má distribuição de recursos, nos põe em conflito com esse paradigma dominante.

Assim, a incorporação de temas no meio rural, que transcendem a produção agrícola, traz novos questionamentos sobre as estratégias de fomento à agricultura familiar, revelando de forma mais nítida o papel multifuncional do campo. Possibilitando uma pesquisa que além da execução de atividades técnicas e de coleta de dados, precisa ser interpretada de forma subjetiva, analisando as relações de poder decorrentes dessa ação, assim como afirma Miguel Altieri, na edição em português de seu livro *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável* (2012):

Grandes reformas devem ser feitas nas políticas, nas instituições e nos programas de pesquisa e desenvolvimento para assegurar que essas alternativas se disseminem de forma massiva, equitativa e acessível, de modo que os benefícios por elas gerados sejam direcionados para a conquista da segurança alimentar (ALTIERI, p. 17).

Essa abertura não busca a redução, limitação ou censura frente à ciência, mas sim, combater a subordinação da tecnologia aos interesses do sistema, que resulta na perpetuação de necessidades fabricadas, no desperdício, na desigualdade e na exploração desordenada do meio ambiente.

2.1.3 A Epopeia do Consumo as Redes de Comunicação e a nova Epistemologia

No entanto, baseando-se no individualismo e no consumismo a economia capitalista substitui o ser pelo ter, onde a qualidade de vida, as formas de afirmação, reconhecimento e pertencimento se baseiam na capacidade de adquirir as novidades tecnológicas como meio de manifestação da identidade, representação frente aos outros e mediação dos sentidos e significados de mundo.

Nesse contexto, do sujeito subjugado pelo sistema, temos o conceito do Homem Econômico, já trabalhado por Eric Fromm, entre outros. No qual, esse Homem obedece à constante universal da “lei da escassez”, descrevendo a premissa de que vivemos em um mundo limitado fisicamente, enquanto as necessidades e os desejos humanos são ilimitados.

O homem, como um dente de engrenagem da máquina de produção, torna-se uma coisa e deixa de ser humano. Ele passa seu tempo fazendo coisas nas quais não está interessado, com pessoas nas quais não está interessado, produzindo coisas nas quais não está interessado; e, quando não está produzindo, está consumindo. Ele é o eterno lactente de boca aberta”, absorvendo “sem esforço e sem atividade interior, tudo o que a indústria que impede o tédio (e produz o tédio) lhe impinge – cigarros, bebidas, filmes, televisão, esportes, conferências – limitado unicamente pelo que ele pode dar-se ao luxo de ter. (FROMM, 1975 p. 55)

Da mesma forma, ao analisarmos essas relações, como no livro *Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadorias* (2008), do sociólogo Zygmunt Bauman, percebemos que nossa sociedade está profundamente dependente das trocas financeiras baseadas na compra e venda. Nessa sociedade os *shopping centers* são os novos locais de culto e são reverenciados de tal forma que ocorre a transformação das pessoas em mercadorias, por fim, o sujeito é coagido a ceder frente a um estilo de vida consumista, buscando dessa forma o reconhecimento e a autonomia através do status dos produtos que adquire.

Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal que não conhece exceção. (BAUMAN, 2008 p. 73).

Essa dependência nos é apresentada de forma insistente, desde nossa mais tenra infância, sendo que esse consumo demonstra, para além de nossas posses, a nossa afiliação social, assim nossas vidas passam a ter valor, que é caracterizado pela nossa vendabilidade, ou seja, o ponto em que nos tornamos peças com prazo de validade. Dessa forma, o principal objetivo do consumo é extrapolar nossa condição de consumidores, levando as pessoas, as culturas e as comunidades à condição de mercadoria, que podem ser compradas, vendidas e especuladas, onde uns tem mais valor que outros.

Nesse sentido, a atual crise vivenciada pelas sociedades humanas tem em seu cerne um problema que excede a noção de livre comércio *versus* estatização da economia, mas que se manifesta como um fator epistemológico. Essa ideia é defendida por Enrique Leff, em seu livro “Discursos Sustentáveis” (LEFF, 2010), nele, o autor considera que devemos buscar uma racionalidade ambiental, que não se fundamenta em bases ecológicas, mas na busca constante de um projeto de democracia e de justiça que se baseia no diálogo, na ética humana e na relação intersubjetiva com a outridade.

Ao aprofundar sua visão sobre epistemologia, Enrique Leff apresenta o multiculturalismo e o compartilhamento coletivo dos saberes, como forma de combater a atual crise civilizatória, esse conceito explora o poder do saber, do conhecimento, do respeito às culturas e da busca por uma nova economia como alternativa frente ao paradigma cartesiano, mecanicista e desumanizador atual.

A partir daí seguiu-se uma odisséia civilizatória que foi coisificando o mundo, a natureza e os seres humanos, de maneira que hoje o que predomina é uma supertecnificação e supereconomização do mundo. Todos os entes e coisas do mundo foram traduzidos em valores econômicos, e essa virada é talvez a fonte mais profunda da crise ambiental. Por isso afirmamos que a crise ambiental é essencialmente uma crise do conhecimento (LEFF, 2010, p. 84)

Todos esses questionamentos, provindos desse paradigma emergente, tem afetado os modos de produção do conhecimento, gerando questionamentos aos seus métodos, normas e procedimentos. Nesse sentido, Enrique Leff, afirma que essa crise que apresenta junto ao paradigma científico vigente, precisa transcender os muros acadêmicos, buscando sua legitimação e real avaliação de seu impacto junto à base social, promovendo uma abertura epistemológica.

Sendo necessária uma reformulação do pensamento ocidental, no qual através de uma epistemologia crítica devemos repensar nossa racionalidade, desconstruindo o homem como servo do sistema. Projetando uma nova forma de mediar, ser, sentir e pensar que respeite a complexidade ambiental, agregue os diferentes saberes e que respeite a diversidade e as diferenças, estabelecendo uma nova realidade baseada em um profundo reconhecimento da outridade.

A sustentabilidade implica uma mudança de racionalidade social e produtiva, mas a racionalidade ambiental não é um modelo homogêneo ou um paradigma monolítico. Seus princípios abarcam e se fundamentam em uma pluralidade de racionalidades culturais, a partir da qual se constroem diferentes caminhos para a sustentabilidade. (LEFF, 2010 p. 51)

Essa noção é percebida na vivência junto às feiras livres e se aproxima da perspectiva da Economia Solidária, que pode ser definida a partir de uma série de características como a valorização do trabalho dos indivíduos, das formas associativas, das estratégias de sustentabilidade, da democratização da economia e do consumo responsável, por exemplo. Assim de acordo com José Luis Coraggio, em seu livro, *Economia Social y Solidaria: El trabajo antes que el capital*, que se relaciona com:

Nombres, prácticas, criterios y sentidos que se buscan mutuamente. Prácticas y nombres ancestrales, o meramente antiguos, renovados o nuevos. Un aluvión magmático –desatado al romperse los diques de la promesa de la sociedad salarial incluyente– que demanda marcos conceptuales, solo para ser contenido provisoriamente, porque su estado es fluido y no puede cristalizarse en definiciones pretendidamente verdaderas y finales. Conceptos que se irán perfilando con las sucesivas experiencias, puestos a prueba para registrar, ordenar, diferenciar, calificar, analizar, sintetizar, para dar materia prima a reflexiones más sistemáticas, posibilitar un pensamiento estratégico, facilitar el encuentro del discurso y las prácticas estatales y de la ley con el accionar y la palabra, con la cultura y las costumbres de los sectores populares. (CORAGGIO, 2011, p. 34)

Evidenciamos a necessidade da realização de pesquisas que se apoiem na reformulação do pensamento, onde não mais a/o instituição/extensionista são os detentores do conhecimento científico, e o agricultor, é um objeto de estudo inerte. Assim, a partir do aporte das redes temos uma nova forma de pensar as estruturas de produção de conhecimento acadêmico, fomentando discussões sobre as relações de poder estabelecidas nessas trocas de saberes e integrando a comunicação como potencializador dessa mudança.

Nesse sentido, pensamos a influência da comunicação no estabelecimento dessas novas redes, que contribuem para a reformulação dessas estruturas, que antes eram vistas e marcadas por uma relação mediada entre emissor e receptor, com pouca ou quase nenhum

feedback por parte dos espectadores. Assim nos questionamos sobre a influência dessas novas mídias na reformulação da estrutura social, como escreve Manuel Castells, em *A Sociedade em Rede*:

Essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX. A perspectiva teórica que fundamenta essa abordagem postula que as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder. (CASTELLS, p. 23, 1999)

Essas redes são baseadas a partir do paradigma comunicativo, onde a Comunicação, como ciência e processo social dialético inerente à humanidade, se destaca como forma de análise frente à mediação das relações sociais entre os demais indivíduos e seu mundo. Nesse sentido, pensamos no elemento essencial da comunicação que se estabelece sobre a capacidade do diálogo como principal forma de manutenção dessas relações, como espaço de exercício das relações intersubjetivas, como forma de manifestação do conhecimento humano e como exercício de luta por autonomia e reconhecimento.

2.2 DIÁLOGO, AÇÃO COMUNICATIVA, RECONHECIMENTO E DEMOCRATIZAÇÃO

Entre os trabalhos que abordam a perspectiva dialógica nas relações comunicativas estabelecidas entre extensionistas e agricultores, apontamos como expoente o livro *Extensão ou Comunicação?* (1977), do educador Paulo Freire, que propõe a ressignificação do homem através das relações interpessoais, evidenciada a partir da dialogicidade entre os indivíduos. Essa ressignificação, que aponta a capacidade do diálogo como instrumento de fomento a autonomia, da criticidade e da liberdade do indivíduo tem a capacidade de contribuir diretamente nas relações humanas, promovendo uma aprendizagem crítica que se baseia na luta, individual e coletiva, de transformação do mundo.

Assim, ao nos apropriarmos dessa dialogicidade, considerando a atual proposta de pesquisa, é necessário levarmos em consideração que a ação extensionista é uma experiência, ou atividade, pertinente à comunicação, que se evidencia a partir da relação intersubjetiva estabelecida entre os atores que compõe essa relação social (FREIRE, 1977).

Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos. É então indispensável

ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. (FREIRE, 1977 p. 45)

Da mesma forma, nos apoiamos na ideia de que a ação extensionista, no contexto da Agroecologia como ciência, deve se valer de uma significação própria e dialógica, ao ser fundamentada por uma teoria na qual os atores se apropriem de forma crítica. Essa apropriação crítica parte dos sujeitos quando, esses, são apresentados a conhecimentos, conceitos, técnicas e histórias que lhes fazem sentido, uma vez que essa construção do conhecimento se reflete no mundo do sujeito, para isso, precisamos de uma abordagem verdadeiramente dialógica. Como explica o autor:

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”. (FREIRE, 1977, p.28)

Freire considera que a inserção junto às sociedades a partir da visão difusionista, que pensa os indivíduos, grupos e suas realidades como *corpus* de nossas pesquisas, público alvo de nossa ação extensionista e receptáculos de nosso conhecimento, ainda se apoia no que o autor denominou de “equivoco gnosiológico da extensão” (p.14). Esse equivoco, conserva a ideia de extensão baseada na ação de levar, estender e inserir. Assim resta a pergunta, então como podemos realizar essas atividades, baseadas na interpessoalidade e no diálogo, sem nos deixarmos levar pela razão instrumental, ou seja, sem invadirmos culturalmente?

Nesse ponto admitimos a importância da Ética como ponto de nivelamento do diálogo.

Assim, que essa ética pode ser entendida a partir da intenção dos indivíduos, que se conectam a essas relações, assim temos na perspectiva da Teoria Crítica e no Mundo da Vida, apresentados na obra do filósofo alemão, Jürgen Habermas, a manifestação de sua preocupação sobre essas relações humanas distintas.

O mundo da vida constitui um horizonte e, ao mesmo tempo, oferece um acervo de evidências culturais do qual os participantes da comunicação tiram, em seus esforços de interpretação, padrões exegéticos consentidos. Do mesmo modo, a solidariedade dos grupos integrados por valores e as competências de indivíduos socializados, permanecem – tal como as suposições de pano de fundo culturalmente adquiridas – aos componentes do mundo de vida (HABERMAS, 2002, p. 416-417).

Nessa relação subsidiada pelo diálogo, percebemos que o Mundo da Vida se manifesta através da cooperação entre os indivíduos, que mesmo com histórias, tradições e culturas diferentes buscam um entendimento através da intersubjetividade, da solidariedade, da

afetividade e da coletividade entre os sujeitos. Ou seja, esse mundo que corresponde à problemática sociológica, trata diretamente da relação ética dos indivíduos com outros indivíduos.

Dessa forma, vivenciamos esse constante conflito, que se estabelece sob a relação dialética, entre o Mundo da Vida e o Mundo do Sistema, sendo caracterizados pelo modo como se relacionam diante dos dilemas dos indivíduos, respectivamente percebidos como Agir Comunicativo e Agir Instrumental.

Assim, temos o Agir Comunicativo, que sustenta suas bases a partir do Mundo da Vida e das relações sociais, predominando as mediações humanas, pessoais, intersubjetivas e afetivas, baseando suas escolhas e ações a partir da Ética. Sendo que, em contraponto, temos o Agir Instrumental, onde predominam as relações dos subsistemas, denominados a partir da legislação, dos contratos formais, dos sistemas políticos bem como da ação racional com a valorização do controle e da regulamentação.

É importante notarmos que essa ação, pretendida pelo Mundo do Sistema, não se caracteriza como a proposta de uma racionalidade que busca resolver os conflitos, ou de estabelecer a ética nas relações intersubjetivas, buscando a transformação do mundo através da autonomia do indivíduo, mas sim em manter exclusivamente a estrutura do sistema. Bem como, perpetuando a colonização do Mundo da Vida pelo sistema, a fim de operacionalizar a ação humana gerando respostas que sejam pré-programadas, limitadas, quantificáveis, enumeradas e que acima de tudo contribuam para o *status quo*.

Nesse sentido, Flávio Siebeneicheler, em seu livro Jürgen Habermas: Razão Comunicativa e Emancipação (2003) destaca que “O agir instrumental orienta-se por regras técnicas decorrentes de um saber empírico” (Apud, 74) e afirma também que “... é visto como trabalho, como ação derivada de uma escolha racional de meios adequados...” (Grifo nosso, p. 74). Esse agir instrumental regula, coloniza e se insere no mundo da vida através de uma série de mecanismos, que se estruturam para substituir a dialogicidade, a organicidade, a eticidade e a espontaneidade que construímos como indivíduos pertencentes aos mais variados grupos, e que enriquecem as relações e experiências humanas.

Também, segundo a proposta da teoria de Habermas, em seu livro Consciência Moral e Agir Comunicativo (1989), é admitido que o Agir Comunicativo, ou ação comunicativa, se estabelece através de uma ação dialógica que revela a capacidade dos indivíduos em estabelecerem conexões e relações com o mundo. Fomentando através do diálogo, da mudança de perspectiva e da razão dos indivíduos novas estratégias e decisões que tem como

finalidade o entendimento mútuo, propondo um novo paradigma fundamentado na razão comunicacional. Como aponta o autor:

O Conceito do agir comunicativo está formulado de tal maneira que os atos do entendimento mútuo, que vinculam os planos de ação dos diferentes participantes e reúnem as ações dirigidas para objetivos numa conexão interativa, não precisam de sua parte ser reduzidos ao agir teleológico. Os processos de entendimento mútuo visam um acordo que depende do assentimento racionalmente motivado ao conteúdo de um proferimento. O acordo não pode ser imposto à outra parte, não pode ser extorquido ao adversário por meio de manipulações. (HABERMAS, 1989, p. 165).

Essa perspectiva, de um agir comunicativo orientado para um entendimento mútuo, transcende o modelo de razão instrumental, uma vez que, busca dentro de suas propostas paradigmáticas uma série de iniciativas que promovem o diálogo, ou seja, que se revela como uma ação pertinente ao mundo da vida. Evitando a “cientificação da técnica” (HABERMAS, 2009) onde a “produtividade” de uma determinada ação está ligada aos resultados e possibilidade de inserção de novas técnicas, no entanto diante da realidade de tomarmos decisões e estabelecermos relações nos vemos diante de ações que não condizem com o Mundo da Vida, uma vez que a razão Instrumental tende a oferecer respostas mais adequadas em um primeiro momento.

Nesse momento Habermas (2012), em Teoria do Agir Comunicativo, aponta para a importância da Argumentação, que segundo ele deve ser fundamentado em argumentos válidos baseados na: pretensão de verdade, na justeza normativa, na veracidade subjetiva e na adequação estética. Sendo que, a partir dessa argumentação, são construídas as pretensões de validade de um diálogo, essas pretensões não buscam a total concordância entre os diferentes pontos, mas apresentam a capacidade de construção de um entendimento.

Denominamos argumentação o tipo de discurso em que os participantes tematizam pretensões de validade controversas e procuram resolvê-las ou criticá-las com argumentos. Um argumento contém razões que se ligam sistematicamente à pretensão de validade de uma exteriorização problemática. A ‘força’ de um argumento mede-se, em dado contexto, pela acuidade das razões; esta se revela, entre outras coisas, pelo fato de o argumento convencer ou não os participantes de um discurso, ou seja, de o argumento ser capaz de motivá-los, ou não, a dar assentimento à respectiva pretensão de validade. (2012, p. 48)

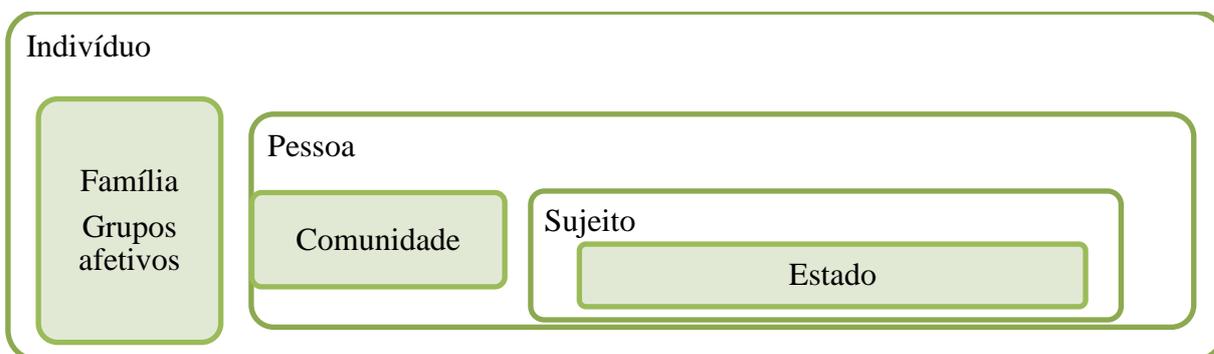
Nesse sentido, apesar de o exercício da argumentação ser fundamental para a manutenção de uma relação dialógica, diante do paradigma comunicativo o não reconhecimento dos sujeitos como iguais, de forma equitativa, pode, entre outras coisas, gerar uma relação de dependência, de coerção e, mais uma vez na colonização do mundo da vida pelo mundo do sistema. Ao pensarmos a importância dos grupos nessas relações, apontamos

que os indivíduos buscam constantemente formas de construção de sua autonomia através de um reconhecimento.

Essa necessidade de afirmação identitária revela de forma subjetiva as potencialidades de suas ações e decisões. A busca, por essa autonomia, pode ser interpretada para além da mera representação do indivíduo frente ao grupo, mas também se fundamenta na capacidade de apropriação dos conhecimentos, autoimagem, qualidade de vida e autorrealização do indivíduo frente a esses mundos.

Assim, encontramos na teoria da Luta por Reconhecimento (2003), de Axel Honneth, uma série de reflexões acerca das relações dialéticas, que podem se manifestar no âmbito do Ser:

Imagem 2 – Relações do Ser



Fonte: Do autor, 2017, adaptado de Honneth, 2003.

Assim temos nossas relações como indivíduos (frente à família), como pessoas (frente à sociedade) e como sujeitos (frente ao estado). Estas três dimensões do ser (indivíduo, pessoa e sujeito) estabelecem os diferentes modos de Reconhecimento e apesar de distintas são interligadas:

(...) desde a esfera emotiva que permite ao indivíduo uma confiança em si mesmo, indispensável para os seus projetos de autorrealização pessoal, até a esfera da estima social em que esses projetos podem ser objeto de um respeito solidário, passando pela esfera jurídico-moral em que a pessoa individual é reconhecida como autônoma e moralmente imputável, desenvolvendo assim urna relação de autorrespeito (HONNETH, 2003, p. 18).

Essa busca e luta pelo reconhecimento dentro das relações humanas, pensada primeiramente por Hegel, de acordo com Honneth, é tão importante para nossa sociedade que substituiu a antiga perspectiva sobre honra e moral. Nesse sentido o autor questiona o papel fundamental do Reconhecimento como “um processo social que leva a um aumento de

comunitarização, no sentido de um descentramento das formas individuais da consciência” (HONNETH, 2003, p. 64).

Dessa forma, apontamos que a manutenção da autonomia do indivíduo frente ao grupo aliada à capacidade desses indivíduos autônomos, quando fundamentados em princípios éticos, em construir relações interpessoais é fundamental para o fortalecimento do grupo. Temos a partir desse conceito a questão da moral, que segundo Honneth “(...) se entende hoje por "moral" o ponto de vista que permite demonstrar a todos os sujeitos o mesmo respeito ou considerar seus respectivos interesses da mesma maneira...” (2003, p.269).

Essa moral se submete à ótica da racionalidade crítica evidenciada por Kant. No entanto o autor considera que a moral na Luta por Reconhecimento:

(...) desvia-se da tradição que remonta a Kant porque se trata para ela não somente da autonomia moral do ser humano, mas também das condições de sua autorrealização como um todo; por isso, a moral, entendida como ponto de vista do respeito universal, torna-se um dos vários dispositivos de proteção que servem ao fim universal da possibilitação de uma vida boa (HONNETH, 2003, p. 271).

Ao levarmos em consideração essas relações, temos estabelecido que a Ética se apresenta como ponto de partida para a ampliação do conceito de mundo da vida, para a possibilidade dos diálogos interculturais, para a necessidade de quebra de paradigmas e para o tensionamento da epistemologia e da racionalidade moderna. Essas relações devem ser os requisitos para a construção de um mundo mais plural, multicultural, democrático e que possibilite essa “vida boa”, manifestada pela qualidade de vida, pela satisfação, pela alegria, ou seja, por categorias quase impossíveis de se quantificar.

Nesse sentido, a visão Ética também contribui para a abertura desse pluralismo na produção de conhecimento e para a interdisciplinaridade na ciência, ao mesmo tempo em que agrega o conhecimento de uma pluralidade de indivíduos à pesquisa científica. Todos esses movimentos convergem no sentido de estipular um olhar crítico aos resultados, tecnologias e produtos derivados do conhecimento científico, democratizando a ciência e o conhecimento, contribuindo para a construção de metodologias mais participativas.

Assim, percebemos a necessidade de buscarmos a democratização dos processos comunicativos, com o intuito de revelarmos as vozes, as histórias e os pensamentos dos grupos invisibilizados pela comunicação hegemônica. Nesse sentido Boaventura de Souza Santos identifica essa preocupação, em seu livro, *Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social* (2007).

Então me pareceu que, provavelmente, o mais preocupante no mundo de hoje é que tanta experiência social fique desperdiçada, porque ocorre em lugares remotos. Experiências muito locais, não muito conhecidas nem legitimadas pelas ciências sociais hegemônicas, são hostilizadas pelos meios de comunicação social, e por isso têm permanecido invisíveis, "desacreditadas". A meu ver, o primeiro desafio é enfrentar esse desperdício de experiências sociais que é o mundo; e temos algumas teorias que nos dizem não haver alternativa, quando na realidade há muitas alternativas (2007, p. 24).

Buscando essa reinvenção, através das experiências sociais, Boaventura propõe a substituição do que ele denominou monocultura do saber, que se fundamenta em uma série de ausências sociais que só podem ser enfrentadas através da valorização das vivências, das multiplicidades e das diversidades. Apostando na multiculturalidade como parâmetro para a resolução dos conflitos de ordem social, ambiental, econômica, política, cultural e ética.

Essas ausências, também podem ser enfrentadas a partir da manifestação e da valorização, do que Boaventura denominou, de Ecologias dos Saberes. O autor também contempla outras Ecologias, na tentativa de explicitar as diferentes formas de vivências e conhecimento como as ecologias dos tempos, das diferenças, das escalas e das produções. Estas se inter-relacionam no sentido de ampliar as experiências sociais do presente, sendo que esse alargamento do presente é fundamental para que possamos resolver nossos problemas como civilização

Dessa forma, essas Ausências revelam uma série de Emergências, que se trabalhadas dentro contexto sociológico investigativo, como recomendado pelo autor, ampliam as possibilidades de respostas e alternativas futuras. Essas Emergências fundamentam sua atuação através de uma série de experiências, junto aos grupos invisibilizados, definidos como conhecimento, desenvolvimento, reconhecimento, democracia e comunicação. Assim no enfoque para nossa pesquisa destacamos as experiências de comunicação, sendo que o autor afirma:

Experiências de comunicação e de informação. Trata-se de diálogos e conflitos possíveis, derivados da revolução das tecnologias de comunicação e de informação, entre os fluxos globais de informação e os meios de comunicação social globais, por um lado, e, por outro, as redes de comunicação independente transnacionais e os media independentes alternativos (SANTOS, 2002, p. 260).

Nesse sentido temos nas experiências da comunicação um campo que se adéqua às teorias de Boaventura de Sousa Santos, nas quais destacamos a contribuição a respeito de uma Sociologia das Ausências e das Emergências. Nesse sentido, também afirmamos que dentro dessa perspectiva das emergências sociológicas se faz necessário avaliarmos a questão da

ética como componente dessas relações bem como a necessidade de uma emancipação e reconhecimento social.

Assim, afirmamos que é necessário transcender a linearidade estática e o rigor do papel em branco como única possibilidade de exposição das perguntas, metodologias e respostas da pesquisa científica, principalmente ao indicarmos a importância das propostas participativas de investigação, a fim de explorarmos essas experiências de comunicação, junto ao meio acadêmico. Aprofundaremos esse tema no próximo capítulo

3. A VIVÊNCIA E A EXPERIÊNCIA COMO PESQUISA, EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O presente capítulo discorre a respeito das Metodologias de pesquisa utilizadas no presente trabalho, bem como na reflexão a respeito de sua capacidade de diálogo entre o mundo do sistema (acadêmico), da necessidade de formulação de um documento que atende as premissas legais da formação e titulação, e o mundo da vida (interpessoal) estabelecido entre o sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados, nos diálogos, caminhos, sentimentos e histórias compartilhadas nesse processo.

Nesse sentido, apresentamos uma reflexão a respeito da possibilidade do Audiovisual como materialidade de representação da vivência de experiência, além de refletirmos sobre a importância das Metodologias Participativas como formas de investigação inerentes à ciência da Agroecologia, bem como uma aproximação frente à Pesquisa-Ação como oportunidade de transformação social. Finalizando esse trecho com um resgate a respeito do que o NEA-UFSM desenvolveu em conjunto com os agricultores, associações e eventos descritos e estudados nesse trabalho.

A partir dessa problemática abordamos as Metodologias Participativas, a fim de compreendermos as relações estabelecidas pelos agricultores em transição agroecológica, sob a perspectiva do agir comunicativo em busca de sua autonomia na luta por reconhecimento. Dessa forma, sinalizamos que essa pesquisa qualitativa foi realizada através de uma série de ações e atividades de investigação desenvolvidas sob a proposta da valorização do diálogo e da construção coletiva e participativa de conhecimento.

Nesse sentido nos valem do pressuposto estabelecido na identificação e aproximação, teórico-acadêmica, entre os termos Metodologia Participativa (CHAMBERS), Pesquisa Participante (FREIRE, FALS BORDA, PINTO) e Pesquisa-Ação (THIOLLENT), bem como nas acuradas discussões a respeito do alcance, das propostas e das teorias que as fundamentam. Entre as quais destacamos a necessidade de questionamento da relação sujeito-objeto/pesquisador-pesquisado, da possibilidade de transformação social e da real participação dos agricultores no processo de pesquisa.

Desse modo, a partir da definição do grupo focal, formado por quatro (04) famílias agricultoras em transição agroecológica essa construção se baseia em um estudo de caso (ECO, 2008), fundamentado na observação participativa, tomada de temas geradores (FREIRE, 1977), realização de entrevistas abertas (GIL, 2008) e registro de material audiovisual. Objetivando responder as questões da pesquisa através do diálogo com os

agricultores, da valorização de suas vivências e evidenciando a comunicação como possibilidade de transformação social.

Assim, ao pensarmos a respeito das experiências em Comunicação, identificamos que a popularização das mídias e as novas estruturas comunicacionais, organizadas em redes, têm influenciado as questões relativas à identidade, representação, significação, reconhecimento, emancipação e exercício da autonomia dos indivíduos. Essas relações sociais, que são percebidas de forma particular, representam uma série de transformações nas relações humanas, nas quais, essa nova forma de acesso à informação e construção do conhecimento revela novas experiências.

3.1 O AUDIOVISUAL COMO CAMINHO METODOLÓGICO

Como mencionado, durante as entrevistas e visitas, foi realizada a gravação audiovisual da interação entre pesquisador e agricultores, explorando as potencialidades narrativas desse tipo de ferramenta, para a obtenção de dados e produção de material para a pesquisa, que foi compartilhado com os agricultores sob forma de resgate da experiência. O vídeo analisado no sexto capítulo foi disponibilizado, no dia 25 de janeiro de 2018, em plataforma digital, no canal do autor do Youtube, constando no link: <https://www.youtube.com/watch?v=sUU7qz7vCnI>.

Ademais, para além do produto de comunicação, através da realização de um audiovisual, se faz necessário utilizarmos novas ferramentas, abordagens e métodos que se enquadrem na perspectiva das metodologias participativas.

Nessa construção coletiva, que se estabelece nos espaços de atuação desses agricultores, os relatos foram recolhidos a partir de uma série de ferramentas e técnicas para a construção de conhecimento. Sendo que as perguntas foram elaboradas através da observação participativa, realizada junto às feiras livres, nas quais os agricultores vendem, interagem, trocam, se relacionam e constroem as suas conexões diárias.

Nessa fase, durante a observação, foi utilizado um caderno de campo, no qual foram anotados uma série de temas geradores, ou palavras-chave, que surgiram no momento do diálogo dos agricultores com o pesquisador, extensionistas, acadêmicos, clientes, amigos e membros das associações, que estiveram presentes no dia das observações. Esses temas também foram inspirados a partir de pesquisas anteriores, realizadas no âmbito do NEA, uma vez que tínhamos disponível um amplo banco de dados, trabalhos e resultados que se aproximam do intuito dessa investigação.

Sobre os temas geradores, Freire aponta que esses caminhos devem ser trilhados dentro de uma visão libertadora, ao explicitar a importância do diálogo e dos temas geradores nas propostas de ensino, pesquisa e extensão que se aproximam da perspectiva participativa. Nesse caso essa educação libertadora pode ser entendida a partir da construção de conhecimento coletivo, na qual os indivíduos se apropriam conscientemente do saber.

Essa investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione ao mesmo tempo a apreensão dos 'temas geradores' e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (FREIRE, 1993, p. 87).

Nesse sentido, a partir da proposta de retorno na pesquisa-ação, pensamos na possibilidade do audiovisual como caminho metodológico, ao rememorarmos essas experiências que são construídas nas práticas diárias desses agricultores. Revivemos, também, essas experiências ao propormos uma abordagem que se opõe à visão positivista, da linearidade de pensamento ou de uma única resposta para o problema exposto na pesquisa, manifestando nossa preocupação com os fatores qualitativos das situações particulares.

Pois, temos no paradigma comunicacional uma série de possibilidades e de questionamentos, sendo que através da realização de um produto audiovisual percebemos várias contribuições para a pesquisa. Nesse sentido, temos que essas experiências são baseadas em processos sociais dinâmicos e complexos que se relacionam com fatores, tanto objetivos quanto subjetivos, e revelam os vários contextos em que se desenvolvem as relações sociais, bem como a particularidade dessas situações, percepções, intenções e reações dos diferentes sujeitos envolvidos no processo.

Assim, realizamos esse exercício respeitando as etapas de execução de um documento audiovisual, nas quais temos a fase da Produção que podemos interpretar como primeiro contato com os agricultores, que se deu no início de setembro de 2017, e representou a realização do convite para a participação da pesquisa e primeiras observações, bem com as tratativas e agendamentos. Sendo que essa etapa se deu em um ambiente de socialização e desenvolvimento de relações interpessoais, por isso escolhemos as feiras como espaços de manifestação dessas relações sociais.

Ainda nas feiras tivemos a tomada dos temas geradores, que se deu através da observação participativa, perguntas abertas, acompanhamento do dia-a-dia e a realização das primeiras imagens de apoio, que fazem parte da edição do material audiovisual. Também

realizei o resgate do material fotográfico e audiovisual que o NEA dispunha dessas famílias, sendo que na Tabela 1 temos o cronograma das atividades:

Tabela 1 – Observações

Família	Data	Local
Streck	30/09/2017	Feirão Colonial Dom Ivo Lorscheister
Da Silva	07/10/2017	Feirão Colonial Dom Ivo Lorscheister
Vielmo	14/10/2017	Feira APOS (Santiago)
Silva-Garcia	01/11/2017	Feira Ana Primavesi

Fonte: do Autor, 2017.

Para a obtenção dos temas geradores, foi utilizada a técnica de entrevista aberta ou informal (GIL, 2008), seguindo uma fase exploratória com o intuito de se obter uma visão geral, pautada pelo exercício da dialogicidade e objetivando a coleta de dados com a utilização de perguntas livres não estruturadas.

Após a tomada dos temas, na entrevista que consta no audiovisual, utilizamos a entrevista em pautas, que segundo Gil (2008, p. 112) “apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”, essas perguntas estão relacionadas aos temas geradores que foram coletados na fase exploratória.

Esses Temas Geradores delinearão os objetivos do trabalho audiovisual, que correspondeu à realização das entrevistas temáticas, estabelecendo um diálogo entre pesquisador e agricultores. A entrevista temática foi realizada nos agroecossistemas, essa estratégia se deu com o intuito de proporcionar maior conforto e controle do entrevistado frente à locação, e também de retratar o agroecossistema através da captação de imagens das casas, dos quintais e das áreas de produção e lazer da família.

Assim, valorizando o diálogo, seguimos essa dinâmica, propondo um debate com os agricultores através da exposição dos temas geradores observados, relacionando-os às suas histórias de vida e visões de mundo, valorizando esse elemento comunicativo como proposta de metodologia participativa.

Também fazemos notar que essas imagens, vídeos e fotos, que deram origem ao material, foram captadas através de uma câmera Canon EOS REBEL T3i, reflex, com lente 18-55 mm. Para além das especificações técnicas, essas escolhas se deram com o intuito de

valorizar as imagens captadas, proporcionando um material audiovisual de qualidade imagética, buscando um cuidado estético e valorizando as questões criativas diante das possibilidades da elaboração de um audiovisual.

Seguindo nossa construção apontamos para a recuperação do processo vivido, que correspondeu à disposição, escolha e *decupagem* das imagens que deram origem ao roteiro, bem como a edição do material e a reconstrução da história, que foi desenvolvida a partir da ordenação e classificação das informações que foram coletadas. Essa ordenação se mostra importante ao revelar a capacidade, de através da montagem, criarmos novas possibilidades narrativas, diálogos e até mesmo sentidos diante da geração de um novo produto comunicacional.

O processo de edição, apesar de parecer arbitrário, corresponde à escolha consciente das imagens, trechos e falas que melhor ilustram a ideia que se tenta construir dentro do exercício de comunicação, essa ação pesa sobre a capacidade argumentativa do editor e deve ser baseada em princípios éticos de confidencialidade das informações. Fazemos notar que todo processo de comunicação tem uma intencionalidade, revelada nas escolhas do editor, na intenção de comunicar e na definição do público-alvo.

Tecnicamente apontamos que a edição foi realizada através da utilização do programa Final Cut Pro X, da Apple, com o apoio do Laboratório Mediações Sociais e Culturais – LabMESC, com finalização do material, a nível de conteúdo, no dia 20 de dezembro de 2017, e a versão final do material com pós-edição, cortes, abertura, legendas e demais elementos gráficos constituintes no dia 25 de janeiro de 2018.

Também destacamos a etapa de reflexão, na qual realizei a análise e a interpretação crítica do processo, que se revela através da transcrição do material nessa pesquisa, ou seja, corresponde aos capítulos finais dessa Dissertação, normalmente denominados de “resultados”. Esse processo se mostra como fundamentador, aglutinador e balizador das ações tomadas e, ao fim, corresponde à principal forma de manifestação do conhecimento adquirido a partir da realidade pesquisada.

No entanto, reiteramos que essa reflexão acadêmica, de leitura de uma realidade através da teoria e de seus suportes bibliográficos, deve transcender o simples fato de transcrição da experiência para o papel, sob a forma das linhas desse trabalho, que se revela como mero rito de passagem, de um ser não formado para um formado, e de uma realidade desconhecida para uma conhecida.

Sendo assim, por fim, tivemos no momento de devolução, a comunicação e socialização da aprendizagem, através da exibição do material, que foi disponibilizado

anteriormente aos agricultores para avaliação e após autorização dos mesmos foi estabelecido o dia da exibição durante a Feira Ana Primavesi, em 17 de janeiro de 2018.

Na reunião estiveram presentes vários representantes das famílias Da Silva, Silva-Garcia, Streck e Vielmo, que puderam dentro da proposta metodológica verem-se através da representação audiovisual. Reafirmamos que o audiovisual não se limita a entregar um produto de comunicação, mas aponta também para a fidelidade e correção nos dados, valorizando as diversas formas documentais, além de um recurso para a manifestação imaginativa e criativa do pesquisador, que torna comunicável essa experiência.

Portanto, o vídeo também se mostra como uma forma de pensar o mundo, essa possibilidade é exposta, por Phillipe Dubois, em Cinema, Vídeo, Godard (2004), no qual o autor afirma a capacidade da imagem em integrar e condensar formas e conteúdos, significantes e significados através da possibilidade da realização audiovisual. Sendo que, nessa construção simbólica, manifestada nas etapas de construção do vídeo, a realidade objetiva é mediatizada através das relações subjetivas presentes nas ações humanas retratadas na tela. Assim sendo:

O vídeo é, na verdade, esta maneira de pensar a imagem e o dispositivo, tudo em um. Qualquer imagem e qualquer dispositivo. O vídeo não é um objeto, ele é um estado. Um estado da imagem. Uma forma que pensa. O vídeo pensa o que as imagens (todas e quaisquer) são, fazem ou criam (DUBOIS, 2004, p. 116)

Da mesma forma, juntamente com os agricultores, através da vivência dessas experiências, investigamos a relação ética desses indivíduos com seus agroecossistemas, com seus pares e junto aos seus grupos. Envolvendo os integrantes da família no compartilhamento de suas experiências e perspectivas, estabelecendo um momento de devolução dentro da pesquisa, ao nos apoiarmos na participação dos agricultores nessa construção de conhecimento.

3.2 A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIO METODOLÓGICO DA CIÊNCIA AGROECOLÓGICA

Esse esforço de se buscar novas formas de produzir conhecimento se mostra necessário, uma vez que a pesquisa baseada em métodos cartesianos tradicionais não contempla todas as possibilidades de interpretação dessas relações, ainda mais, ao levarmos em consideração os agricultores e agroecossistemas, que se organizam como organismos vivos e dinâmicos. Nesse sentido, pensamos que ao nos depararmos com uma multiplicidade

de assuntos, perguntas e respostas devemos nos valer das Metodologias Participativas como elementos fundamentais para a ciência agroecológica.

Sobre essa necessidade Chambers (1992) ilustra a evolução percebida na ciência e na sociologia agrária, como nova forma de pensamento e de leitura de mundo. Assim afirmamos que as metodologias participativas vêm se desenvolvendo, junto aos processos de sociologia rural, desde os anos 60, na tentativa de encontrarmos respostas mais amplas e aproximadas da realidade: “Em função disso passou-se a buscar métodos mais eficazes de modo que as pessoas de fora pudessem saber mais sobre as condições de vida e sobre os habitantes das áreas rurais” (CHAMBERS, 1992, p. 15).

Nesse sentido, ao pensarmos no movimento de retroalimentação, presente nos processos de comunicação, bem como na relação da Agroecologia com os demais temas aqui abordados, percebemos que essas propostas estabelecem que o agricultor familiar seja o primeiro e último elo dessa corrente no estudo do rural e na possibilidade de desenvolvimento e transformação social. Nesse sentido revelamos essas questões da pesquisa, para além das respostas pré-agendadas referente às atividades de trabalho do dia-a-dia, do retorno econômico financeiro ou da visão dicotômica preservacionista, que exclui o elemento ético. Assim como aponta, Rhoades e Booth (1982):

La filosofía básica en la que se apoya este modelo es que la investigación y el desarrollo agrícola deben comenzar y terminar en el campesino. La investigación agrícola aplicada no puede comenzar aisladamente en un centro de experimentación o con un comité de planificación que está lejos del contacto con la realidad campesina. En la práctica esto significa obtener información acerca del campesino y comprensión de la percepción que el campesino tiene del problema y la aceptación de la evaluación que el campesino hace de la solución propuesta. (p. 22)

Da mesma forma, Guzmán (2001) afirma que para além da revisão transdisciplinar, a Agroecologia se presta ao papel de questionar, quase que de forma revolucionária, os fundamentos da ciência moderna. Organizando seus conhecimentos, através do dualismo metodológico e epistemológico, com a questão social, sendo de extrema importância, nessa análise, o respeito à multiplicidade dos processos no agroecossistema. O autor também concorda que, para a Agroecologia, a palavra método apresenta um caráter polissêmico:

Assim, definimos como método o conjunto de procedimentos que, articulando os pressupostos teóricos com os mecanismos de produção e contrastação da informação, constituem o suporte e orientação em que se apoia o pesquisador para levar a cabo suas contribuições. Por outro lado, entendemos por técnicas o conjunto de ferramentas, ou procedimentos concretos, através dos quais se leva a cabo a coleta de dados, ou a produção dos dados, que nos permitem enfrentar a análise. (GUZMAN, 2001, p.19)

Relembrando, Guzman aponta que atualmente temos três (03) perspectivas de pesquisa: Distributiva, Estrutural e Dialética, que são articuladas em torno da Agroecologia como campos de análise, podendo cristalizar três níveis de investigação: o nível tecnológico (ou empírico), o nível metodológico e o nível epistemológico. Nesse contexto, nos valem do terceiro nível, para aprofundarmos o debate a respeito da dialética e da sócio-política, nas quais a Pesquisa-Ação participativa tensiona a relação sujeito-objeto, provocando a possibilidade de uma mudança nas ações sociais dentro da atuação da ciência.

Essa proposta também traz uma aproximação com a Metodologia da Pesquisa-Ação, de Michel Thiollent. Assim apontamos que todas essas definições contribuem para estabelecer, investigar e desenvolver experiências que buscam um real entendimento do problema investigado e a necessidade de retorno, como bem definido pelo autor em Metodologia da Pesquisa-Ação:

(...) a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Assim afirmamos que não nos deteremos na discussão prolongada a respeito dos termos aqui apresentados, no sentido de apontar a melhor “utilização” da Metodologia X ou Y.

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Da mesma forma, de acordo com João Bosco Guedes Pinto, em Pesquisa-Ação: Detalhamento de sua sequência metodológica, podemos afirmar que a utilização dessas metodologias, para além de seguir as normas e limites dessas propostas, busca estreitar a relação dos envolvidos na pesquisa para além da concepção sujeito-objeto vivenciada na experiência. E se justifica no sentido de que a “Pesquisa-Ação ajuda tanto na descoberta, como na construção desse caminho novo, sempre que seja entendida como um projeto de prática social e nunca como um livro de receitas” (1989, p. 201).

Também se faz necessário questionar o papel da ciência e da tecnologia na construção do conhecimento, bem como a necessidade de uma renovação, no sentido de expandir os conceitos, da epistemologia e da metodologia científica. Esse movimento, surgido na academia, tem fomentado um efusivo debate a respeito das potencialidades e limites desse conhecimento.

Dessa forma, Orlando Fals Borda afirma que a ciência é construída sob uma série de regras e técnicas que se enquadram em uma racionalidade convencionalmente aceita, chamando a atenção para o fato de que os cientistas, que constroem essa racionalidade, são influenciados por suas motivações, egos e interesses. Nesse sentido o autor avalia a importância das Metodologias Participativas em aproximarem os indivíduos, não se pautando na relação sujeito-objeto, mas sim em sujeito-sujeito, como afirma:

São muito evidentes as potencialidades de se obter um novo conhecimento sólido a partir do estabelecimento, na pesquisa, de uma relação mais proveitosa sujeito-objeto, isto é, uma completa integração e participação dos que sofrem a experiência da pesquisa (FALS BORDA, 1981, p. 59).

Assim, nos esforçamos para, com essa proposta interdisciplinar, construir estratégias, ferramentas e metodologias que estivessem em consonância com a proposta de diálogo, participação ativa dos agricultores e transformação social, que são retratados e exigidos em todas essas possibilidades de caminhos metodológicos. Lembrando que as dimensões, teórica e prática, se relacionam de forma dialética, com a experiência observada no mundo, e se fundamentam sob a transformação da realidade efetuada tanto pelo pesquisador, quanto pelo agricultor.

Assim, através da proposta de uma metodologia participativa e de valorização das experiências já vivenciadas tivemos a possibilidade, com a realização audiovisual, apresentarmos uma ferramenta metodológica de retorno na pesquisa, além de dispositivo para a manifestação e afloramento das relações intersubjetivas estabelecidas nesse processo de luta por reconhecimento e autonomia da qual os agricultores fazem parte. Nesse sentido, apontamos que esse reconhecimento e autonomia também são motivados através da participação dos agricultores nessa construção coletiva do conhecimento que se fundamenta na possibilidade da comunicação como agente de transformação social.

4. MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS DOS AGRICULTORES FAMILIARES

Nesse capítulo propomos uma reflexão a respeito das motivações e expectativas das famílias agricultoras. Assim, sob esse enfoque, busca-se evidenciar as relações familiares, a voz, a história e os saberes dos agricultores familiares, bem como seu protagonismo que se caracteriza como uma construção alternativa frente ao paradigma vigente.

Esse aporte se baseia na organização de um material que segue a perspectiva da valorização da história de vida, da oralidade, das formas de sentir, pensar e agir dos agricultores familiares em transição agroecológica retratados nessa pesquisa. Além disso, propõe um resgate dos temas pertinentes à sustentabilidade, observados a partir de minha atuação junto ao NEA-UFSM, referenciando os modos de produção, variedades de cultivos, estratégias frente aos conflitos e relações da família, buscando o fortalecimento das relações éticas e interpessoais percebidas nessa caminhada.

As observações foram realizadas junto às famílias a partir do acompanhamento em diversas Feiras de agricultores. Como mencionado, essa atividade contemplou quatro (04) famílias agricultoras, que se encontram em processo de transição agroecológica, sendo três (03) que participaram da Metodologia MESMIS (Streck, Da Silva e Vielmo), integrando as atividades do Núcleo desde 2014, bem como uma família que se juntou aos processos mais tardiamente, em 2015 (Silva-Garcia).

A meu ver, esse conhecimento prévio das histórias das famílias e atuação junto ao grupo de agricultores facilitou a aproximação e a construção da proposta da pesquisa fundamentada no diálogo e nas relações interpessoais. Assim, com o intuito de organizarmos a investigação, nesse capítulo, disponho um breve histórico sobre as características das famílias, apresentando esses relatos de acordo com a ordem cronológica da observação da qual foram derivados os temas geradores.

Com a execução dessa entrevista aberta buscou-se obter a valorização da oralidade, da espontaneidade e da perspectiva do agricultor sobre esses assuntos, com o intuito de obter respostas livres e orgânicas, na medida em que se buscava a categorização e organização dos temas dentro de um espaço múltiplo, diverso e representativo para as famílias.

Por esse motivo escolhemos as “feiras” como espaços de observação, uma vez que se caracterizam como locais de intensa troca de conhecimento, relações interpessoais, espaço de conflitos e de promoção social. Nesse sentido, em uma primeira análise, consideramos que as feiras se tornam o elemento aglutinador das relações sociais do agricultor frente à sociedade,

onde as aparentes limitações e divisões dicotômicas entre fora/dentro, urbano/rural e agricultor/consumidor se tornam mais fluidas.

Sobre isso, os temas foram observados junto ao Feirão Colonial – Espaço Esperança, Cooesperança Dom Ivo Lorscheister, Polifeira da UFSM, Feira da Associação dos Produtores Orgânicos de Santiago (APOS) e na Feira Ana Primavesi – A primeira Feira Orgânica de Santa Maria. Esses locais foram escolhidos com a intenção de revelar as diferentes instituições que trabalham junto aos agricultores, além de evidenciar a rede de trocas, percebidas nessas relações e conexões que se estabelecem entre os agricultores, suas famílias e demais indivíduos.

4.1 AS RELAÇÕES FAMILIARES NA TRAJETÓRIA DOS AGRICULTORES

Através da análise dessas vivências e diálogos buscamos compreender as motivações e expectativas dos agricultores familiares, tanto as que proporcionaram seu retorno ao campo, quanto as que, os mantêm nessa atividade e inspiram sua permanência nesse espaço. Assim, em uma primeira análise, apontamos que essas motivações se revelam através do desenvolvimento de suas relações diárias dentro do paradigma Agroecológico, que é construído a partir da relação Ética entre seus semelhantes, dentro dos agroecossistemas, juntamente com suas experiências e estratégias de produção, reprodução e promoção social.

Como já vimos, esse paradigma agroecológico é fundamentado por vários fatores como: a produção agrícola sem utilização de agroquímicos, a valorização da agrobiodiversidade, as estratégias de comércio justo, a garantia de retorno financeiro e o empoderamento motivado pelo reconhecimento e pela autonomia do indivíduo frente à sociedade e ao grupo que fazem parte.

Sendo que o histórico de ações que nos trouxeram até esse momento, o caminho para a construção desse paradigma, bem como os rumos e expectativas têm sido apresentados desde o princípio desse trabalho, através das teorias aqui debatidas. Ademais, consideramos que a partir do diálogo e da análise da realidade desses agricultores, buscamos construir e aprofundar essa discussão a partir das possibilidades da teoria da Ação Comunicativa e da Luta por Reconhecimento

Nas sessões a seguir fazemos uma breve introdução a respeito da relação dos temas geradores, observados durante o acompanhamento da atividade das famílias nas feiras, bem como as relações estabelecidas nesse espaço, e o reflexo percebido no agroecossistema, na família e na comunidade que fazem parte. Esse mapeamento inicial se faz necessário no

sentido de introduzirmos o debate a respeito dos temas trabalhados com os agricultores diante da manutenção da sustentabilidade.

4.1.1 Família Streck

Assim, iniciamos nossa apresentação com a Família Streck, constituída pelo Sr. Oldemar (pai) e Dora (mãe), e seus filhos, Nágile e Teonas, jovens adultos que não vivem no agroecossistema. Com base na entrevista realizada junto a Oldemar e Dora, podemos refletir sobre uma série de assuntos que se tornam pertinentes ao problema de pesquisa, principalmente ao analisarmos as relações interpessoais presentes nas relações desse casal.

O agroecossistema dos Streck está localizado no distrito de Palma em Santa Maria, possui dois hectares e meio (2,5) e se apresenta como um espaço típico da agricultura familiar da região com produção diversificada, valorização dos insumos internos, potencialização das trocas de energia e estratégias de produção e reprodução bem adaptadas à realidade local. O Agroecossistema, denominado Unifar, também pode ser visto como um refúgio, local de relacionamento com os vizinhos e com a comunidade, além de ser o bastião da realização pessoal de ambos, demonstrado pelo sentimento de orgulho diante das conquistas e lutas.

Imagem 3 - Foto Família Streck



Fonte: Fotografia do autor, 30/09/2017

Nesse sentido, destacamos como estratégias de produção da Família Streck a bovinocultura de leite, que é destinada à produção de queijo, a avicultura colonial, a piscicultura e a produção diversificada de grãos, olerícolas e frutas, em maioria sob cuidados de Oldemar. E um destaque especial para a panificação caseira, massas e biscoitos organizado, em sua maioria, por Dora. Essa divisão de trabalho de acordo com os Streck possibilita que ambos consigam potencializar a execução de atividades dentro do agroecossistema, valorizando seus talentos, interesses e aptidões pessoais.

Durante toda a observação, podemos notar que a família Streck possui uma condição financeira estável e preza de forma reiterada, em seu discurso, para a qualidade de vida, para os tempos de lazer e para os momentos que desfrutam juntos. A família participa do Espaço Esperança/Coesperança desde o princípio das atividades, nos anos 2000, e observa a feira como um espaço de troca, reunião e socialização importante, além de não considerarem a exclusividade do ganho financeiro diante dessa atividade.

Quando perguntados sobre as dificuldades do trabalho, o principal ponto é a falta de mão-de-obra para as atividades mais intensas, no entanto recebem eventualmente ajuda dos filhos, principalmente aos finais de semana.

A dinâmica do agroecossistema, em grande parte segue os princípios, agroecológicos, ao promover a produção sem a utilização de agroquímicos, substituindo-os por receitas caseiras, caldas e preparados utilizados no combate às plantas daninhas, microorganismos nocivos e insetos. Também, para manter a fertilidade do solo é utilizada a adubação verde, compostagem e vermicompostagem com base na matéria orgânica produzida no local, além da introdução de estratégias racionais de produção animal como o piqueteamento das pastagens, com o Pastoreio Racional Voisin (PRV) e a avicultura colonial.

Todas essas ações são pensadas pela família de forma crítica, ao demonstrarem um grande interesse nas questões, ambientais, econômicas e sociais, bem como uma profunda consciência a respeito das dificuldades da agricultura familiar. A família, principalmente Dona Dora, se utiliza amplamente das tecnologias de informação e comunicação, através das novas mídias, como a utilização de Facebook, WhatsApp, entre outras ferramentas para troca de mensagens e divulgação de sua rotina como os períodos de confraternização, o nascimento de animais, bem como outros acontecimentos corriqueiros além da divulgação das atividades na feira. Os Streck também são atuantes junto aos grupos que integram, participando de reuniões, dias-de-campo e saídas técnicas, valorizando o engajamento nesses espaços como possibilidade de atuação política.

Assim, a observação, junto aos Streck, aconteceu no dia 30 de setembro de 2017, na parte da manhã, durante a realização do Feirão Colonial, do Espaço Esperança Cooesperança Dom Ivo Lorcheister. E a entrevista, junto ao agroecossistema, ocorreu no mesmo dia.

4.1.2 Família Da Silva

Essas características, respeitando suas particularidades, também são encontradas junto à família Da Silva, composta por João Antônio da Silva (51), Olga (49) e seus 2 filhos, João Eduardo e Natália, ambos menores de idade.

O agroecossistema corresponde a doze (12) hectares, e está localizado no distrito de Pains em Santa Maria, sendo próximo à UFSM, no bairro Camobi. A experiência de transição agroecológica se desenvolve nesse espaço há seis (06) anos e foi iniciada pela família, como uma tentativa de proporcionar uma melhor qualidade de vida aos filhos, bem como um retorno às raízes do campo.

Imagem 4 - Foto Família Da Silva – João Antônio



Fonte: Fotografia do autor, 07/10/2017.

Denominado como Medianeira, em homenagem à esposa, o agroecossistema é extremamente tecnificado, sendo uma das propriedades modelos do Escritório Regional de Santa Maria da Emater/RS-Ascar, destacando-se pela produção diversificada, de olerícolas, leguminosas e frutas. A família também se dedica à produção de animais como porcos, galinhas e peixes, sendo que o trabalho é realizado pelo casal e por um funcionário diarista para os dias de maior serviço.

A produção se mantém como orgânica desde o início do empreendimento da família, tanto que foi recentemente certificada pela Organização de Controle Social (OCS) Coração Agroecológico, integrando a Feira Ana Primavesi desde a estreia, no dia 28 de setembro de 2017, no Espaço Multiuso da UFSM. Os Da Silva também participam de outras feiras como a PoliFeira, promovida pelo Colégio Politécnico da UFSM às terças e quintas, o Feirão Colonial, aos sábados, além de uma série de eventos sazonais no município, como o Pátio Rural.

Todo esse dinamismo e proatividade é facilmente percebido na conversa com a família que afirma, que mesmo com o grande número de atividades, possui vontade e condições para ampliar as atividades produtivas. Além disso, grande parte do trabalho é realizado visando proporcionar meios para a sucessão rural, em que é nítida a preocupação com o futuro dos filhos em suas motivações.

No caso da família Da Silva as observações para a tomada dos temas geradores aconteceram no dia 07 de outubro de 2017, durante a realização do Feirão Colonial do Projeto Esperança Coesperança do Espaço Dom Ivo Lorceheister. E a entrevista no Agroecossistema, que deu origem ao vídeo, ocorreu no mesmo dia.

4.1.3 Família Vielmo

Também incluímos, em nossa pesquisa, a contribuição da Família Vielmo, que desenvolve suas atividades em Santiago, no distrito de Boqueirão. O grupo familiar é composto por cinco (05) indivíduos, Núbia (mãe), Roberto (filho), Júlia (filha), Davi (genro) e a recém-nascida Alice (neta).

O agroecossistema da família Vielmo, denominado de Fazendinha, possui cinco (05) hectares, onde é desenvolvido uma agricultura com base na produção orgânica de olerícolas, legumes e grãos além da produção de frutas, com espaço para piscicultura e pequena criação para subsistência.

Esse processo se iniciou em 2012 quando a família, que morava na região metropolitana de Porto Alegre, adquiriu a propriedade que fora de outros parentes de Núbia. A família já havia experimentado a produção de verduras, quando morou na região litorânea do Estado, mas se dedicou a ela como uma atividade esporádica aos finais de semana, uma vez que tinham empregos no meio urbano.

O ponto de virada na história dos Vielmo ocorre quando, no início dos anos 2000, Roberto foi diagnosticado com um câncer cerebral. Núbia afirma que a situação era incurável, e a mudança de vida partiu de uma promessa feita pela família de que, se Roberto melhorasse, eles deixariam a “correria da cidade grande”.

Assim, durante o período de tratamento de Roberto, o mesmo foi submetido a uma dieta extremamente restrita, na qual deveria ser descartada qualquer presença de contaminantes e demais produtos químicos. E, morando na região metropolitana a família percebeu que o preço, a qualidade e a oferta desses produtos seriam insuficientes para suas necessidades nutricionais, frente à quimioterapia.

Vencido esse obstáculo, a iniciativa demorou um tempo considerável para render frutos, a família considera que a teimosia, ou resiliência, foi um fator decisivo para a sua manutenção no meio rural. Desde o início das ações do NEA junto a essa experiência, em 2014, foram contabilizadas uma série de infortúnios como a perda da produção para a geada, granizo e excesso de chuvas, além, da perda de estufas devido aos vendavais.

Imagem 5 - Foto Família Vielmo



Fonte: Fotografia do autor, 14/10/2017.

Apesar dos problemas, os Vielmo estão qualificando ainda mais seu agroecossistema e começaram a desenvolver a produção de mudas, para garantir a produção orgânica em todos os níveis da planta. Além de iniciarem a inserção do processamento dos vegetais, com conservas e compotas, visando implantação de uma agroindústria e um plano de introduzir um Sistema Agro Florestal (SAF), para aumentar a variedade de cultivos e garantir uma maior fertilidade do solo, através da adubação verde.

O agroecossistema é certificado pela Rede Ecovida e os agricultores fazem parte da Associação de Produtores de Orgânicos de Santiago, a APOS. Sendo que Roberto é o atual presidente da associação e Núbia foi a anterior.

A produção é comercializada junto aos programas governamentais de aquisição de alimentos, como o PNAE, Programa Nacional de Alimentação Escolar, e na feira orgânica do município, realizada nos sábados, pela manhã. A família também faz a entrega de cestas e possui um intenso trabalho de divulgação de suas ações, promovendo palestras, participando de entrevistas e organizando eventos.

Os Vielmo investem em capacitações, cursos e são ativos na realização de eventos ligados à ruralidade, demonstrando um profundo interesse no conhecimento e na divulgação dos princípios agroecológicos. Nesse sentido apontamos a realização do I Seminário da

Agroecologia de Santiago, em 07 de junho de 2016, promovido pela APOS e Rede Ecovida, no qual a família participou ativamente.

Dessa forma, com o intuito de valorizar a atuação do grupo nessa construção, durante o Seminário, foi realizado o audiovisual, A Terra a Gente Faz, produzido pelos acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR), da turma de Comunicação e Mediações Sociais, sob orientação dos professores Clayton Hillig e Gisele Guimarães.

O material foi editado junto ao Laboratório de Mediações Sociais (LabMesc) da UFSM, e sua exibição aconteceu durante o X Seminário de Formação em Agroecologia (SEMFA), quando Núbia e Roberto participaram da exibição e realizaram uma palestra sobre sua história de vida.

Assim, a observação e entrevista junto à Família Vielmo ocorreu no dia 14 de outubro de 2017, durante a realização da Feira da APOS. A gravação da entrevista aconteceu no mesmo dia, no agroecossistema da família.

4.1.4 Família Silva-Garcia

Da mesma forma, percebemos junto à Família Silva-Garcia, características que sustentam nossa análise a respeito da relação ética dos agricultores familiares em transição agroecológica, com seu agroecossistema e a sociedade.

Os Silva-Garcia tiveram uma vida marcadamente urbana, com atividades ligadas a carreiras na formação superior, ou em cargos públicos, Carmen (mãe) é bancária aposentada, com pós-graduação em Educação Ambiental, Jamile (filha) é formada em Relações Públicas (UFSM), Thaís (filha) é graduada em Administração e Maurício (filho) em Agronomia, pela UFSM. Na casa também vive a filha de Tais.

Cabe ressaltar que a família Silva-Garcia começou a fazer parte das ações do NEA em um período mais tardio do processo de atuação do Núcleo, sendo que os primeiros contatos se estabeleceram durante a viagem para Santiago, no I Seminário de Agroecologia, e se seguiram com os debates a respeito do espaço, para os agricultores familiares e a produção orgânica, em Santa Maria.

Imagem 6 – Foto Carmen



Fonte: Fotografia do autor, 18/11/2017.

Esse debate, como mencionado anteriormente, culminou na formalização da Feira Ana Primavesi, que corresponde a uma iniciativa multi e trans-institucional, com atuação destacada da OCS Coração Agroecológico, da Emater e da UFSM, realizada no Espaço Multi Uso do Campus, através da Incubadora Social da Pró-Reitoria de Extensão, que visa a inserção do debate a respeito da Agroecologia, e do acesso à produção orgânica, junto à Universidade. A ação também levou à certificação de cinco (05) famílias agricultoras através da Organização de Controle Social (OCS) Coração Agroecológico, sendo que Carmen é a atual presidente da associação.

Nesse sentido, a inserção da família Silva-Garcia nessa pesquisa se mostra importante, uma vez que, se trata da experiência sistematizada mais recente de transição agroecológica, sendo um processo que se desenrola há dois (02) anos. Dessa forma tanto os debates a respeito da feira, quanto a OCS, contribuíram para a inserção da família junto aos produtores agroecológicos, bem como o reconhecimento de seu status como agricultor.

A família Silva-Garcia trabalha um agroecossistema no distrito de Pains, em Santa Maria, onde arrendam cinco (05) hectares no qual cultivam frutas e hortaliças. A família é muito ativa, participando de espaços de trocas de informação, sendo que realizam diversos cursos com o intuito de capacitar sua atuação.

Nesse sentido, Maurício, o filho, afirma que apesar de sua formação, nas ciências agrárias, e do tempo que trabalhou na área, pouca coisa pôde utilizar de seu conhecimento prévio no processo de produção orgânica e na transição agroecológica. Assim mesmo, Carmen afirma que a proposta inicial era arrendar o agroecossistema, para a produção destinada à família, e como espaço de lazer para os finais de semana, no entanto, através da comercialização em cestas para os vizinhos perceberam que a rentabilidade da produção orgânica poderia ser uma alternativa como profissão.

A partir desse momento a dinâmica da família foi transformada, no sentido de que os hábitos alimentares, estilo de vida e percepção a respeito do meio rural foram transformados, eles admitem que sempre se questionaram quanto à qualidade e origem dos alimentos, bem como a respeito das questões ambientais. Apesar disso, ao trabalharem diretamente com a agricultura e através das discussões junto ao grupo eles aprofundaram sua perspectiva e hoje contemplam novas problemáticas diante dos desafios diários.

Os temas, aqui apresentados, foram observados durante a realização da feira Ana Primavesi, nos dias 01 e 08 de novembro de 2017. Sendo que a entrevista, realizada com Carmen, Maurício e Tais, aconteceu no dia 18 de novembro de 2017.

5. TEMAS GERADORES UM DIÁLOGO ENTRE A VIDA E O SISTEMA

Após a observação e constatação das possíveis motivações dos agricultores, nesse capítulo propomos uma reflexão a respeito dos temas geradores obtidos através dessas entrevistas abertas com as famílias agricultoras. Para tanto apresentamos uma aproximação dos temas geradores com as teorias expostas no texto, principalmente a Ação Comunicativa, e a relação dialética entre os denominados Mundo da Vida e Mundo do Sistema proposto por Habermas.

Dessa forma, dentro do contexto de investigação foram levantados uma série de Temas Geradores que alimentaram o debate e serviram como guias para as entrevistas. Esses temas aglutinaram assuntos que proporcionaram uma maior aproximação das problemáticas a respeito da Agroecologia como campo do conhecimento e a relação dos agricultores com os princípios que a sustentam. Assim, como mostrado na Tabela 2 temos os seguintes Temas:

Tabela 2 – Temas Geradores

Tema Gerador	Streck (30/09)	Da Silva (07/10)	Vielmo (14/10)	Silva-Garcia (01/11)
Conhecimento		X	X	X
Associativismo			X	
Certificação	X	X	X	X
Comercialização	X	X		
Empreendedorismo (futuro, expectativas...)		X	X	X
Fiscalização	X			X
Independência (autonomia, empoderamento)		X		X
Qualidade de vida ¹¹	X		X	
Saúde	X		X	
Sentimentos (confiança, respeito, amor...)	X	X		
Trabalho		X	X	

Fonte: do Autor, 2017.

¹¹ O tema gerador Qualidade de Vida, bem como seus equivalentes semânticos e sinônimos, será abordado no Capítulo 5, uma vez que identificamos, dentro do campo de respostas dos agricultores, na utilização desse termo uma profunda relação com a autonomia e o reconhecimento.

Cabe notar que esses temas foram comuns, em maior ou menor intensidade, em todas as entrevistas com os agricultores, nesse sentido a tabela demonstra a correspondência mais destacada em cada um dos diálogos.

Esses Temas Geradores foram anotados no caderno de campo, de forma livre pelo pesquisador, de acordo com o andamento do diálogo, sendo que durante a entrevista, os mesmos foram expostos aos agricultores através de perguntas livres.

A partir de nossa proposta, ao trazermos o debate a respeito da utilização dos Temas Geradores, para as ações de ensino, pesquisa e extensão, nos deparamos com uma ferramenta que dialoga com a realidade do agricultor, ao mesmo tempo em que dá suporte à reflexão dos problemas, dessas *práxis*, frente às teorias pertinentes à pesquisa.

Ao nos aproximarmos das teorias de Habermas, abordamos os temas propostos da seguinte forma:

Através do diálogo apontamos os temas denominados como Sentimentos, Aprendizagem, Conhecimento e Saberes, como possibilidades de visão de mundo que estabelecem uma relação entre a prática e a teoria diante do Mundo da Vida e como possível horizonte de busca por uma relação ética. Da mesma forma, pensamos o Associativismo, a Certificação, a Comercialização, o Trabalho e a Fiscalização para além de suas aparentes características desumanizadoras, que se referenciam ao Mundo do Sistema, assim relacionando-os com a relação ética e como concepções fundamentais para a manutenção da sustentabilidade.

A utilização desses temas como ferramentas de categorização, também facilitou a obtenção de informações e a fluidez no depoimento das famílias. Essa fluidez é importante, uma vez que, facilita a compreensão das questões apresentadas pelo pesquisador, proporcionando um diálogo onde a problematização, as tensões e as expectativas dos agricultores se manifestam de forma mais espontânea.

No entanto, devemos fazer notar que também se mostrou como um desafio no momento da compilação de resultados, uma vez que ao explorarmos o diálogo tratamos com a história, os sentimentos e as expectativas das pessoas, de forma mais próxima. Assim, uma pergunta a respeito das causas e consequências sobre a “certificação”, por exemplo, pode desencadear uma resposta que passa pelas lembranças, motivações e “causos” vivenciados com os colegas, extensionistas e indivíduos que contribuíram nesse processo.

Assim, apresentamos nas sessões seguintes algumas reflexões a respeito dessas discussões, construídas a partir das reuniões com os agricultores.

5.1 SENTIMENTOS E SABERES: OS PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS E O MUNDO DA VIDA

Ao refletirmos sobre esses temas, nos deparamos com o maior desafio presente nos trabalhos acadêmicos que exploram essa temática, e pensam a realidade a partir da teoria habermasiana, que trata da colonização do Mundo da Vida pelo Mundo do Sistema, ao tentarmos transpor, traduzir e submeter algo vivo, orgânico, dialógico e dialético, como as relações humanas, para dentro das prerrogativas do rigor científico. Assim, nos valem da leitura de mundo dos agricultores com o intuito de demonstrarmos a construção ética de suas ações, relações e escolhas.

Essa satisfação também se aproxima da noção de construção do conhecimento, quase como uma sabedoria desfrutada junto ao meio rural, identificado pelos agricultores por uma série de características únicas, até mesmo em sua produção caseira, na mesa farta e na memória dos antepassados por esse “estilo de vida saudável”. Como completa Oldemar: “Esse modelo de cultura, de vivência, de ter esses produtos, de fazer esses produtos saudável sempre existiu... e nós se criamos com nossos antepassados comendo esse tipo de coisa, mais saudável, mais limpa”. Essa noção de satisfação está intimamente ligada à noção de conhecimento das famílias.

Seguindo nosso foco de estudo, percebemos junto à família Da Silva uma relação interessante com a construção do conhecimento, prático e crítico da situação rural, sendo que tanto João Antônio como Olga têm sua origem no meio rural, retornando para o mesmo após trabalharem por muito tempo em profissões, majoritariamente urbanas, ele como Eletrotécnico e ela como Técnica em Radiologia. Assim, em uma primeira análise ambos têm uma concepção bastante técnica e prática das formas de conhecimento.

Para os Da Silva a reaproximação, com o meio rural, iniciou com a mudança para Santa Maria e a aquisição do agroecossistema. O Sr. João Antônio afirma que o primeiro passo foi a realização de um curso em Citricultura, junto ao Colégio Politécnico, buscando a reativação do pomar de laranjas. Ele aponta que esse primeiro contato, com a UFSM, foi decisivo para a construção do conhecimento. No entanto ele também revela que herdou um saber que veio de seus pais, principalmente sobre lidas, tempos de cultivares, observação da natureza além de caldas e receitas caseiras.

João Antônio também considera que deveria existir um maior diálogo entre os agricultores e as instituições de ensino, principalmente quanto aos estágios e vivências de formação dos acadêmicos. E completa afirmando que “seria um casamento muito bom... se

conseguisse uma relação, dos alunos da universidade, na propriedade coma gente, tanto pra eles quanto pra gente seria positivo” (Entrevista João Antônio, 17min). E que hoje, tem uma relação de confiança e amizade com os grupos que o receberam na UFSM, assim partimos de um problema prático que se transmutou em uma relação interpessoal, invertendo a lógica de extensionista/assistido.

Sobre o conhecimento também notamos que o jovem agricultor Roberto Vielmo está motivado a se especializar na área técnica das ciências agrárias, uma vez que foi aprovado no vestibular para o curso de Agronomia, no Campus Santiago da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Ele aponta que grande parte de seu conhecimento vem a partir das experiências e da “tentativa e erro”, e que mesmo com o apoio da extensão rural eles precisam de uma maior responsividade para os problemas enfrentados diariamente.

Como afirma Núbia “na parte de verdura, se tu tem uma coisa é pra ontem, não tem como tu olhar estudar o problema, e daqui uma semana eu te dou uma resposta, em uma semana tu perde uma estufa” (entrevista Núbia e Roberto, 8min). E completa: “Precisamos de um produtor que seja formado em agronomia. Porque ele vai ter a experiência dele, lá na faculdade e vai ter a experiência na terra” (entrevista Núbia e Roberto, 12min)

A família Vielmo avalia que essa falta de informação qualificada é um problema comum a todos os agricultores familiares em transição agroecológica, sendo que recentemente tiveram um problema com uma cultura e receberam a visita de “três engenheiros agrônomos e cada um deu uma solução diferente”.

Os Vielmo também acreditam que grande parte dos problemas podem ser resolvidos com a melhoria de solos e manejos, avaliando que sua atual formação acadêmica não contempla os conhecimentos necessários para a resolução dos problemas da horta, como afirma Roberto “tem que ter um agricultor que entenda dos problemas” (entrevista Núbia e Roberto, 10min).

Eles argumentam que mesmo recebendo assessoria técnica ainda falta esse “agricultor agrônomo”, sendo que deveria existir alguma forma da Universidade auxiliar nessa caminhada. Roberto finaliza afirmando que o conhecimento deve ser utilizado pra beneficiar o grupo: “Não vai beneficiar só eu e mãe aqui, vai beneficiar o grupo dos orgânicos e os outros produtores, são cento e um produtores de hortaliças em Santiago”(entrevista Núbia e Roberto, 10min).

Sobre o mesmo tema, afirmamos também que os Silva-Garcia possuem um profundo interesse nas atividades de capacitação, bem como na aprendizagem sobre a Agroecologia,

como afirma Carmen, ao sustentar que esse conhecimento está em construção e que o estudo proporciona a ampliação da perspectiva, principalmente ao inserir os fatores bióticos na produção. Nesse caso o conhecimento acadêmico prévio foi um motivador pelo interesse na produção orgânica, sendo que um dos primeiros contatos se deu através dos estudos da professora Ana Primavesi. Como afirma Carmen:

(...) ele vem de um desejo de produzir alimentos, de uma forma de uma agricultura sustentável. Em que tu pode produzir o teu alimento, cuidar do teu solo, e tratar de uma forma natural sem o uso de agrotóxico, sem o uso de veneno, sem o uso de qualquer químico (Entrevista Carmen, Maurício, Tais - 2min).

Entre os cursos realizados pela Família podemos citar: Poda, Hortas, Produção de Morangos, Fruticultura, Biodinâmica, Avicultura Colonial e Boas Práticas, entre outros. Como afirma Carmen, “a agroecologia desperta em ti essa visão mais sistêmica, de uma visão de que tudo está relacionado, conectado” (Entrevista Carmen, Maurício, Tais -4min).

No mesmo sentido, Tais afirma que ainda vê algumas dificuldades, principalmente diante do desafio de transferir o conhecimento do curso para o agroecossistema, considerando fundamental a ligação entre a teoria e a prática, e completa:

(...) mas é um aprendizado constante... é um laboratório, todo dia é um aprendizado novo, uma dificuldade nova que se coloca, um obstáculo, e a gente tem que procurando alternativas pra lidar com aquilo ali, mas é muito. Eu acho que cada dia que passa, eu tô mais apaixonada pela Agroecologia (Entrevista Carmen, Maurício, Tais - 5min).

Além disso, Maurício finaliza afirmando que sempre quando conversa com seus colegas agrônomos, considerando tanto os agroecólogos quanto os que se dedicam a agricultura convencional, percebe que a formação é muito tecnicista e pouco prática. Apesar de considerar necessária essa base teórica, e a amplitude do curso de agronomia, acredita que é necessário recuperar o conhecimento ancestral em que se baseia Agroecologia, pontuando: “A gente não quer fazer uma agricultura orgânica de substituição, trocar o fungicida, por um produto que tenha um efeito parecido, a gente quer um produto saudável, por isso que a gente busca conhecimento” (Entrevista Carmen, Maurício, Tais - 8min).

Nesse sentido seja a visão mais ligada às práticas ancestrais, da família Streck, da importância do conhecimento técnico, na família Da Silva, da necessidade de capacitação do saber, da Família Vielmo e da visão holística, da Família Silva Garcia, percebemos uma profunda visão crítica das famílias. Assim demonstramos que os sentimentos dos agricultores a respeito das potencialidades e limitações de seu trabalho está diretamente ligado ao modo de como percebem essa realidade.

5.2 TRABALHO, CERTIFICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO: POSSIBILIDADES ÉTICAS E CRIATIVAS JUNTO AO MUNDO DO SISTEMA

Nesse contexto, diante da construção do Mundo da Vida, vislumbrado com base no conhecimento dos indivíduos, nas relações éticas interpessoais e nas ações conscientes das famílias, temos uma série de temas que se aproximam bem mais da noção de Mundo do Sistema. No entanto, ao tratarmos da agroecologia vemos, até mesmo nesses temas, as relações éticas se manifestarem junto às interpessoalidades desses indivíduos, e percebemos a Vida colonizando o Sistema.

Dessa forma, notamos que uma das relações mais interessantes percebidas, nas entrevistas com os agricultores, diz respeito à confiança estabelecida entre agricultores, clientes e colegas, nas feiras, que foram observadas principalmente junto à Família Streck. Como Oldemar faz notar: “aqui é a família individual, em casa, mas lá é a família grande e essa família a gente abraça sempre”. Essas relações de amizade motivam os agricultores a participarem dessa coletividade e sentirem-se parte de algo que é maior.

Como aponta Dora, que diante da aproximação da data da feira “(...) já te dá aquele ânimo, quanto mais perto tu chega, mais feliz tu fica”. Para os Streck, todas essas características são permeadas pelos sentimentos de confiança e reciprocidade frente à relação com os clientes e colegas da feira. Para ambos a presença deles junto ao Feirão faz parte de sua história de vida e se baseia nas relações pessoais do que denominam como “segunda família”.

Assim a respeito da comercialização, os Streck afirmam que grande parte de suas vendas se dá de duas formas, tanto através da feira, como na venda direta na propriedade. O que facilita a produção caseira dos produtos, investindo na qualidade e na confiança adquirida perante o cliente. Dessa forma, mais uma vez, a fiscalização entrava em grande parte essa liberdade, influenciando a permanência do jovem no meio rural, onde o agricultor é taxado como “quase um traficante”, formando um gargalo onde o agricultor pode produzir, mas não de vender.

Como mencionado, a família Streck comercializa junto ao Feirão Colonial desde o começo de sua atuação na produção orgânica, nos anos 2000. Essa participação e engajamento no movimento de Economia Solidária é um motivo de orgulho para ambos, facilmente identificado em sua fala.

Apontamos como memória fundamental nesse trabalho o dia de observação, junto à Família Streck, quando surgiu um tema que não seria tratado inicialmente nessa dissertação, uma vez que a preocupação a respeito da fiscalização dos órgãos públicos (quanto aos produtos orgânicos, processados, coloniais ou de origem animal), apareceu de forma esporádica em nossa atuação, no contexto do MESMIS, e nas observações que se seguiram junto aos agroecossistemas.

No entanto, na data da observação, uma ação liderada pelo Ministério da Agricultura (MMA) apreendeu queijos, pães, salames e demais produtos de um grupo de agricultores, a ação sofreu uma série de protestos por diversos grupos e indivíduos ligados aos movimentos sociais do campo, da agricultura familiar e da economia solidária. Sobre a questão da adequação legal, de acordo com Oldemar:

A legislação pede, mas nós que estamos há 18 anos no projeto, há 18 anos melhorando, há 18 anos qualificando, não temos verba suficiente pra entrar em toda a legalidade, até porque a propriedade não permite em tamanho de produção, de produtividade, pra tu ter tudo que o sistema te exige, e até pouco tempo atrás nosso município não tinha SIM... A gente tá trabalhando, a gente tá construindo uma família, a gente tá vivendo disso, então, em cima daquilo ali, a gente se sente coagido, a gente se sente impotente. Pra nós é cultura, de criação na agricultura de se criar, fazendo um queijinho, uma bolachinha, de tomar um leite in natura, todas essas coisas, a gente se criou com isso, com nossos pais com nossos avós (Entrevista Oldemar, 3min – 4min)

Também sobre a fiscalização Oldemar completa que “nossa índole não permite, ter que se esconder, outros não dão bola, mas nosso coração não deixa” (Entrevista Oldemar 17min – 18), assim eles relatam que essa suspeita a respeito do trabalho dos agricultores e tratamento disponibilizado pelas instituições é um peso para o agricultor.

Também encontramos na família Da Silva, uma série de características que reforçam a noção de confiança entre agricultor e clientes, sendo que para João Antônio a melhor avaliação vem dessa resposta direta dada pelo consumidor. Ele comenta que o filho de um cliente passou a comer verduras, e que a criança sabe a diferença entre um produto do mercado e de um produzido por ele.

A gente sabe que o produto é bom, e o mais importante é ouvir isso do consumidor, que existe é um elogio que a gente recebe, e isso é importante... Todo mundo me pergunta, porque é diferente das outras (verduras), é o cuidado que a gente tem, muitas pessoas falam que o sabor é diferente. E a gente tenta explicar... Por isso que eu digo que o produto é bom (Entrevista João Antônio, 26min – 28min).

Ainda, sobre os temas aqui apresentados, temos importantes contribuições da família Vielmo, entre os quais podemos destacar o interesse na capacitação, bem como na melhora

das técnicas de comercialização, através das estratégias de certificação, promoção e empoderamento como agricultores. Além da perspectiva de tomada de decisão frente às questões no âmbito político das instituições e sociais, todas essas características contribuem de forma decisiva no que eles denominam “ser agricultor por escolha, e não por falta de opção”.

Assim percebemos, entre outras questões, a importância do tema, trabalho, aliado a uma profunda noção de conhecimento de mercado, apostando na variedade de produtos. Núbia e Roberto afirmam que várias vezes pensaram em diminuir a oferta de produtos, mas após solicitação do departamento da Prefeitura Municipal de Santiago, que adquire a merenda escolar, mantiveram certos cultivos, essa diversidade também afeta a rotina e manutenção das características do Agroecossistema.

Os Vielmo buscam ver alternativas diante das dificuldades, que as ideias surgem nos momentos de dificuldade e que é necessário sair da zona de conforto, sendo que, para Núbia, “a força de vontade é maior do que qualquer coisa”. E finaliza, falando que não veem a lida diária de forma penosa, mas apostam na relação e na união da família como fortaleza para suas ações.

Roberto completa que é importante que as pessoas saibam de onde veio o produto, e que o restaurante para o qual comercializam, anuncia que as verduras são orgânicas. Para Núbia esse empreender é sempre buscar algo diferente, como no caso da couve picada, em que diante da resistência dos clientes em comprar “couve com furinhos”, ela resolveu picar e embalar para a venda, agora a nova forma de comercialização está fazendo sucesso.

A família Vielmo afirma que grande parte da produção é destinada às mães com crianças recém-nascidas, um desses frutos foi a produção de morangos que teve um aumento após a publicação de uma foto, nas redes sociais da neta Alice, comendo um morango. Eles projetam que no próximo ano pretendem começar com a produção de frutas de forma mais extensiva, visando a comercialização.

Para finalizar acreditam que grande parte desse crescimento passa por uma constante evolução em suas formas de fazer, como a recente montagem da sala de higienização e embalagem. A família aposta na qualificação da produção, sem descuidar das relações sociais e da qualidade de vida objetivada.

Carmen declara que a nova forma de trabalho foi um grande passo e que a experiência urbana de vida trouxe algumas contribuições ao grupo, como nas questões administrativas, de divulgação e nos processos legais. Sendo que após esse movimento inicial “a poeira está

sentando”, e que estão podendo se organizar melhor e qualificar alguns processos. Sobre a produção de moranguinhos e outros cultivos:

Que foi rápido também, eles foram ali, fizeram um curso no final de semana, no outro já estavam fazendo as mudas, já estavam preparando os canteiros, e já aconteceu o plantio, e o moranguinho ficou maravilhoso. Então já tem uma colheita satisfatória, gratificante e agora começamos a perceber o quanto a gente precisa se organizar (Entrevista Carmen, Maurício, Tais - 15min).

Assim, a respeito da certificação o Oldemar afirmou que a produção orgânica sempre foi um sonho para os agricultores que produziam de “forma limpa”, essas discussões já iniciaram em setembro de 1999. O processo de certificação se deu a partir da organização com a família Buske, ainda com o Sr. Célio, pai dos agricultores Alcione e Paulo, esposo da Sra. Ingrid, de Dona Francisca, em parceria com o CAPA, Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor.

A família Streck afirma que segue à risca todos os requisitos exigidos pela fiscalização, com o objetivo de manter a produção de forma orgânica. Assim o Sr. Streck explica que a certificação, obtida a partir da Rede Ecovida, considera o espectro de produtos, com ênfase para a horta e o pomar na propriedade, sendo que o fato de arrendar 1 hectare para um vizinho, que planta soja de forma convencional, não prejudica o restante dos cultivos, ou o impossibilita de continuar a sua certificação.

Outro ponto é que a visita obrigatória não foi realizada no último tempo legal previsto pela Rede, assim, seu Oldemar garante que caso queira reativar a certificação basta entrar em contato com os pares do grupo, realizar a visita técnica e pagar a taxa para que a inscrição como produtor certificado seja acionada. O Agricultor diz que não o faz, porque não pode utilizar o selo de certificação dentro do espaço da feira. Como afirma o agricultor:

Essa também foi uma vitória grande da gente, da caminhada dentro do projeto, porque o sonho era que todo mundo andasse dentro dessa linha. Até, porque nas Feicoop, os folders dizem “uma agricultura familiar orgânica”... A gente sabe da caminhada, sabe como é, nós levamos três anos até que nós conseguimos o certificado, correndo, lutando, fazendo reuniões participando, pra conseguir a certificação, então não é uma coisa do dia pra noite. Não é só dizer que minha propriedade é orgânica e tu consegue. É difícil a caminha, mas pra nós ela foi bastante gratificante (Entrevista Oldemar, 40min – 42min).

A respeito da Certificação o Sr. João Antônio diz que é uma satisfação tanto pessoal quanto econômica, ter conseguido se enquadrar, e que vê o orgânico como um caminho certo para o futuro. E que se aliarmos a visão dos agricultores, motivando-os, com as tecnologias essa oferta tende a aumentar, no entanto faz ressalvas que o processo é lento. Assim ele

concorda que essa busca “Vai crescendo em todos os aspectos. Eu consegui agregar valor ao meu produto, o pessoal não reclama preço. Eu tenho um cliente diferente, um consumidor que pensa no orgânico também.” (Entrevista II João Antônio, 6min – 7min).

Para a família Da Silva o processo de recuperação do agroecossistema, que de acordo com João Antônio não tinha nada, foi a grande prova da capacidade de trabalho da família, demonstrando um orgulho em apresentar um local que se mostra como exemplo a ser seguido, por outros agricultores e inspira a manutenção do espaço.

Outro ponto importante para os Da Silva é a diversidade de produtos, que começou de forma despretensiosa, com foco no consumo da família, mas que se ampliou se mostrou como um dos pontos fortes do agroecossistema. Essa disposição reflete também no retorno de capital para os mesmos, como afirma João: “isso é importante o financeiro pra gente, não é à toa que a gente passa esse trabalho, e o consumidor reconhece isso, sabe que o produto é bom”.

Os Vielmo avaliam que a certificação foi algo positivo devido à oportunidade de comercializarem para a merenda escolar, ao proporcionarem a inserção desses produtos orgânicos na nutrição das crianças. Tanto que eles incentivam a visita das escolas municipais (EMEIS) à propriedade, como forma de divulgar o trabalho, como sinaliza Roberto “pra elas saberem como é produzido o alimento que elas comem, como é feito, como é o processo... e de repente, aquelas crianças que moram pra fora, podem continuar o trabalho dos pais. (entrevista Núbia e Roberto, 3min)

Os Vielmo afirmam, que essas experiências, se revelam no sentido de aumentar a diversidade de produtos visando a valorização do agroecossistema, com a diminuição do ritmo de trabalho. Uma dessas apostas é a implementação do SAF, bem como a planificação de uma matriz produtiva autossustentável.

No mesmo sentido, os Silva-Garcia também consideram a Certificação, através da OCS como uma conquista, percebendo a exigência legal das visitas pelos demais agricultores e possíveis clientes como um estímulo à manutenção da sustentabilidade no agroecossistema e na qualidade da produção.

Afirmam também que o fato de conseguirem se inserir no processo de certificação, que já havia dado início, e por conseguirem contato com esses grupos que fomentam a Agroecologia puderam atuar como facilitadores desse processo. Assim, esse percurso que corresponde à caminhada do status de consumidores de orgânicos, até a decisão de arrendar o imóvel e entrar em contato com grupos de agroecologia demorou apenas algumas semanas.

No mesmo sentido a família Silva-Garcia considera positiva a experiência de transição e que apesar dos percalços do caminho, sentindo que tem certa desvantagem frente aos agricultores que nasceram no meio-rural e que sempre trabalharam com as plantas, o caminho vem sendo construído com persistência. Tanto que Carmen reitera a velocidade com que conseguiram passar pelos processos, na medida em que começaram essa caminhada há dois (02) anos, e hoje já são agricultores certificados.

Carmen explica que estão elaborando um plano de ação para os próximos anos, buscando a possibilidade de compra do local, a expansão da produção e o fortalecimento das relações dos demais agricultores. Assim, admite que a inserção dos temas referentes à Agroecologia em Santa Maria ainda é pouco percebida, no entanto ao olharem para o futuro apostam na ampliação do mercado de orgânicos, aliada à melhoria da qualidade de vida que vem desfrutando.

Nesse sentido Maurício finaliza destacando as parcerias desenvolvidas com a OCS como pontos importantes para a capacitação da família. A família também avalia que apesar de estarem se inserindo a pouco tempo na produção orgânica percebem algumas vantagens, quanto à visão sistêmica dessa atividade, ao argumentarem, em sua avaliação, que os agricultores tradicionais têm certa dificuldade em deixar de usar técnicas obsoletas, e em adotar novos modelos e estratégias.

Essa afirmação também se sustenta ao pensarmos a participação desses mesmos agricultores na construção de uma sociedade mais justa igualitária e sustentável, nos moldes do que se propõe a teoria do Agir Comunicativo ao revelar a capacidade do diálogo e das relações éticas interpessoais como fundamentos essenciais de organização e reparo das mazelas de nossa sociedade.

6. AUTONOMIA E RECONHECIMENTO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA QUALIDADE DE VIDA

Após observarmos as atividades de socialização presentes nos agroecossistemas e nas feiras, que se destacam tanto como espaços de comercialização como de trocas de conhecimento e integração cultural, e através da entrevista, nos dedicamos à investigação a respeito das questões ligadas à emancipação, busca por autonomia e a luta pelo reconhecimento, desses agricultores familiares em transição agroecológica.

Essa análise também se apoia nas potencialidades do Agir Comunicativo, como balizador da relação ética e interpessoal presente nessa caminhada. Assim avaliamos, nesse ponto, qual o significado que os agricultores dão para a autonomia e o reconhecimento, e de que forma essa percepção, a respeito de sua própria liberdade inspira esses indivíduos.

Assim, percebemos nessas famílias, ao refletirmos a respeito do que os mesmos concebem a respeito da autonomia e reconhecimento, uma profunda percepção a respeito das escolhas que os levaram até esse patamar. Nesse sentido, temos na construção dessa emancipação um elemento interessante para a manutenção das famílias em seus agroecossistemas, evidenciada pela qualidade de vida desfrutada junto às suas famílias.

Pois bem, começamos pela família Streck, na qual a construção de um futuro para os filhos, que no começo da experiência em 2001 eram crianças, e a perspectiva de futuro com a produção de orgânicos aliada à busca por uma seguridade financeira, entre outros fatores, impulsionaram e balizaram suas motivações de retorno para o campo. Assim, Oldemar e Dora defendem a satisfação de pertencer a esse “algo a mais”, sendo que essa dedicação se reflete na construção de uma vida de parceria entre o casal e na autonomia de suas ações.

Para Oldemar esse reconhecimento se fundamenta através da realização do trabalho, e construção de seus meios de vida com “muito suor”, baseado no diálogo com os filhos, aliada a uma vontade de crescer, regulando o fluxo monetário, “qualificando a vida” e respeitando a saúde do casal. O casal focou em alguns pontos, que podem ser resumidos, pela busca de uma renda aliada a uma preocupação ambiental, como afirma Oldemar:

Tudo isso, pra nós se sentir bem, nós agora tamo sentado aqui e se sentindo bem, na nossa casinha, de ver os filhos gostando quando vem pra casa, de abraçar, e hoje isso não acontece muito, por exemplo um filho de 30 anos abraçando mãe e pai, então esse laço de família se criou quando a gente conseguiu se qualificar e se organizar dentro da propriedade (Entrevista Oldemar, 24 min - 25 min)

No mesmo sentido, Dora afirma que no começo da atividade o stress entre os dois era muito grande, pois possuíam muitos pontos de venda para as hortaliças e produtos, mas não tinham tempo para nenhuma outra atividade, sendo que hoje dão atenção para as coisas que consideram mais importantes, focando na capacitação e que conseguiram um grupo de clientes fixos e fiéis que pagam pela qualidade do produto deles. Ambos afirmam que conseguiram um bom nível de vida, e que a redução na jornada de trabalho foi benéfica “hoje a gente consegue, tomar um chimarrão juntos”, afirma Oldemar.

Durante a conversa, demonstrando uma preocupação holística com os elementos que constituem essa nova fase da vida, Oldemar, corrobora que:

Essa qualificação ela não veio só pro bem estar da gente, mas também pros animal da gente... Então a propriedade em si tá qualificada, tá dentro de um padrão de qualidade e isso traz um retorno na qualidade de vida. E tu também trabalha com mais qualidade... A gente criou esse padrão pra hoje ter essa harmonia e essa felicidade dentro da propriedade, não pra tu trabalhar e sentar cansado de noite e dormir por devalde, sem nenhum conseguir falar com o outro, ou não rir, e dentro de tua própria casa não ter motivo pra rir, não ter motivo pra alegria (entrevista Oldemar e Dora, 30min – 31min).

Ambos, também, afirmam que a qualidade de vida deles está ligada a esse respeito pelo ciclo da vida, de conhecimento a respeito dos processos e dos tempos que devem ser executados em cada uma das atividades realizadas no agroecossistema. Nesse ponto da conversa, o incomodo com a ação de fiscalização mais uma vez é evidenciada, revelando a tensão entre esse Mundo da Vida, com o Mundo do Sistema, da família, que se estabelece nas relações interpessoais, de busca pelo reconhecimento e valorização da qualidade do trabalho desenvolvido:

A gente sabe cada centímetro, de cada palmo, cada cantinho tem uma gota de suor, uma gota de carinho, uma gota de amor do casal, da família, pra que isso esteja lindo, esteja bonito, pra tu chegar num ponto e dizer: olha nós vamos ter que parar porque a legislação não nos alcança”, Dora completa que “nunca ouvi tanto desaforo na minha vida” (Entrevista Oldemar e Dora, 33min – 34min).

Essas declarações revelam a relação ética dessa família agricultora com o agroecossistema, mostrando a expectativa de serem reconhecidos como indivíduos plenos e pertencentes ao grupo social à qual pertencem. Essa expectativa não se estabelece apenas a partir da monetização, status social e aquisição de tecnologias, mas se inspiram em ações que revelam uma caminhada no sentido de desfrutar essa qualidade de vida.

Nesse sentido, a colonização do Mundo do Sistema pelo Mundo da Vida é preocupante, ao pensarmos que ambos já falam sobre a necessidade de redução de sua atuação

na produção e comercialização dos produtos devido ao avanço da idade. Esse sentimento se reforça ao revelarem-se desmotivados e desvalorizados por um sistema que não se adapta, invisibiliza e, até mesmo, criminaliza às suas práticas ancestrais.

Ao pensarmos as possibilidades de resolução desses conflitos, tanto Oldemar, quanto Dora, manifestaram profundo descrédito na política, como elemento de manutenção democrático e de apoio às suas necessidades, como indivíduos e sujeitos sociais. Eles também denunciam uma espécie de inversão de valores, na qual afirmam que a produção primordial de alimentos sempre se deu através da “produção orgânica”, no entanto, apenas os agricultores que declaram essa produção, não usam agroquímicos e se utilizam dos selos para a valorização de seu trabalho, estão sujeitos à fiscalização.

No entanto, a capacidade de resiliência desses agricultores tem fortalecido os processos de economia solidária e da produção orgânica e familiar no município. Tanto que nas outras semanas, em que estive no Feirão, eles estavam lá com sua banca, suas verduras, seus queijos, massas e pães

Assim, ao abordarmos essa questão da emancipação, autonomia e reconhecimento, no caso da família Da Silva, também percebemos uma atenção especial para esses assuntos a partir da qualidade de vida. Essa questão é revelada na afirmação de que a vontade de retornar para o campo se fazia presente no dia-dia do casal, com o intuito de buscar um futuro melhor para seus filhos e de melhorar a vida do casal.

Essas relações são observadas em suas estratégias de produção e reprodução, que ao serem evidenciadas dialogam com a sustentabilidade no meio rural e reforçam a questão da luta por reconhecimento e autonomia frente à sociedade. Como agricultores que transitaram nesse caminho, da cidade para o campo, os Da Silva agregam interessantes assuntos a discussão a respeito da autonomia e sua relação com a qualidade de vida.

Fato que foi se concretizando a medida que a correria e o stress aumentavam diante da tarefa de criar os filhos na cidade grande, como reitera o agricultor: “A qualidade de vida, depois que eu vim embora, mudou uns cem por cento. Lá eu vivia estressado, incomodado e correndo, hoje a gente trabalha o físico, não tanto o mental, mas eu me sinto bem em todos os aspectos” (Entrevista II João Antônio, 8min – 9min).

João Antônio afirma que a vontade de permanecer no campo é permanente na família e que todo o esforço e trabalhos e direcionam no sentido de proporcionar meios para a permanência dos filhos no agroecossistema. Para João essa tendência está ligada às características de produção a partir dos princípios agroecológicos.

Apostando ainda na autonomia com a possibilidade da capacitação acadêmica, através da realização de cursos dentro da UFSM, sendo que, segundo o agricultor os filhos, tanto João Eduardo quanto Natália, manifestam interesse no estudo das ciências agrárias.

Eles têm vontade e gostam, mas o dia de amanhã a gente nunca sabe. A gente vai fazer de tudo pros dois ficar aqui. Eles sabem e já entendem muita coisa. Um dia nós estávamos numa chácara, tinha umas árvores de citrus... e tinha essas orquídeas. E a dona do sítio perguntou pra um técnico se era prejudicial pras plantas, e ninguém sabia responder, e o João Eduardo, disse que não fazia mal e disse o porquê. Isso me chamou a atenção, ele tá no caminho certo (Entrevista II João Antônio, 11min).

O agricultor também argumenta que mantém uma relação ética com a terra ao trabalhar junto ao agroecossistema, reiterando que sua qualidade de vida está diretamente ligada a essa preocupação. João Antônio manifesta uma grande preocupação com o meio-ambiente, como indicador da qualidade da terra, das plantas e equilíbrio do agroecossistema, afirmando que desde que começou a produzir frutas nativas os pássaros e animais silvestres, como emas e capivaras, são avistadas na propriedade.

Tecnicamente eu não sei te explicar isso, mas eu me sinto bem com a terra e a terra e as plantas se sentem bem comigo, e isso é importante. O cuidado que a gente tem aqui, de não usar químico, nem nada, isso agrega uma qualidade de vida da própria terra eu acho, isso é importante para o meio-ambiente e para tudo... (Entrevista II João Antônio, 13min – 14min).

E finaliza expondo uma visão integradora dos fatores que constituem o agroecossistema, apostando na produção orgânica para além do retorno financeiro, considerando-o como forma de aceitação social. Além disso, João reafirma a urgência desse tema como alternativa para um futuro mais saudável.

É uma cadeia, uma corrente, onde tu viver bem, fazendo a coisa certa, tudo que te cerca ali vai conviver contigo. E na linha de orgânico também, gera um... dentro do meio ambiente não é só o fator do orgânico em si, do produzir pra vender pra ganhar dinheiro... é N fatores que mexe, e as pessoas não enxergam isso, mas vamos torcer pra que todo mundo pense assim e caminhe nessa linha, é difícil, é um processo lento, mas o futuro é esse (Entrevista II João Antônio, 14min – 16min).

No mesmo sentido, a família Vielmo percebe sua situação como “agricultores por opção”, de forma que reitera essas relações de autonomia e reconhecimento. Núbia comentou que recebeu um elogio de um extensionista da Emater sobre as estratégias de produção adotadas pela família e pelas melhorias que tem integrado no agroecossistema, como por exemplo a estrutura de estufas que desenvolveram, como afirma a agricultora: “as vezes tu fica meio pra baixo, por causa de alguma perda, e tu ouve: Ó, em termos de estrutura, vocês

estão muito bem, nós ficamos uns três dias felizes, porque isso é um reconhecimento que tu tem” (Entrevista Núbia e Roberto, 30min).

Núbia afirma que grande parte de sua independência se firma em sua visão do agroecossistema como uma “empresa”, realizando pesquisas, divulgação, contabilidade, controle de custos, investimentos e apostando no empreendedorismo. Outra questão é a constante busca por novas técnicas, tecnologias, cultivares e formas de valorização do trabalho da família, como afirma a agricultora: “A gente não cai numa rotina, na verdade a vida do agricultor não tem rotina...” (Entrevista Núbia e Roberto, 28min).

Alega também que o sucesso vivenciado vem da parceria com os agricultores da APOS, afirmando que o trabalho integrado das famílias fortalece os laços de companheirismo. Percebemos algumas estratégias de organização dentro da Associação uma vez que eles dividem e escalonam a produção e a oferta de produtos na feira de acordo com as características dos outros agroecossistemas, buscando uma maior variedade de produtos para comercialização e entrega junto à merenda escolar.

Outro ponto que dialoga diretamente com a questão da autonomia da família é a sua constante contribuição em eventos que promovem a Agroecologia como a realização de eventos, dias-de-campo e seminários junto às universidades, instituições de ensino, grupos de agricultores e sindicatos. A família também promove constantemente a divulgação de suas ações através das redes sociais e demais meios de comunicação, como afirma Núbia:

O pessoal diz: “Núbia tu tá mídia”. Porque a gente tá sempre dando uma entrevista, fazendo uma coisa ou outra. Mas porquê? Tu te destaca no momento que tu investe, quando tu trata isso como uma empresa, todo mundo sabe da A Fazendinha... E o que a gente fez, a gente colocou marca, a gente faz propaganda, a gente tem Facebook. Tudo tem o selo da Fazendinha. E quantas pessoas fazem isso? Então o pessoal tem esse reconhecimento... Se é uma propriedade que não tem nome, que não tem a parte de marketing ativa, o pessoal não conhece (Entrevista Núbia e Roberto, 37min).

A família admite uma profunda percepção da dimensão ética quanto à produção orgânica como busca por uma vida mais saudável, uma vez que como Núbia afirmou, a decisão de mudança de vida, do caminho da cidade para o campo, se deu em um corredor de hospital durante o tratamento por quimioterapia de Roberto. Essa escolha, segundo a agricultora, foi tomada sem saber se o filho “ia viver ou não”. Como explica a agricultora:

Tu não se preocupa só com a alimentação, tu se preocupa com a natureza, se preocupa com o solo. Tu começa a ver que o solo é um ser vivo... Então eu acho que saúde está em primeiro lugar pra tudo, que a partir do momento que tu tá com saúde, o resto tu tá sempre correndo atrás (Entrevista Núbia e Roberto, 49min).

Eles avaliam que o cuidado com a natureza e essa busca pela saúde pode ser percebida em sua qualidade de vida, sendo percebida dentro da família como uma mudança positiva de estilo de vida. Como afirma Roberto:

Outra coisa que mudou foi a união familiar, porque nós éramos extremamente desunidos... o que eu não queria era estar em casa. E quando você passa por esse processo todo mundo ficou mais fechado, mais família (Entrevista Núbia e Roberto, 53min).

Essa noção a respeito da ética tem sido reconhecida, até mesmo nas estratégias de produção e comercialização, sendo revelada por Núbia ao afirmar que existe a preocupação de fornecer um produto de qualidade, evitando utilizar até mesmo os inseticidas naturais como óleo de neem e caldas de pimenta e fumo, em períodos próximos à colheita.

Essa decisão se dá principalmente porque a família fornece os produtos para a merenda escolar que é destinada às EMEI's, como afirma a agricultora: “Por isso nossa preocupação em diversificar mais os produtos, oferecer mais... e a questão é que as pessoas precisam ter mais consciência, acho que os pais precisam ter essa consciência” (Entrevista Núbia e Roberto, 54min).

Assim, também analisamos as estratégias desenvolvidas pela família Silva-Garcia que buscam o reconhecimento através de sua ação, junto ao agroecossistema, que se baseia na relação familiar e na confiança depositada pelos consumidores. Nesse caso a caminhada da família se apresenta como a experiência mais recente.

Sendo que essa travessia se deu do ponto de consumidores preocupados com a alimentação saudável até o arrendamento do agroecossistema e produção para a comercialização. A motivação também teve uma preocupação com a questão ética do fornecimento de “alimentos saudáveis”, por exemplo, principalmente ao entregarem cestas de produtos para famílias que procuram realizar a introdução de frutas e verduras na alimentação das crianças.

Da mesma forma a família destaca a questão do equilíbrio e da capacidade de ciclagem natural dos elementos constituintes, uma vez que percebem que tudo que é utilizado dentro do agroecossistema também é absorvido pelo solo, pelas águas e pelo ambiente que os rodeia. Todo esse processo ético se relaciona com o reconhecimento e com a qualidade de vida da família, sendo a confiança construída junto aos clientes um elo importante nessa relação, como afirma Tais:

Eu acho que eles acreditam muito no produto que a gente tá vendendo... então é um elo de confiança, que a gente estabelece com nossos clientes, várias pessoas elogiam o nosso produto e a gente sempre convida pra que eles venham nos visitar. Isso porque agente quer manter cada vez mais esses laços de confiança que a gente tem, eu acho que isso que dá um respaldo pra nossa responsabilidade, da pessoa confiar na gente (Entrevista Carmen, Maurício, Tais - 39min).

Seguindo o mesmo raciocínio Tais relaciona a Certificação com o reconhecimento e “um gostinho de vitória” pelo esforço da família nessa construção, no entanto, percebe que se trata muito mais de uma exigência burocrática, do que realmente uma garantia real da origem do produto. E finaliza: “pra mim é um passo importante, mas eu acho que tem muitas coisas mais importantes, que a gente tem pra fazer, o que a gente quer é manter essa certificação”.

Maurício completa o raciocínio fazendo uma crítica ao fato de que os agricultores que produzem orgânico é que devem provar a origem do alimento, e o agricultor que se utiliza de agroquímicos, não é fiscalizado. O agricultor também percebe a urgência de uma legislação que valorize as formas tradicionais de cultivo e a valorização das hortas urbanas e outras iniciativas.

Sobre a questão da autonomia Carmen afirma que sua autonomia está ligada a essa nova experiência de vida, tanto na possibilidade de locomoção entre o ambiente urbano e rural como na capacidade de auxiliar o grupo da OCS e uma profunda reflexão a respeito da possibilidade de apropriação do conhecimento.

Eu acho que existe muita coisa do conhecimento, desse saber que passa de geração em geração que é importante, mas quando diz assim, meu pai fazia assim e eu tenho que fazer igual, não só o repetir uma ação, mas é o sentido dela, porque realmente ele fazia aquilo, ah porque era a melhor lua, porque era o melhor momento, porque tinha tal influência, eu me apoderar desse conhecimento, o saber que vem de geração em geração, mas eu sei do que se trata, eu não apenas vou repetir aquilo, porque se eu fico só na repetição eu não consigo perceber nada.(Entrevista Carmen, Maurício, Tais - 30min).

Maurício completa que se sente bem por ter essa autonomia de trabalho, e que está aprendendo sobre essa capacidade de decidir os rumos da vida, mas admite que essa gama de alternativas “as vezes dá um pouco de medo”, apostando na planificação das atividades, de forma bem pensada e com bom senso, como passos para manutenção da autonomia.

Tais finaliza dizendo que:

A gente tem essa autonomia, mas a gente tem que ter muita responsabilidade, a gente tem compromisso, a gente trabalha em família... a gente tem responsabilidade com os outros, com os cliente e com a gente mesmo... eu acho que tudo aconteceu no seu tempo, e que além de um emprego, de um trabalho, de um negócio é um outro viés o orgânico, mas a gente taganhando muita qualidade de vida e eu poder

proporcionar isso pra minha filha é maravilhoso (Entrevista Carmen, Maurício, Tais - 52min).

Assim, percebemos que essa qualidade de vida, baseada na autonomia e no reconhecimento, proposta por esses agricultores, não se limita aos integrantes de sua família, mas são estendidas aos clientes, colegas feirantes, vizinhos agricultores e até mesmo aos componentes bióticos e abióticos do agroecossistema, revelando uma profunda preocupação até mesmo com os elementos metafísicos como harmonia, felicidade e amor.

7. O AUDIOVISUAL

Ao evidenciarmos a construção do paradigma agroecológico, propomos também que a partir da análise das relações intersubjetivas estabelecidas nesse processo de emancipação vivenciados nessa experiência podemos nos valer da produção audiovisual como estratégia para as novas possibilidades, respostas e alternativas para a construção dessa pesquisa.

Assim identificamos que o presente material foi editado a partir das entrevistas realizadas durante as visitas junto aos agroecossistemas, sendo que a entrevista se configurou de forma temática, na qual a partir da utilização dos temas geradores foi possível construir uma série de percepções a respeito das relações presentes nas interações dessas famílias agricultoras.

Para a realização desse vídeo apontamos que, o mesmo, foi organizado através da edição das imagens, relacionando cada uma das cenas e imagens de apoio, com as declarações mais relevantes para o assunto abordado. Também apontamos que nesse capítulo não tentamos transpor o vídeo para o papel, mas sim, refletir a respeito da possibilidade representativa desse material.

7.1 O AUDIOVISUAL: POSSIBILIDADE CRIATIVA/COMUNICACIONAL DE RETORNO

Nesse sentido, tivemos o desafio de, para além da síntese do processo de investigação, apresentar um produto de qualidade ao concordarmos com o imperativo de respeito às características, histórias e modos de ser, pensar e agir dos agricultores, pensando também na valorização estética e criativa do material que temos disponível.

Ademais, dentro das discussões a respeito das possibilidades e limitações da construção do audiovisual, apresentamos a seguinte análise não como uma tentativa de descrevermos o vídeo, através do papel, mas de revelarmos as intencionalidades nos processos de construção dessa peça. Evidenciando dessa forma a realização de um Audiovisual como proposta de metodologia participativa, de retorno e de autorreconhecimento para esses indivíduos.

Nesse sentido iniciamos o material com a apresentação do título que ilustra a necessidade de pensarmos a proposta inicial do trabalho tanto de pesquisa quanto de construção do material. Denominado “Diálogos & Caminhos” o título revela a intenção de pensarmos “Diálogos” como forma de relação e conexão entre os agricultores, além de

promover a construção coletiva de conhecimento e entendimento estabelecido através dessa conversa, ao mesmo tempo que o “Caminhos” propõe uma aproximação entre os agricultores que participaram da experiência, que mesmo não sendo física está materializada nessa construção.

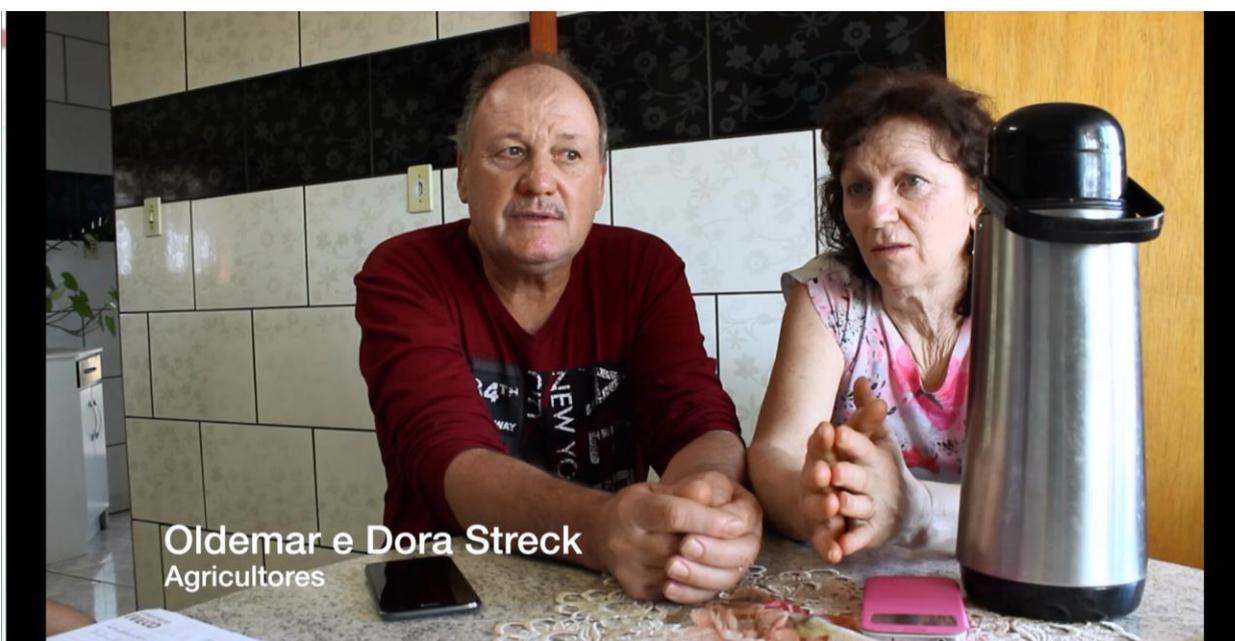
A introdução do vídeo estabelece a ordem cronológica das entrevistas, com cenas representativas de cada uma das famílias e de suas residências, para isso valorizamos a característica da técnica de retrato estabelecido com a câmera parada, um fundo fixo e a família em primeiro plano, sendo este o cenário básico que se apresenta em todo o trabalho, revelando essa proximidade do agricultor com suas famílias.

Após essa introdução temos as declarações de Oldemar e Dora Streck; João Antônio da Silva; Roberto, Núbia e Júlia Vielmo; e Carmen, Tais e Mauricio Silva, todos estão identificados com legenda apresentada nos caracteres como Agricultor/es.

No plano seguinte apresentamos o primeiro ato do vídeo, denominado Motivações, que resume uma série de percepções que se apresentam no decorrer da entrevista, ao mesmo tempo em que introduz o espectador a conhecer as famílias. Para tanto valorizamos ainda a ordem cronológica das entrevistas, mostrando esse primeiro contato com a câmera, onde as famílias se apresentam conforme a intenção de suas ações.

Assim retratamos a devoção dos Streck, representado pela fala de Oldemar sobre seu agroecossistema afirmando que “cada cantinho tem uma gota de suor, uma gota de carinho...”.

Imagem 7 – Oldemar e Dora Streck: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Temos a motivação de João Antônio quando declara que “não aguentava mais o centro da cidade grande...”.

Imagem 8 – João Antônio da Silva: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Assim como a afirmação de Núbia que explica: “não adianta tu querer ser agricultor e não gostar de ser agricultor...”.

Imagem 9 – Roberto, Núbia e Júlia Vielmo: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Ou da expectativa dos Silva-Garcia sobre o fato de, segundo Carmen, terem migrado, “de um mundo urbano, para uma vida, na agroecologia, rural, no campo...”.

Imagem 10 – Carmen, Tais e Mauricio Silva: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Todos esses termos são traduções dessa construção junto aos agricultores, bem como um exercício de memória referente a essas construções simbólicas de suas realidades.

Prosseguindo, temos no segundo ato, uma aproximação com os Projetos, assim propomos a organização desse ato através dos temas que se apresentaram através do trabalho, do empreendedorismo e da noção de ganhos dentro do agroecossistema.

Essa noção nos é provocada pela afirmação de Núbia, ao explicar que grande parte do sucesso se dá devido a visão empresarial “a gente sempre tratou isso daqui como se fosse uma empresa, a gente fez um projeto...”, da mesma forma percebemos uma preocupação com o futuro quando a mesma afirma que “se eu botar um pé de figueira aqui, provavelmente eu não vá sentar embaixo da sombra dela, mas a minha filha, a minha neta vai.”

Imagem 11 – Estufa família Vielmo: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Também temos na declaração de João Antônio essa visão empreendedora, ao afirmar que um de seus objetivos é “oferecer um produto bom e ganhar dinheiro em cima disso”, da mesma forma exploramos o cuidado com o agroecossistema a partir de sua visão holística dos elementos, ao afirmar que “isso agrega uma qualidade de vida pra própria terra”, bem como a recuperação ambiental da área.

Imagem 12 – João Antônio e Nathalia (filha) na Feira: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Nesse sentido temos a afirmação de Maurício, da família Silva-Garcia que se questiona sobre “o que a gente vai deixar, o que a gente vai construir, o que estamos fazendo e o que as pessoas estão achando”, nessa noção de “deixar frutos” temos a reflexão de Carmen que afirma que as pessoas ainda não se deram conta de que através desse tipo de produção temos “um agricultor, com mais saúde, porque não ta entrando em contato com todos esses venenos...”

Imagem 13 – Tais e Jamile (filhas) na Feira: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Da mesma forma temos na lembrança de Oldemar que, entre os agricultores pesquisados, é o que há mais tempo se dedica à produção orgânica e transição agroecológica “teve anos mais difíceis, mas a gente criou esse padrão pra hoje ter essa harmonia...”, no mesmo sentido o agricultor revela que esse conjunto “é qualidade de vida pra nós, é qualidade de produção e ao mesmo tempo é qualidade e harmonia da propriedade.”.

Imagem 14 – Oldemar no agroecossistema: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Assim ampliamos nossa visão ao trazermos, no terceiro ato, a questão da Confiança no terceiro ato, revelando os temas da certificação, da comercialização e das relações entre agricultores, colegas e clientes.

Nesse ponto temos a declaração de Oldemar sobre as vezes em que auxiliou outros agricultores em suas dúvidas a respeito da certificação, ao afirmar que o conhecimento de caso que possui, bem como as reuniões e discussões fomentaram um profundo senso crítico quanto as possibilidades e limites do tema.

Ao lembrar sua caminhada e luta, o agricultor pondera que “não é do dia pra noite tu dizer que, a minha propriedade é orgânica e tu consegue.”, assim Dora completa a respeito da feira que a relação que se estabeleceu é de família, e que “nesses dezessete anos, eu acho que

se nós faltamos três sábado foi muito” a agricultora finaliza afirmando que mesmo quando faltaram eles mandaram os produtos, para não deixar “os clientes na mão”.

Imagem 15 – Oldemar e Dora na feira: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Para a família Silva Garcia também temos a questão da confiança como uma sinal importante de relacionamento com os clientes e demais feirantes, nesse sentido Mauricio faz o questionamento de o por quê “quem usa o agrotóxico, os químicos, não tem que dizer nada, mas quem não usa tem que provar”. Tais fala que a certificação, alcançada após várias discussões e conversas, é um reconhecimento e pondera “pra mim assim é um passo importante, mas eu acho que tem muitas coisas mais importantes pra fazer.”

Imagem 16 – Carmen no agroecossistema: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Da mesma forma João Antônio afirma que existem outras coisas a serem avaliadas, como explica “eu pelo menos agreguei valor ao meu produto, o pessoal não reclama preço...” da mesma forma questiona qual a melhor propaganda, ou política pública, para discutir a importância do consumo de orgânicos, e completa dizendo que “isso é importante, o financeiro pra gente, não é a toa que a gente passa esse trabalho todo...” reafirmando esse sentimento constante de luta vivida pelos agricultores.

Imagem 17 – João Antônio na feira: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

A seguir, sobre a família Vielmo, Núbia assinala que esse é um reconhecimento, “a gente tem um nome a zelar, tu tem um compromisso...”. Nesse sentido Roberto completa que grande parte do público que vai à feira é motivado pela saúde, “eu sempre digo, a gente bota um pouquinho a mais pra valorizar o produto, mas eu não boto um preço muito exorbitante do mercado, porque a pessoa tem que ter condições, de como diz uma cliente nossa, de buscar saúde.”.

Imagem 17 – Roberto na feira: frame do vídeo.



Fonte: Autor, 2018.

Assim o vídeo se encaminha para o final com o quarto ato a partir da proposta do Algo Mais, que significa a capacidade de se avaliar as características, até aqui apresentadas, como partes componentes de uma compreensão ética maior, que fundamenta e dá sentido às práticas descritas nesse trabalho. Posto isso, nos apropriamos do quarto ato como um exercício de diálogo final entre os agricultores.

Como explorado por João Antônio da Silva que afirma a importância do Meio Ambiente nesse debate ao ponderar que “não é só o orgânico em si, o produzir pra vender” afirmando que precisamos ver além bem como percebermos os N fatores que compõe essa atividade.

Também fomentando o diálogo, Oldemar sinaliza que a partir de uma certa renda o casal conseguiu criar uma harmonia ambiental dentro do agroecossistema “ pra tu te sentir

bem, pra tu ter um lugar, que nem nós estamos sentados aqui e se sentir bem na nossa casinha”, esse trecho demonstra exatamente esse carinho que o agricultor tem com seu ambiente.

No mesmo sentido Núbia Vielmo aponta que produzir orgânico e “produzir sem agrotóxico” são coisas fundamentalmente diferentes, e que muito estão se apropriando dessa denominação apenas com um olhar comercial, afirmando por fim “que é uma diferença enorme”.

Assim para encerrarmos esse ato, temos na declaração de Carmen Silva uma alusão ao processo maior que a família se dedica na qual “não é só tu ‘a eu produzo alimento orgânico e isso é tudo’, não é tudo, olha só tudo o que tu tem nessa cadeia” completando que devemos ter essa consciência e levar para os demais.

Dessa forma percebemos que a compreensão desses agricultores a respeito da produção orgânica está além da legislação apresentada na Lei dos Orgânicos, ou das possíveis sistematizações da PLANAPO. Essa visão se baseia nas questões referentes a subjetividade de sua atuação junto aos seus agroecossistemas.

Após os créditos finais promovemos uma reflexão final, a partir de algumas inquietações manifestadas pelos agricultores, essas cenas foram deixadas de fora dos quatro atos com a intenção de apresentar um impacto final ao mesmo tempo em que se colocam como pontos que, dentro do projeto editorial, não caberiam nos temas discutidos.

Assim iniciamos essa com a fala de Núbia Vielmo que,as vésperas de participar de uma palestra para o curso de Agronomia,da URI Santiago, perguntaria aos alunos quantos se especializariam em “horticultura, em hortaliças, em orgânicos, eu aposto contigo que não vai ter nenhum que vai levantar a mão”

No mesmo sentido temos a preocupação de João Antônio da Silva, quanto à formação dos jovens agrônomos e técnicos, apontando a necessidade dos mesmos “acompanharem mais aqui, na prática com a gente, isso seria muito importante se a universidade fizesse.”

Trazendo a discussão para um outro patamar temos a contribuição de Dora Streck, que após o episódio de fiscalização se questiona sobre “ se eu não posso vender, mas eu vivo disso aqui, como é que eu vou pagar minhas contas” afirmando que mesmo que se dedicarem a esse produção saudável eles não podem viver apenas disso, pois tem contas para pagar.

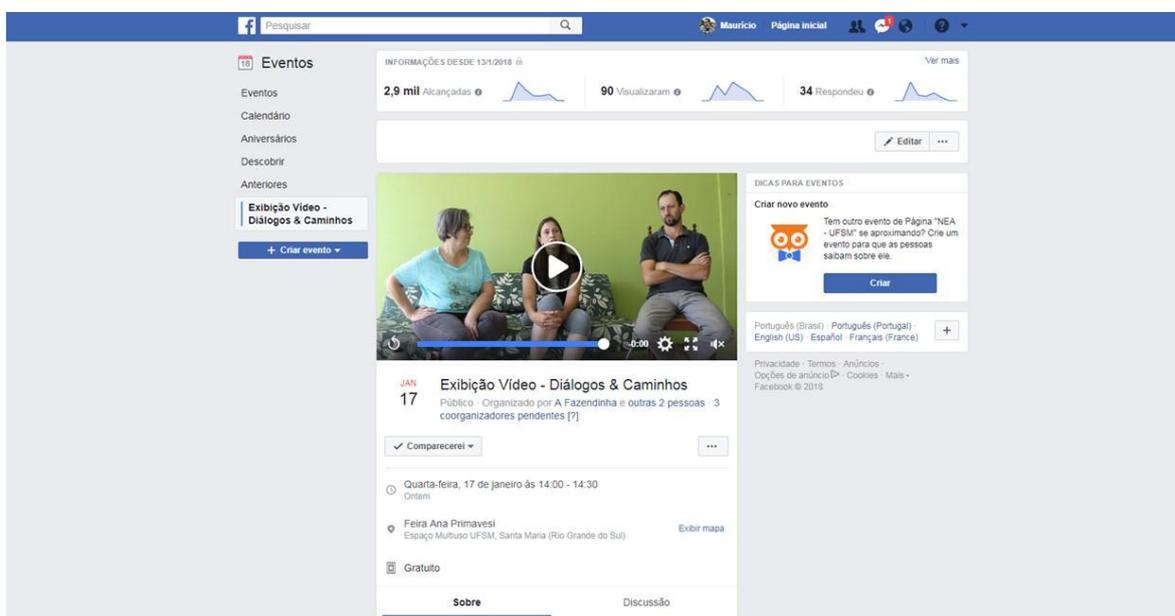
Assim para finalizar temos a reflexão de Tais Silva Garcia sobre a caminhada de sua família, bem como a responsabilidade que possuem nessa construção, onde mais uma vez a responsabilidade das ações recai sobre o agricultor, como afirma agricultora “depende de nossa caminhada diária”.

7.2 A EXPERIÊNCIA DE RETORNO

Nesse ponto apresentamos a experiência de exibição do audiovisual junto aos agricultores, que foi encaminhado para os mesmos logo após a edição final, realizada no dia 06 de janeiro de 2018. Sendo que a exibição desse material finalizado ocorreu no dia 17 de janeiro de 2018 durante a Feira Ana Primavesi, no espaço Multiuso.

A ação contou com ampla divulgação nas redes sociais através da página do NEA-UFSM, no site do CCR e no Grupo de Consumidores orgânicos. O engajamento online foi positivo no sentido de movimentar as informações a respeito da feira e na promoção do espaço para os eventos acadêmicos e debates a respeito da agroecologia, e possibilitou um primeiro diálogo entre os agricultores participantes da ação e o pesquisador, no âmbito de apresentação dos resultados.

Imagem 18 – *Print Screen* evento de divulgação do vídeo em Rede Social.



Fonte: Do autor, 2018.

O evento contou com a participação de 20 pessoas, que integraram as atividades que consistiram na apresentação do resumo a respeito dos objetivos do vídeo, na qual reafirmamos o compromisso em fomentar o debate da Agroecologia e da produção orgânica a partir da visão dos agricultores.

Na oportunidade o vídeo foi exibido duas vezes devido à agenda de alguns agricultores, sendo que essas ações revelaram uma interessante junção entre a perspectiva dos agricultores que participaram do vídeo e os demais indivíduos que fizeram parte da exibição. Assim estiveram presentes durante o evento os/as agricultores/as Oldemar Streck, Dora Streck, Jamile Silva Garcia, João Antônio da Silva, Núbia Vielmo e Roberto Vielmo que puderam manifestar suas opiniões a respeito do audiovisual e comentaram sobre suas percepções.

Imagem 19 – Foto exibição do material.



Fonte: Jéssica Stobienia Gonçalves, 2018.

Através dessa proposta buscamos também proporcionar um espaço de diálogo entre os agricultores da Feira Ana Primavesi, agricultores convidados, acadêmicos, clientes, apoiadores das feiras e extensionistas. Nesse sentido pudemos, através da comunicação, evidenciar a importância da representação e desse momento de autorreconhecimento, do qual os agricultores participaram.

A exibição seguiu a proposta de valorizar o espaço aberto, no qual é realizado a feira, no sentido de proporcionar o fluxo de agricultores e espectadores, buscando uma maior

circulação e maior informalidade para a ação. Também proporcionamos um espaço para avaliação do vídeo.

Nesse momento de retorno Jamile ressaltou que alguns pontos importantes poderiam ser apresentados com mais profundidade, no entanto afirmou que o vídeo conseguiu revelar a vivência de cada um “que se a proposta era fazer ‘vivências e diálogos’ essas falas se completam”. Indicando que o efeito de diálogo entre os agricultores foi exitoso.

Um dos agricultores da Feira reafirmou que outro elemento importante revelado foi a harmonia das famílias “que tem uma mensagem bem mais subliminar, que é isso daí, é muito mais do que produzir pra vender”. Jamile completou “tem um aditivo social também que é mostrar que as pessoas vivem daquilo ali, que elas podem viver daquilo ali, que existe uma vivência”.

Também tivemos a contribuição de um dos técnicos que explicitou o conflito entre a necessidade de aproximação com as famílias e a resolução dos problemas agrônômicos, afirmando que a maior dificuldade da falta de interesse dos técnicos é o “medo de não saber a resposta e não dar o respaldo que vocês (agricultores) precisam, porque é uma coisa nova, tu tem que descer do pedestal, porque na questão participativa tu aprende junto e vai...”.

Dessa forma após algumas recomendações, melhorias em alguns cortes, readequação de alguns áudios e finalização o vídeo foi disponibilizado no Youtube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=sUU7qz7vCnI&t=3s>.

Com a exibição do audiovisual vários pontos foram levantados com o intuito de fomentar o debate sobre as potencialidades desse tipo de exercício como forma de vivência que valoriza o diálogo e revela histórias, pensamentos e sentimentos. Essas questões intersubjetivas, ao emergirem da tela, enriqueceram a percepção dos espectadores tanto sobre a proposta deste trabalho quanto à vivência da experiência.

Assim apresentamos uma série de contribuições que temos desenvolvido desde o início deste trabalho, bem como apontamentos que contemplam as perguntas propostas no início desse processo e se revelaram nessa vivência. Apresentamos essas considerações no capítulo a seguir que proporciona uma síntese desses diálogos e caminhos vivenciados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma profunda reflexão a respeito da realidade observada, junto aos agricultores familiares em transição agroecológica, bem como análise de sua relação com seus agroecossistemas, a partir das teorias do Agir Comunicativo, refletindo sob a busca por autonomia, a luta por reconhecimento e sua relação com a qualidade de vida. Levando em consideração o paradigma Agroecológico, como campo científico emergente que se baseia na valorização e resgate do conhecimento dos agricultores, na transformação social e na tomada de consciência dos saberes implicados em suas ações e de seu trabalho.

Apresentamos como considerações finais os seguintes itens:

Destacamos a necessidade de construirmos os questionamentos pertinentes à Agroecologia a partir da visão de mundo dos agricultores. Nessa perspectiva revelamos a capacidade do saber popular na construção de conhecimento científico, reiteramos mais uma vez que se faz necessária uma abertura das instituições para esses saberes, e que apesar dos avanços observados, junto às mesmas, os agricultores ainda permanecem invisibilizados nesse processo.

Por isso, presenciamos na comunicação um caminho adequado para essa busca de conhecimento, que proporciona ferramentas de diálogo, respeitando os diferentes tipos de conhecimentos das sociedades humanas, bem como a multiplicidade de construções sociais e interações, que geram novas formas de conhecimento a todo momento.

Nesse sentido, precisamos construir estratégias para que o conhecimento científico possa ser levado, construído e publicizado, não como uma atividade extra muro e messiânica, mas como um elemento fundamental para a garantia de democratização do conhecimento e empoderamento da sociedade frente aos desafios, valorização da racionalidade crítica, respeito à espiritualidade e multiculturalidade das comunidades.

Também apontamos que a construção de uma nova racionalidade, através das Metodologias Participativas, está em consonância com a ideia da Agroecologia como ciência e do Agir Comunicativo como possibilidade teórica crítica. Nesse caso realizamos um processo baseado numa perspectiva cíclica e continua no qual os agricultores foram consultados, estimulando sua participação nas etapas de construção dessa pesquisa.

Nesse caso, tanto a Comunicação quanto a Agroecologia, contribuem de forma evidente para a luta por reconhecimento, emancipação, autonomia e dialogicidade das relações intersubjetivas estabelecidas entre os indivíduos. Concluimos que essas relações são

importantes para os agricultores familiares, que contribuíram nessa pesquisa, ao revelarem em suas falas essa preocupação com a dimensão Ética de suas ações.

Ao analisarmos as diferentes motivações e expectativas dessas famílias afirmamos que as mesmas estão permeadas por relações éticas, próprias do Mundo da Vida, referentes à afetividade, à liberdade, à autonomia e ao entendimento dos indivíduos. Esses sentimentos se manifestam na constante luta por reconhecimento, motivado nos agricultores pela vontade em construir uma qualidade de vida, através de temas variados que podem ser definidos como: a mesa farta, o sentir-se bem em casa, a boa relação com os filhos, vizinhos e clientes, entre outros que são construídos através da realização de seu trabalho diário.

A partir dos Temas Geradores percebemos a relação dialética entre a Vida e o Sistema, ao tratarmos da afetividade, dos sentimentos e das relações pessoais como elementos colonizadores dos temas que se aproximam das concepções tecnicistas e cartesianas como o ganho financeiro, o trabalho, o status e na adequação legal que ainda revelam noções de possibilidades de relacionamento interpessoal, afetividade, diálogo e coletivismo. Assim afirmamos que essa construção de conhecimentos Agroecológicos, apontam para a possibilidade de que todos esses temas inerentes ao Mundo do Sistema podem ser construídos e ressignificados junto ao Mundo da Vida, através das relações éticas humanas.

Nesse sentido apontamos que em grande parte essa autonomia e reconhecimento, vividos e buscados, por esses agricultores reafirmam a importância desse sentir-se bem, desse pertencimento e dessa qualidade de vida desfrutados no agroecossistema, junto às suas famílias.

No caso das Famílias Streck, Da Silva, Vielmo e Silva-Garcia, identificamos alguns pontos que temos proposto desde o início de nosso escrito, que a busca por autonomia e reconhecimento tem potencializado as relações éticas que se estabelecem entre esses indivíduos. Possibilitando a capacidade de emancipação e promovendo o diálogo como alternativa para a resolução dos problemas e conflitos.

Revelamos a capacidade da expressão, através da comunicação, como um aliado contra da desumanização das relações, assim apontamos o Audiovisual como forma de revelar essas vivências, no qual tanto as falas dos agricultores e seu conhecimento do mundo, como a capacidade de interpretação do cientista são postos em diálogo.

Também refletimos sobre os aspectos que tem se revelado, desde o início dessa pesquisa, sendo que ao propormos o exercício do diálogo somos apresentados a uma série de questões interpessoais que, como podemos perceber, não seriam evidenciadas através da utilização de um questionário, por exemplo. Essas questões qualificaram as discussões a

respeito do audiovisual como possibilidade de revelar as experiências vivenciadas pelos agricultores.

Nesse sentido, apontamos por fim que o diálogo se apresenta como elemento fundamental para a transformação social, autonomia dos indivíduos e reconhecimento de suas ações dentro da perspectiva da Agroecologia. Essa importância se revela, principalmente, ao abordarmos a dimensão ética, na qual a construção desse conhecimento deve se basear na premissa de igualdade e do respeito entre os indivíduos.

Percebemos que essa noção ética é profundamente contemplada na visão dos agricultores, se relacionando tanto com os demais indivíduos quanto com a terra. Nesse sentido percebemos que as questões referentes às problemáticas humanas só podem ser construídas a partir do diálogo como instrumento central para o entendimento e transformação social.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 2001.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. ed. Expressão Popular: São Paulo, 2012.

ALTIERI, M. et al. **Agroecologia**: Bases científicas para uma agricultura sustentable., Montevideo/UY: Editora Nordan, 1999.

BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992.

BAUMAN, Z. Vida para consumo: A transformação das pessoas em Mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERIAIN, J. BECK, U. Las Consecuencias Perversas de la modernidad modernidad, contingencia y riesgo. **Teoria de la Modernizacion Reflexiva**. Barcelona: Anthropos, 1996.

BORIN, J. **Brasil Rural na Virada do Milênio** - Encontro de Pesquisadores e Jornalistas. São Paulo: Editora USP, 2001.

BRASIL. Lei Nº 10.831, de 23 de Dezembro de 2003 que dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. **Presidência da República**, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/leis/2003/L10.831.htm>. Acesso em: 22 dez. 2017.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Perspectivas para uma nova extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.1, n.1, p. 16-37, 2000.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural**: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável. Brasília: MDA/SAF/DATER. 2007.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A; G. PAULUS. **Agroecologia**: matriz disciplinar ou novo paradigma para desenvolvimento rural sustentável. Florianópolis: III Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2005.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CHAMBERS, R. Participatory Rural Appraisals: past, present and future. **Forests, Trees and People Newsletter**. Roma: FAO, n. 15/16, p. 4-9, fev. 1992.

Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COSTABEBER, J. A.; Acción Colectiva y Procesos de Transición Agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil. 1998. 422f. Tese (Doutorado) - Escuela Técnica Superior de Ingenieros Agrónomos y de Montes, Universidad de Córdoba, Córdoba, 1998.

CORAGGIO, J. L. **Economía social y solidaria**: El trabajo antes que el capital. Quito, Fundación Rosa Luxemburgo, 2011.

DALY, H. **Crescimento Sustentável? Não, Obrigado**. In: Ambiente & Sociedade, Vol. VII nº. 2 jul./dez. 2004.

DALY, H. E. **Economía, Ecología y Ética**: Ensayos hacia una economía estacionaria. México, Fondo de Cultura Económica, 1989

DUBOIS, P. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ESTEVA, G. Dicionário do Desenvolvimento: Desenvolvimento. In. SACHS, W. **Guia para o Conhecimento como poder**, 2000.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 42-62.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FROME, M. **Green Ink**: uma Introdução ao Jornalismo Ambiental. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

FROMM, E. **A Revolução da Esperança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: Processos ecológicos em Agricultura Sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GLIESSMAN, S. R. et al. **Agroecología**: promoviendo una transición hacia la sostenibilidad. Ecosistemas. Espanha. v. 16, n. 1, p. 13-23. 2007.

GOODLAND, R.; DALY, H.; SERAFY, S.; DROSTE, B. **Medio ambiente y desarrollo sostenible**: Más Allá del Informe Brundtland. Madrid: Trotta, 1997.

GUZMAN, E. S. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan/mar, 2002

GUZMAN, E. S. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Agroecologia e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2005.

HABERMAS, J. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. **Técnica e Ciência Como Ideologia**. Lisboa: Editora Setenta, 2009.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

_____. **Teoria do Agir Comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução. Luiz Repa. São Paulo: 2003.

IBGE Cidades. Município de Santa Maria, Rio Grande do Sul: acessado em 11/11/2016: <http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/4316907>

IBGE Cidades. Município de Santiago, Rio Grande do Sul: acessado em 11/11/2016: <http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/4317400>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário – 2006. Brasil, 2006.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LEFF, E. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez. 2010.

MASERA, O.; ASTIER, M.; LOPEZ-RIDAURA, S. **Sustentabilidad y manejo de recursos naturales: el marco de evaluación MESMIS**. México: GIRA. 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. Estocolmo. 1972.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro. 1992.

PASQUALOTTO, N. **Avaliação da Sustentabilidade em Agroecossistemas Hortícolas, com Base de Produção na Agroecologia e na Agricultura Familiar, na Microrregião de Pato Branco –PR**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco 2013.

PINHEIRO, R. O.; GUIMARÃES, G. M. Tecnologias Educacionais em Rede Como Mediadoras do Ensino-Aprendizagem da Agroecologia: Produção e Uso do Audiovisual nas

Ciências Agrárias. In: **Extensão Rural**, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v.24, n.3, jul./set. 2017.

PINTO, J. B. G. **Pesquisa-Ação**: Detalhamento de sua sequência metodológica. Recife: Mimeo, 1989.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL: Versão Final: 25/05/2004. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), Grupo de Trabalho Ater, 2004, 22p. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Pnater.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL: Versão Final: 25/05/2004. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), Grupo de Trabalho Ater, 2004, 22p. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Pnater.pdf>. Acesso em: 15/10/2015.

RHOADES, R. E., BOOTH, R. Farmer back to farmer: a model for generating acceptable agricultural technology. Washington/DC: Agri. 1982

ROMEIRO, A. R., **Perspectivas para políticas Agroambientais, Dimensões do Agronegócio Brasileiro Tendências e Debates Contemporâneos**, Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2007.

SANTOS, B. S de. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, B. S de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Coimbra. **Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]**., n 63, p. 237-280, Oct. 2002. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/1285>>. Acesso em: 10 out. 2017. DOI: 10.4000/rccs.1285.

SEVILLA GUZMAN, E. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan/mar, 2002

SILVA, J. G. **O novo rural brasileiro**. In: Revista Nova Economia, Belo Horizonte, v.7, nº 1, p.43-81, 1997.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES TERRITORIAIS MDA. Mapa Território Região Central. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br/download.php?ac=obterDadosBas&m=4310538>>. Acesso em: 7/12/2016

SUMÁRIO DE INFORMAÇÕES: **Assistência Técnica e Extensão Rural**. 7.ed, Porto Alegre:Emater/RS-Ascar, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

10. APÊNDICE 1

Roteiros Vídeo Decupagem Agricultores Participantes da Pesquisa:

Roteiro Vídeo Família Streck	
Entrevistados: Dora e Oldemar Streck	
Imagens: Maurício Machado Sena	
Data: 30/09/2017	
Localização: Palma, Santa Maria - GPS: 29°43'57.1"S 53°31'47.8"W	
<p>Tema proposto: Fiscalização</p> <p>Arquivo: MVI_8510</p> <p>Duração: 12min44s</p>	<p>Oldemar 2min50s – É que na verdade a fiscalização é uma coisa que pra nós, lá na feira, sempre teve medo em cima disso...</p> <p>Oldemar 4min12s – A gente ta trabalhando, a gente ta construindo uma família, a gente ta vivendo disso, então a gente se sente coagido, se sente impotente.</p> <p>Oldemar 5min24s – Esse modelo de cultura, de vivência, de ter esses produtos, de fazer esses produtos saudável sempre existiu...</p> <p>Oldemar 6min06s – e nós se criemo com nossos antepassados comendo esse tipo de coisa, mais saudável, mais limpa.</p> <p>Oldemar 6min18s – A gente sai de manhã cedo com os produtos da gente, tem uma feira pública, e uma feira de economia solidária...</p> <p>Oldemar 6min45s – a gente sabe que ta fazendo um produto de alta qualidade, porque se tu fizer</p>

	<p>uma coisa errada uma vez tu não vende de novo.</p> <p>9min25s – Em vez de melhorar a qualidade dos produtos saudáveis e ter mais produção saudável no país, vai ter menos...</p> <p>10min22s – que vai ser dos jovens que querem ficar na agricultura, pra que, pra ser escravo dos outros, não vale a pena.</p> <p>10min47s - Nós não temos como se adaptar 100% a isso, dai a gente teria que investir muito alto...</p> <p>11min25s – dali tem que ter dinheiro, se eu for no médico não adiante eu levar uma dúzia de ovos que ele não vai aceitar.</p>
<p>Tema proposto: Comercialização</p> <p>Arquivo: MVI_8511</p> <p>Duração: 12min31s</p>	<p>35s - É triste pra gente que se criou nisso, que a gente veio de família de agricultores, de cultura de produção dessas coisas...</p> <p>Oldemar 59s – desde que eu me conheço por gente, ouvi meus avôs, nunca teve essa força de legislação em cima pra que tu parasse.</p> <p>Dora 3min18s – Aquele último que levou uma dúzia de ovo, ele ficou assim na dúvida..</p> <p>3min50s – É todo s´bado uma dúzia pra ela, e esse pessoal te pergunta, “mas goras como fico, aonde eu vou?”</p> <p>Oldemar 4min03s – A nossa índole não permite tu ficar, tu tem que se esconder.</p>

<p>Tema proposto: Independência</p> <p>Arquivo: MVI_8511</p> <p>Duração: 12min31s</p>	<p>Oldemar</p> <p>10min46s – É uma coisa de muito suor, de muita mesa redonda conversando com a gente, com os filhos...</p> <p>12min17s – dentro daquela renda a gente criou a harmonia ambiental, pra tu se sentir bem, pra tu ter um lugar, que nem nós estamos sentados aqui e se sentir bem na nossa casinha.</p>
<p>Tema proposto: Qualidade de vida</p> <p>Arquivo: MVI_8512</p> <p>Duração: 12min31s</p>	<p>Oldemar</p> <p>42s – E hoje graças a Deus, da tempo de n[ós chegar tomar um chimarrão e conversar...</p> <p>1min13s – ele entra e sai pra melhoria dos produtos.</p> <p>Oldemar</p> <p>2min21s – A propriedade em si ta qualificada, ta dentro de uma padrão de qualidade e isso trás um retorno pra gente na qualidade de vida.</p> <p>2min58s – a vaquinha vem, e praticamente, não te da um abraço, mas tu da um abraço ele sente que tu ta cuidando dele diferente.</p> <p>Oldemar</p> <p>3min19s – A gente criou esse padrão, pra hoje ter essa harmonia e essa felicidade dentro da propriedade...</p> <p>4min15s – então isso tudo é qualidade de vida pra nós, é qualidade de produção e ao mesmo tempo é qualidade e harmonia na propriedade</p>

<p style="text-align: right;">Oldemar</p>	<p>5min11s – A gente sabe cada centímetro, cada palmo, cada cantinho, tem uma gota de suor, uma gota de carinho, uma gota de amor do casal da família, pra que isso teje lindo, teje bonito, então tu chegar no ponto de ter que dizer assim, olha nós temos que parar porque a legislação não nos alcança.</p>
<p>Tema proposto: Certificação Arquivo: MVI_8512 Duração: 12min31s</p> <p style="text-align: right;">Oldemar</p>	<p>9min31s – A parte orgânica era sempre um sonho era um sonho dentro do projeto esperança...</p> <p>10min30s – Os que queriam que a caminhada orgânica continuasse era cada vez menor, o grupo pensamento orgânico era cada vez menor...</p>
<p>Tema proposto: Certificação Arquivo: MVI_8513 Duração: 12min27s</p> <p style="text-align: right;">Oldemar</p> <p style="text-align: right;">Oldemar</p>	<p>10s – A gente sabe da caminhada, sabe como é que é, nós levamos 3 anos até que conseguimos o certificado...</p> <p>1min – triste que a parte convencional sempre vence porque é maioria não precisa de explicação, não precisa de respaldo.</p> <p>2min52s – Parece que aquele que quer ta 100% legal é o cara que mais patina, é o cara que mais paga...</p> <p>4min4s –porque se dar qualquer zebra, ou qualquer pessoa quer fazer mal de ti, ele compra um produto e diz que foi com selo e coisa assim, tu te ferra.</p>

	<p>Dora</p> <p>4min50s – O pessoal chegava e dizia assim, “tu tem mais? Então deixa já deixa na sacola uma três pra mim” o primeiro que chegar de manhã já levava...</p> <p>5min15s – eu sei que a primeira cliente que chega leva, porque ela sabe o que ta vindo ali.</p> <p>5min24s – Esse é o lado gratificante de tudo é isso, tu deu um passo com dificuldade, tu conseguiu aquela certificação...</p> <p>5min53s – como se ela tivesse tomando um remédio, de tão saudável que é, então isso faz a gente voltar pra casa com mais ânimo, com mais alegria.</p> <p>10min10s – Pra nós foi uma conquista pessoal da família, não foi benéfica, no sentido de melhorar a renda, ou ter mais visão.</p>
<p>Tema proposto: Reconhecimento</p> <p>Arquivo: MVI_8514</p> <p>Duração: 09min19s</p>	<p>Oldemar</p> <p>58s – A gente sempre foi muito participativo, sempre que deu dentro de nossas possibilidade das reuniões das feiras...</p> <p>1min36s – a gente ta sempre participando, porque ainda é um bem maior da gente e ainda é um bem que a gente depende dele.</p> <p>1min48s – Isso de lá, pra gente, já é parte da vida da gente, os colega lá são família da gente...</p> <p>2min16s – e aqui é a família individual em</p>

	<p>casa, mas lá é a família grande e essa família a gente abraça sempre.</p>
Dora	<p>2min42s – Ai já te dá aquele ânimo, quanto mais perto tu chega, mais feliz tu fica, tu chega é bom dia...</p> <p>3min16s – e nesses 17 anos, eu acho que se nós faltamos 3 sábados, é muito, e por motivo assim de nós ter saído e alguém foi no nosso lugar, o cliente não ficou sem o nosso produto</p>
Oldemar	<p>6min10s – Então é muito gratificante essas coisas, tu te judia, tu ajuda, tu abraça, tu arremanga...</p> <p>6min30s – e tudo é pelo bem comum de todos, tu sempre pensa, assim, na família toda e o projeto é nossa família.</p>
Oldemar	<p>7min17s – Vou te dizer quase como uma parábola, o nosso trabalho que começa domingo de noite, ele para no outro sábado depois da feira...</p> <p>7min55s – tu esquece de dor e osso, de perna, de dor de cabeça, quando tu enxerga o primeiro cliente.</p>

Roteiro Vídeo Família Da Silva

Entrevistado: João Antônio da Silva

Imagens: Maurício Machado Sena

<p>Data: 07/10/2017</p> <p>Localização: Pains, Santa Maria - GPS: -29°44'03.2"S -53°40'05.0"W</p>	
<p>Tema proposto: Trabalho</p> <p>Arquivo: MVI_8569</p> <p>Duração: 10min47s</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>5min07s – Em princípio, eu me criei no interior, lidando com isso desde criança...</p> <p>6min – não é fácil, tem que ter vontade e gostar do que faz.</p> <p>6min05s – A gente começo a parte da horta, não pro comércio...</p> <p>7min – não tinha nada nessa chácara, só esses pé de laranjeira velha, e o resto foi tudo eu que fiz.</p>
<p>Tema proposto: Conhecimento</p> <p>Arquivo: MVI_8569</p> <p>Duração: 10min47s</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>7min07s – O início eu fiz os cursos com o Professor Diniz, em citrus, pra depois implantar o pomar...</p> <p>7min40s – internet e informação eu não confio muito, e ali não, a gente chega, fui bem atendido, e deu no que deu.</p> <p>8min20s – A prática eu achei que sabia tudo, e em parte a gente sabe tudo, eu me criei com isso...</p> <p>9min20s – eu pelo contrário já tinha a prática, e talvez tenha feito muita coisa errada, e pra mim foi mais fácil por ter passado muito trabalho na prática, e muita coisa aqui eu criei,</p>

<p>Tema proposto: Relação Universidade Arquivo: MVI_8570 Duração: 13min04s</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>2min10s – Os técnicos poderiam quando surgisse um problema aqui, acompanhar mais, na prática, isso é importante...</p> <p>2min35s – e isso eu não sei porque não acontece.</p> <p>3min – Eu acho que melhoraria bastante pra ele (estudantes) e pra gente também, porque a gente tem a prática, e ele não tem...</p> <p>3min20s – pra mim seria fácil e pra ele também, porque ele vais sair formado de lá, mas na prática não nada, na realidade do campo.</p> <p>10min50s – Quando a gente iniciou com esse projeto dos orgânicos, cadê a gurizada que começo com nós?...</p> <p>11min20s – o bom é se ficasse no projeto do início ao fim, mas acontece, essa desistência é normal.</p>
<p>Tema proposto: Relação Feirantes Arquivo: MVI_8571 Duração: 12min24s</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>1min40s – Eu tentei fazer parceria, aqui, tipo assim tem janelas de produtos que tu não consegue produzir...</p> <p>2min50s – tem gente que tá com o convencional na cabeça e vai ser difícil mudar.</p> <p>3min38s – Meu negócio é outro, eu enxergo por outro ângulo, o meu negócio é ter um produto bom e satisfazer o cliente...</p>

	4min15s – poderia te falar mais coisa, mas não vou te falar muito.
<p>Tema proposto: Certificação II</p> <p>Arquivo: MVI_8571</p> <p>Duração: 12min24s</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>05min25s – É uma satisfação ter conseguido isso, comercial e financeira, não é atoa que eu estou em cima disso...</p> <p>6min50s – mudar de repente tudo não vai ser fácil, vai ser lento, mas quem se dedicar pra isso vai ter vantagem, agora e lá na frente.</p> <p>7min – Eu pelo menos agreguei valor ao meu produto, o pessoal não reclama preço...</p> <p>8min22s – isso é importante o financeiro pra gente, não é à toa que a gente passa esse trabalho, e o consumidor reconhece isso, sabe que o produto é bom.</p>
<p>Tema proposto: Retorno</p> <p>Arquivo: MVI_8571</p> <p>Duração: 12min24s</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>09min10s – Desde criança eu vivi da agricultura e saí, mas a minha mentalidade era sempre vir embora eu não aguentava mais o centro da cidade grande...</p> <p>9min59s – a qualidade de vida depois que eu vim embora mudou, sei lá, uns 100 %.</p> <p>10min – Lá a gente vivia estressado, incomodado, hoje a gente trabalha o físico não tanto o mental, mas eu me sinto bem em todos os aspectos ...</p>

	10min35s – hoje se tu me convidar pra morar no centro eu não vou, falo qualquer outra coisa, a menos que seja um motivo, que não tenha outra opção.
<p>Tema proposto: Sucessão</p> <p>Arquivo: MVI_8571</p> <p>Duração: 12min24s</p> <p>João Antônio da Silva</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>10min36s – E as criança também querem ficar aqui, não querem morar no centro de jeito nenhum, a minha mulher também gosta daqui.</p> <p>11min05s – O necessário da minha parte eu to fazendo, principalmente nessa linha de orgânico...</p> <p>11min50s – ele tem vontade e gosta, mas a gente nunca sabe o dia de amanhã, mas a gente vai fazer de tudo para os dois ficar aqui, e eles já entendem muita coisa.</p>
<p>Tema proposto: Qualidade de vida</p> <p>Arquivo: MVI_8572</p> <p>Duração: 3min34s</p> <p>João Antônio da Silva</p>	<p>02s – O cuidado que a gente ta tendo aqui, pra não usar químico nem nada, isso agrega uma qualidade de vida pra própria terra ...</p> <p>1min50s – não é só fazer e vender pra ganhar dinheiro, tu tá colaborando com vários itens na volta, as pessoas não enxergam isso, mas a realidade é isso dai.</p>

Roteiro Vídeo Família Vielmo

Entrevistados: Roberto, Núbia e Júlia Vielmo

Imagens: Maurício Machado Sena

Data: 14/10/2017

Localização: Boqueirão, Santiago - GPS: -29°18'39.2"S -54°56'36.3"W	
<p>Tema proposto: Trabalho</p> <p>Arquivo: MVI_8605</p> <p>Duração: 12min41s</p>	<p>Núbia</p> <p>1min25s – O que acontece com os orgânicos? Por que nós entramos nos orgânicos? Porque era uma tendência...</p> <p>2min10s – como nós somos feirantes tem que ter variedade, e como o agricultor é movido pelo clima, um produto que não dá, mas tem outro que já te dá um resultado.</p> <p>2min18s – E assim tu vai conhecendo a tua terra, as vezes a gente chega a decisão de que não vamos produzir tal coisa...</p> <p>2min55s – então o que a gente tá fazendo pra solucionar essa parte da mão de obra, que a gente não tem, se mecanizando, tudo que a gente pode fazer pra diminuir a nossa mão de obra a gente tá fazendo.</p> <p>Roberto</p> <p>3min – Uma questão de nós ter aumentado a produção é o seguinte, o que acontece, a merenda escolar tem de todos os agricultores, alface, brocoli...</p> <p>4min15s – pra saber como é produzido o alimento que elas comem, como é feito como é o processo.</p> <p>Núbia</p> <p>4min30s – Sempre que a gente tem demanda, passo a passo, a gente vai aumentando a produção...</p> <p>5min20s – até o pessoal que vem fazer pesquisa com nós não tem extensão tão</p>

	<p>grande de produtos, no máximo é 5 ou 6, e quando chegam aqui eles têm que colocar uma folha anexa.</p>
<p>Tema proposto: Conhecimento Arquivo: MVI_8605 Duração: 12min41s</p>	<p>7min55s – A questão prática nossa a gente ta na tentativa e erro...</p> <p>Roberto 8min20s – eu parar com a administração e tentar a agronomia, que nos ta fazendo mais falta.</p> <p>Núbia 8min30s – Na parte de verduras é pra ontem, não tem como tu olhar e estudar esse problema, e daqui uma semana dizer...</p> <p>10min20s – ou eu tenho um ácaro nos meus morango, qual a solução praquilo ali, o que a gente precisa? A gente precisa de um profissional assim.</p> <p>Roberto 10min25s - A gente precisa de um profissional que entenda de horta, de verdura, de pouca produção...</p> <p>10min55s – Não vai beneficiar só eu e mãe aqui, vai beneficiar o grupo dos orgânicos e os outros produtores, são 101 produtores de hortaliças em Santiago.</p> <p>Núbia 12min10s – Agora a gente tem uma palestra dia 19 na URI, e até eu vou questionar para os estudantes, qual deles que vai se especializar em horticultura?...</p> <p>12min40s – Precisamos de um produtor que seja formado em agronomia. Porque ele vai</p>

	ter a experiência dele, lá na faculdade e vai ter a experiência na terra
<p>Tema proposto: Palnejamento</p> <p>Arquivo: MVI_8606</p> <p>Duração: 12min44s</p>	<p>2min55s – Quando a gente começou esse negócio, esse negócio veio de antes, de muito antes, e pra gente chegar até aqui demorou muitos anos.</p> <p>Roberto</p> <p>Núbia 3min – Esse projeto que nós temos hoje, nós ficamos sonhando 12 anos, com ele escrito num papel...</p> <p>4min05s – se eu plantar um pé de figueira provavelmente eu não vá sentar embaixo da sombra dela, mas a minha fila a minha neta vai.</p> <p>Núbia 4min16s – eu to trabalhando hoje pro futuro dos meus filhos amanhã.</p> <p>5min – Nós somos agricultores por opção, não por falta de opção.</p> <p>Núbia/Roberto 8min44s – Tu tem que gostar do que tu faz, não adianta tu querer ser agricultor e não gostar de ser agricultor...</p> <p>9min20s – e a gente tem bastante problema, com o clima, com doença, com insetos, mas tu tem que sempre correr na frente.</p>
<p>Tema proposto: Resiliência</p> <p>Arquivo: MVI_8606</p> <p>Duração: 12min44s</p>	<p>9min50s – Eu tava doente, não podia comer hortaliça, fruta convencional, e quando fui</p>

	<p>Roberto comprar em Porto Alegre, que era o único lugar que eu sabia que não tinha agrotóxico, era caríssimo...</p> <p>11min5s – mas eu não boto um preço muito exorbitante do mercado, porque a pessoa tem que ter condições de, como diz uma cliente nossa, de buscar saúde.</p> <p>Núbia 11min30s – A gente sempre vê a oportunidade de crescer nas dificuldades...</p> <p>12min05s – e as ideias parece que surgem mais no momento de dificuldade.</p>
<p>Tema proposto: Empreendedorismo</p> <p>Arquivo: MVI_8607</p> <p>Duração: 12min39s</p>	<p>Núbia 4min58s – A gente tem um conhecimento geral sobre tudo, e sempre tratou isso aqui como uma empresa...</p> <p>6min05s – a gente não teria entrada de fora de Santiago, se todo os produtores se unissem e não se vissem como concorrentes.</p>
<p>Tema proposto: Saúde</p> <p>Arquivo: MVI_8609</p> <p>Duração: 12min23s</p>	<p>Núbia 6min10s – A saúde foi o que nos trouxe pra cá, foi o momento que acordou nós pra tudo, acordou pra vida...</p> <p>6min55s – se ve com o Roberto doente, uma questão muito grave, e a alimentação dele era essencial.</p> <p>Núbia 7min55s – O pessoal pensa que plantar orgânico é não usar o agrotóxico...</p> <p>8min38s – Eu sempre digo a saúde é em</p>

	<p>primeiro lugar para tudo, se tu tem saúde o resto tu ta sempre correndo atrás.</p> <p>Núbia 8min50s – Graças a Deus fomos abençoados e o Roberto ficou curado, e foi um dos únicos casos de cura no mundo...</p> <p>9min30s – eles não pensam no veneno, e quando a gente começou a ver essa questão, que a gente começa a abrir o olho pra isso.</p> <p>Roberto 11min40s – Outra questão que influenciou a gente, na questão da saúde, foi a união familiar, porque a gente era muito desunido...</p> <p>12min18s – quando a gente passa por esse processo a gente começou a ficar mais fechado, mais família.</p>
<p>Tema proposto: Certificação</p> <p>Arquivo: MVI_8610</p> <p>Duração: 7min03s</p>	<p>Núbia 30s – A gente tem um nome a zelar, a gente tem um compromisso, e o compromisso da gente é maior que qualquer coisa...</p> <p>1min10s – tava o pessoal do ministério da agricultura, e o conhecimento dels é bem menor do que o nosso.</p> <p>Roberto 1min14s – Eles ainda tem aquela ideia de que a produção orgânica é pequena, é feia é com bicho.</p> <p>Núbia 1min40s – É uma questão de conhecimento, na verdade, e tem que ter uma palavra, manter aquilo que tu acredita...</p> <p>2min17 – agora tem que definir, o que é</p>

	orgânico e o que é livre de agrotóxico, são duas coisa bem diferentes.
--	--

<p>Roteiro Vídeo Família Silva-Garcia</p> <p>Entrevistados: Carmen, Tais e Mauricio</p> <p>Imagens: Maurício Machado Sena</p> <p>Data: 14/11/2017</p> <p>Localização: Pains, Santa Maria - GPS: 29°43'59.8"S 53°41'40.3"W</p>	
<p>Tema proposto: Conhecimento</p> <p>Arquivo: MVI_8707</p> <p>Duração: 12min37s</p>	<p>Carmen</p> <p>1min23s – Essa relação vai surgindo, porque a gente migrou de um mundo urbano pra uma vida, digamos, na agroecologia...</p> <p>2min17s – e a gente começou com essa ideia de estudando o orgânico, o que é a produção orgânica, como se faz isso.</p> <p>Tais</p> <p>4min15s – Cada dia a gente faz um curso, a gente vê toda a teoria e quando a gente vai botar na prática, se depara com muitas dificuldades...</p> <p>5min31s – a gente não pode deixar de buscar o teórico pra cada vez, melhorar a nossa prática.</p> <p>Maurício</p> <p>6min23s – A faculdade é bem tecnicista e pouco prática, claro que é necessário essa base teórica...</p> <p>7min25s – É uma agricultura que se fazia antigamente, do tempo dos nossos avós, mas</p>

		porém com muito mais conhecimento técnico, muito mais pesquisa.
Tema proposto: Planejamento Arquivo: MVI_8707 Duração: 12min35s	Carmen	10min40s – Nesse caminho, mesmo não estamos nem há dois anos, e quando olho, eu me assusto porque acho que foi uma caminhada rápida... 12min05s – eu reconheço que foi tudo de uma forma rápida, porque a gente tava naquela conexão daquilo e foi vindo.
Tema proposto: Planejamento Arquivo: MVI_8708 Duração: 12min35s	Carmen	1min10s – Agora a gente ta começando a se organizar mais, eu percebo isso, a gente começou muito querendo trabalhar...
	Tais	2min20s –mas agora muito mais, agora a gente precisa ter um plano de ação, para os próximos 5 anos, para os próximos 10 anos. 4min27s – Eu morava em Porto Alegre e já buscava pela questão da introdução alimentar dela (filha)... 5min40s – eu acho que é bem isso, Santa Maria tem muita carência ainda, e isso é o que mais nos incentiva.
	Maurício	6min50s – A gente pensa também, no que a gente vai deixar, o que a gente vai construir, o que a gente ta fazendo... 7min35 – simplesmente por ter uma etiqueta de orgânico, muitos produtos não tem qualidade.

<p>Tema proposto: Relação Feirantes</p> <p>Arquivo: MVI_8709</p> <p>Duração: 12min31s</p>	<p>Maurício</p> <p>25s – O agricultor quer aquela coisa pronta, não tem aquela curiosidade de experimentar, ou até por aquela questão de perder aquele investimento aquele custo...</p> <p>1min45s – os agricultores do grupo já têm um outro lado, que buscaram a produção orgânica.</p> <p>Carmen</p> <p>3min30s – O mais desafiador, para os agricultor, talvez tenha sido a transição, conseguir sair daquele sistema convencional...</p> <p>4min38s – eu não apenas vou repetir aquilo, porque se eu fico só na repetição eu não consigo perceber nada.</p>
<p>Tema proposto: Responsabilidade</p> <p>Arquivo: MVI_8709</p> <p>Duração: 12min31s</p>	<p>Maurício</p> <p>8min15s – Existe uma responsabilidade grande com aquele cliente, aquilo teve um retorno...</p> <p>9min15s – não é que ela viu num outdoor, ou oouno rádio, é uma coisa que ela ta sentindo que ela ta consumindo.</p> <p>Carmen</p> <p>10min05s – Eu tenho uma crença que só consome orgânico quem quer consumir, se tu vai em busca disso você percebeu a importância disso...</p> <p>10min50s – tu tem com certeza, um agricultor com mais saúde porque não ta entrando em contato com todos esses</p>

<p style="text-align: right;">Carmen</p>	<p>venenos e resíduos.</p> <p>11min – Em segundo lugar, tu não ta colocando no teu solo coisas que estão realmente envenenando...</p> <p>11min50s – Não é só “ai eu produzo alimento orgânico”, olha que tudo que tem nessa cadeia.</p>
<p>Tema proposto: Responsabilidade Arquivo: MVI_8710 Duração: 12min36s</p> <p style="text-align: right;">Tais</p>	<p>5s – A gente sabe que tem muita gente que pega produto que não é orgânico e vende como orgânico...</p> <p>35s – a pessoa confiar no que a gente ta entregando, ta produzindo, pra continuar consumindo.</p>
<p>Tema proposto: Certificação Arquivo: MVI_8710 Duração: 12min36s</p> <p style="text-align: right;">Carmen</p> <p style="text-align: right;">Tais</p>	<p>1min – Dentro de toda a regulamentação da OCS, pra certificação, pra venda direta, pras feiras e tal, e as propriedades abertas para visitaçao...</p> <p>1min41s – não é só porque tu tem um documento em mãos, é porque alguém foi lá e viu que realmente tu ta fazendo.</p> <p>2min03s – A gente já vinha numa produção, e claro, é importante, eu acho que mais pra questão da feira...</p> <p>2min40 –mas eu acho que tem muitas coisas mais importantes que a gente tem pra fazer, além dessa certificação, até pra gente manter essa certificação.</p>

<p>Mauricio</p>	<p>3min – É mais por uma questão legal, de legislação, porque quem usa o agrotóxico, os químicos, não tem que dizer nada...</p> <p>3min40s – desde que o mundo é mundo sempre se produziu alimento orgânico.</p>
<p>Tema proposto: Autonomia Arquivo: MVI_8711 Duração: 59s</p> <p>Tais</p> <p>Carmen</p> <p>Tais</p>	<p>3s – Se, daqui a pouco, tu me convidasse pra vir pra fora, pra trabalhar na terra, com 18, 20 anos eu não ia querer...</p> <p>50s – a nossa caminhada depende da nossa dedicação diária, só de nós.</p> <p>52s – A parte de encerramento, depende só de nós.</p> <p>54 – De mais ninguém.</p>

11. APÊNDICE 2

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, Carmen Etel da Silva, nacionalidade brasileira, estado civil divorciado, portador da Cédula de identidade RG nº. 9026808551, inscrito no CPF/MF sob nº. 2059176020, residente à Av/Rua Estreito dos Fernando, nº. 460, município de Santa Maria /Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Santa Maria, dia 23 de junho de 2018.

(assinatura)

Nome: CARMEN ETEL DA SILVA
 Telefone p/ contato: (55) 99204 4466

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, Taís da Silva Garcia, nacionalidade brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº 4061866713, inscrito no CPF/MF sob nº 054094230-0, residente à Av/Rua Entrada dos Perdomos, nº 460, município de Santa Maria/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Santa Maria, dia 29 de jan de 2018.

Taís Garcia

(assinatura)

Nome: Taís da Silva Garcia
Telefone p/ contato: 55-991831073

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, MAURICIO DA SILVA GARCIA, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG nº 5056575102, inscrito no CPF/MF sob nº 977084360-04, residente à Av/Rua RIO GRANDE DO NORTE, nº 44, município de SANTA MARIA/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Santa Maria, dia 29 de jan de 2018.

Maurício S. Garcia

(assinatura)

Nome: MAURICIO DA SILVA GARCIA
Telefone p/ contato: 55 9 9903 4559

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, Dora Dilo Ehlé Street, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº. 4025346547, inscrito no CPF/MF sob nº 367768239/49, residente à Av/Rua RST287 Palma - 8º Distrito, nº. interior município de Santa Maria/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Santa Maria, dia 27 de Janeiro de 2018.



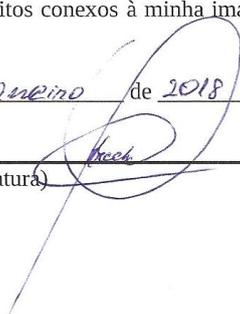
(assinatura)

Nome: Dora Dilo Ehlé Street
 Telefone p/ contato: (55) 999 079747

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, Oldemar Streck, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG nº. 2016494847, inscrito no CPF/MF sob nº 323479290 00, residente à Av/Rua RST287 Palma - 8º Distrito, nº. interior, município de SANTA MARIA/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

SANTA MARIA, dia 27 de Janerio de 2018.



(assinatura)

Nome: OLDEMAR STRECK
 Telefone p/ contato: 55 999 192280

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, João Antonio do Silva, nacionalidade Brasilera, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº. 302924747, inscrito no CPF/MF sob nº 425 120 690 86, residente à Av/Rua Estrela do Colégio, nº. 6773, município de Santa Maria/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Santa Maria, dia 27 de Janeiro de 2018.



(assinatura)

Nome: João Antonio da Silva

Telefone p/ contato: 55 99164 1010

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, ROBERTO VIELMO OLIVEIRA, nacionalidade _____, estado civil Solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº. 1090711985, inscrito no CPF/MF sob nº 017.574.040.23, residente à Av/Rua Est. Boqueiro, nº. 2250, município de Santiago/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

S. Maria, dia 17 de Janeiro de 2018.

Roberto

(assinatura)

Nome: Roberto Viélmo
Telefone p/ contato: 996503040

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (ADULTO)

Neste ato, Nubia Inez Viélmo, nacionalidade _____, estado civil divorciada, portador da Cédula de identidade RG nº. 1037710462, inscrito no CPF/MF sob nº 47037784087, residente à Av/Rua Est. Boqueiro, nº. 2250, município de Santiago/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

S. Maria, dia 17 de Janeiro de 2018.

Nubia Inez Viélmo

(assinatura)

Nome: NUBIA INEZ VIELMO
Telefone p/ contato: 996854806